

Ano XVII — N.º 191

192 ?

JANEIRO-JUNHO, 1949

DEZ

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

PUBLICADA PELO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

REDAÇÃO: — Para a melhoria dos índices de difusão da instrução primária no Estado, Exposição de Motivos, *Dr. Abgar Renault*, Secretário da Educação. — **A PSICOLOGIA DO ADOLESCENTE**, *Prof. Myra e Lopez*. — **COLABORAÇÃO:** — **EDUCAÇÃO SANITÁRIA EXTRA-ESCOLAR**, *Dr. Henrique Furtado Portugal*. — **FATOS À MARGEM DA VIDA ESCOLAR:** — Encerramento do Curso de Férias das professoras rurais em Pasa Tempo, *Dr. Aristides Neves da Silva*. — **INFORMAÇÕES ÚTEIS AO MAGISTÉRIO:** — Como escrever corretamente os números e os símbolos de unidades metrológicas, segundo regras oficiais. — **FERIADOS NACIONAIS, LEI N.º 662.** — «PROGRAMA EM EXPERIÊNCIA» (4.º ano). — **COMPLEMENTO INDISPENSÁVEL**, nota da redação.

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

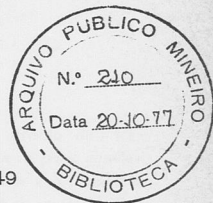
REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

PUBLICADA PELO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

VOLUME I

1.º SEMESTRE DE 1949



BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS

BRASIL

Revista do Ensino

Da Secretaria da Educação

Assumindo, a partir deste número, a direção da "Revista do Ensino", o meu pensamento volta-se para aqueles que, neste posto, em que a virtude marcante é o idealismo sadio, peculiar aos que se identificam com as causas justas e boas e se alentam no firme desejo de bem realizá-las, souberam fazê-la um órgão efetivamente útil ao progresso pedagógico de Minas Gerais.

Não há de minha parte compromissos a assumir, senão o de seguir-lhes o exemplo e pautar a minha conduta pelo espírito público que foi o seu maior e mais edificante exemplo.

Procurarei não desmerecer a tradição que aqui implantaram meus antecessores.

Benjamin Ramos Cesar

Para a melhoria dos índices de difusão da instrução primária no Estado

O projeto de lei do Governo do Estado, dispondo sobre o plano de desenvolvimento do ensino primário, estabelecendo princípios para a criação de unidades escolares e escala de prioridade para a construção de prédios destinados ao seu funcionamento, foi acompanhado da seguinte Exposição de Motivos do Exmo. Sr. Secretário da Educação:

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Em 26 de maio de 1949.

Exmo. Sr. Governador:

Houve por bem vossa excelência honrar-me com a tarefa de estabelecer em projeto de lei, os seguintes critérios a que deverão obedecer a criação e a localização de grupos escolares.

Pareceu-me de bom aviso, tomando por ponto de partida a recomendação de Vossa Excelência, estabelecer, ao mesmo tempo, os critérios que deverão presidir à construção das outras unidades escolares componentes do sistema de ensino primário do Estado, o qual poderá ser oportunamente acrescido de mais uma categoria: o centro regional definido, no § 5.º, do art. 2.º, do projeto de lei anexo, como núcleo de condensação e irradiação pedagógica, que poderá vir a ser poderoso instrumento de elevação do nível do ensino mineiro.

Aliás, a necessidade de planejamento objetivo para o desenvolvimento da rede escolar de Minas Gerais é assunto que tem preocupado Vossa Excelência, a cujo alto espírito

não escapa a necessidade de urgente melhoria dos índices de difusão da instrução primária em todo o Estado, nem a de tornar mais equitativa a distribuição de novas unidades que vierem a criar-se.

O projeto de lei, que apresento à consideração de Vossa Excelência, encara, portanto, esses dois aspectos fundamentais da questão, que outro — o planejamento da formação de professores — deverá completar. Por esta forma, os elementos primaciais do desenvolvimento do sistema escolar serão regulados: a criação e a localização das escolas, a construção de edifícios, a formação de pessoal docente.

Com relação ao primeiro, o projeto estabelece que, dentro em cinco anos, o Estado venha a atender 80% da população escolar, em todos os seus municípios, e tanto nas cidades e nas vilas, quanto nas zonas rurais. A taxa de 80% é considerada pelos especialistas em organização escolar como plenamente satisfatória. De feito, em Minas Gerais, por exemplo, a cooperação particular atende 2,50% da população escolar e cerca de 10% dessa população são representados por deficientes, seja do ponto de vista físico, seja do ponto de vista mental, não podem freqüentar escolas comuns senão estabelecimentos de ensino emendativo que o Estado não possui em número bastante, nem poderá vir a criar imediatamente, dado o custo elevado da instalação e da manutenção de qualquer deles. Acresce que certa percentagem dessa mesma população ainda não calculada, mas não desprezível, está de tal modo dispersa que a ação da escola não pode atingi-la.

Ainda assim, o coeficiente apontado virá a exigir consideráveis esforços da parte do Estado, pela simples razão de que, no momento atual, no máximo 20% da população em idade escolar (ou seja 1/5 da população geral) são atendidos pelas escolas primárias existentes. Será necessário que se criem pelo menos 6.000 classes de ensino e se utilize igual número de professoras, a fim de poder esse lamentável "deficit" ser coberto.

E não importará apenas a criação das escolas, mas a sua boa distribuição ou localização, onde mais possam pro-

duzir, isto é, onde sejam mais bem aproveitados e onde corram para igualar as oportunidades educacionais que a todos devem ser oferecidas, em razão de preceito constitucional e de claro princípio de justiça social.

O projeto estatui, portanto, que as novas classes ou escolas sejam localizadas segundo plano que tenda a estabelecer essa igualdade de oportunidades entre todos os municípios e entre as zonas urbanas e as zonas de cada município.

Quando se cria em zona urbana, por exemplo, uma escola isolada para menos de 100 (cem) alunos, está fatalmente sendo prejudicado um agrupamento maior de alunos em outro ponto da cidade ou da vila ou em outra região. Nas condições presentes, não é possível matrícula mais baixa de que 100 (cem) alunos, devendo, pois, a escola isolada funcionar em 2 (dois) turnos afim de ser o mais bem aproveitada possível.

Nem é lícito esquecer o fenômeno da queda de frequência ou evasão escolar, que atinge proporções muito sérias e de que resulta desperdício grave de dinheiro. Citaremos um exemplo só: em 1947, o Grupo Escolar de Santo Antônio do Amparo iniciou as suas atividades com 405 alunos e encerrou-as, ao fim do ano letivo, com 259.

Da adoção dos critérios que o projeto estabelece se originará uma escala de preferência ou prioridade fundada em dados estatísticos sobre a população geral do Estado, urbana e rural, a população escolar matriculada e a não matriculada, e em dados comparativos das necessidades dos vários municípios entre si, quer quanto a cidades, quer quanto a vilas, quer quanto a povoados, bem como das necessidades de vilas e povoados de um mesmo e só município.

Por este meio ficará assegurado o estudo das condições dos municípios entre si, de cada município isoladamente, das cidades em geral, de cada cidade no município a que pertencer, das vilas e povoados em conjunto, das vilas e povoados dentro de cada município.

Sem este estudo global não será possível estabelecer princípios gerais objetivos e justos que atendam preferencialmen-

te as localidades mais necessitadas de assistência educacional e extingam, aos poucos, as disparidades existentes entre os vários municípios e entre as localidades de cada município.

Com efeito, municípios há em que, por uma razão ou por outra, numerosas escolas funcionam em edifícios próprios, de conveniente construção pedagógica, ao passo que existem outros em que rara ou nenhuma escola dispõe de instalações ao menos razoáveis. São tais a desigualdade e a ausência de critérios, que há núcleos de 20 a 30 crianças com escola e agrupamentos de 100 e mais crianças sem escola. Inúmeras situações da mesma natureza persistem no Estado, mau grado o esforço do Governo de Vossa Excelência por corrigi-las. A fim de pôr-lhes termo, o parágrafo único do art. 5.º determina que na elaboração da escala de prioridade se considere sempre a percentagem de classes adequadamente instaladas em prédios próprios sobre o total das classes existentes, de modo que desapareça a disparidade entre localidades de um município e entre municípios entre si.

A preocupação dominante do projeto foi estabelecer critérios objetivos dentro das dimensões mineiras. Assim é que, levando em consideração as condições econômicas e financeiras do Estado, já o parágrafo 1.º do artigo 2.º fixa em 40 (quarenta) o número mínimo de alunos, como condição indispensável para a criação de escolas isoladas em propriedades rurais.

Nas instruções técnicas foi fixado em 50 (cinquenta) o número mínimo de casas por povoado como um dos três índices elementares cuja média aritmética exprimirá o índice geral das condições de cada município. Aquêl número multiplicado por 7 (sete), que é o número médio de habitantes por casa, exprimirá a população de um povoado ou seja — 350 (trezentos e cinquenta) habitantes, número êsse que, multiplicado por 20 (vinte) aproximadamente, que é a percentagem média da população escolar considerada, expressará, por sua vez, a população escolar total, isto é, 70 (setenta) habitantes, 80% da qual, ou seja — cerca de 56 (cinquenta e seis) habitantes, constituem o menor agrupamento de crianças a que o

Estado pode, nas suas condições do presente, e poderá, nas do futuro mais ou menos próximo, ministrar ensino primário em povoados.

Adotamos o número 50 (cinquenta) como o mínimo de casas por povoado para os efeitos do projeto, tendo em mira a situação do Estado, que não permite atender tôda a população escolar, em virtude de sua falta de fixação e de dispersão em grupos altamente rarefeitos. Não há esconder a realidade mineira: é absolutamente impossível, nas condições atuais, dar o Governo assistência educacional a tôda a população rural.

O número 100 (cem) foi adotado como o contingente mínimo de matrícula capaz de justificar a criação de uma escola em perímetro urbano de cidade ou vila, porque é incompreensível com a situação do Estado, admitir número mais baixo em zonas de certa densidade de população. Seria indefensável — onde a população é mais concentrada — dispersar e fragmentar escolas em vez de concentrá-las. Evidentemente, a intenção da lei é que essa escola funcione em dois turnos, como, aliás, ficou assinalado acima.

A diferença de idades que figura no parágrafo único do art. 1.º é explicada pelo fato de constar de 4 (quatro) anos no mínimo o curso primário em cidades e vilas e de 3 (três) anos em zonas rurais, nada impedindo, entretanto, que a população escolar básica — de 7 a 12 — e de 7 a 11 anos — se adicione a de idade entre 12 e 14 anos que não saiba ler ainda, com o que se atenderão não apenas os ainda não matriculados, mas também os repetentes. O limite de 14 anos é o que deve ser fixado, pois a contar de 15 anos o ensino a que se deve recorrer não é mais o primário: é o ensino supletivo.

As exigências constantes da alínea "F" do artigo 4.º para a criação de escolas reunidas poderão afigurar-se fortes ou excessivas. Não o são. O que se visa é tornar possível, desde logo, mediante o preenchimento de poucos requisitos, a sua transformação em grupo escolar.

O art. 7.º determina se estudem projetos para a construção de prédios escolares e se adotem "padrões que obedecem

a critério de extrema simplicidade, de extrema economia, adaptáveis às condições locais de clima e susceptíveis de arcêscimo futuro.

A exigência de simplicidade e economia extremas é imperiosa. Como já afirmamos em outra oportunidade, urge começarmos a administrar dentro das dimensões brasileiras, pondo fim à mania de grandeza que nos caracteriza como povo. Em matéria de prédios públicos, os nossos erros são tremendos, e é preciso que os resgatemos, adotando linha da mais severa modéstia.

Fiel a esse pensamento, o projeto fixa em 44 (quarenta e quatro) metros quadrados, em vez de em 48 (quarenta e oito), as dimensões das salas de aulas, pois a realidade é esta: da queda de frequência resulta, pode afirmar-se quase invariavelmente, o não aproveitamento de pelo menos 4 (quatro) metros quadrados, em cada sala, e essa redução de 4 (quatro) metros multiplicada pelas 6.000 classes de que necessita o Estado equivalerá a 24.000 (vinte e quatro mil) metro quadrados e representará uma economia de Cr\$ 13.633.344,00 (treze milhões, seiscentos e quarenta e quatro cruzeiros).

Precisamos, como ficou assinalado, de 6.000 (seis mil) classes. Se as construirmos, como a lei prescreve, isto é, extremamente econômicas, custarão Cr\$ 136.363.656,00 (cento e trinta e seis milhões, trezentos e sessenta e três mil e seiscentos e cinqüenta seis cruzeiros) pelo preço médio de 25.000 (vinte e cinco mil cruzeiros) por classe, ou seja uma despesa anual de Cr\$ 27.272.730,00 (vinte e sete milhões, duzentos e setenta e dois mil, setecentos e trinta cruzeiros), quantia que está dentro das possibilidades do Estado, desde que se levem em linha de conta o auxílio federal, que é certo, e as contribuições municipais e as de particulares, que são possíveis.

A execução da lei não será difícil como poderá dar a parecer, à primeira vista, o rigor técnico dos dados de que se lançou mão. A Secretaria de Educação está aparelhada, por intermédio do seu Serviço de Estatística Educacional, para

preparar a escala de prioridade a que as construções deverão obedecer, sem consideração outra que as necessidades reais do povoado, da vila e da cidade em matéria de espaço escolar para o ensino primário.

Essa escala é susceptível de atualização cada ano mediante os dados estatísticos que poderão ser remetidos anualmente pelas Prefeituras.

Fixados tais critérios, indubitavelmente os mais corretos, os mais justos e os mais democráticos, é de crer que um novo espírito de animação percorrerá todo o sistema do ensino mineiro, estimulando o professorado e os administradores escolares e concorrendo para que se crie, no próprio espírito público, nova consciência do problema, da sua seriedade e da urgência de uma solução.

Unidos como estão pelo mesmo pensamento de elevar o nível cultural de nossa população o Poder Legislativo e o Poder Executivo do Estado, é de prever que Minas Gerais possa enfrentar o problema, com decisão, coragem e fundada esperança de resultados dignos dos esforços que forem dispendidos. E o assunto ganha ainda maior oportunidade à vista da circunstância de vir o Governo Federal, por intermédio do Fundo Nacional do Ensino Primário, oferecendo a cada Estado auxílio importante destinado a construções escolares. Por outro lado, certo é também que em muitos municípios, senão em todos, parte da quota obrigatória reservada à educação poderá ser destinada à construção de escolas.

Em anexo, como esclarecimento para o estudo geral do assunto e para que se verifique se será ou não sempre possível colocar a questão em termos objetivos e exatos, apresento a V. Excia. informações sobre as normas de base estatística, a que deverão subordinar-se a criação de novas classes de ensino primário e a localização dos novos prédios escolares.

Tais normas foram estudadas e estabelecidas de maneira magistral pelo dr. Paulo de Assis Ribeiro, a quem o Governo de V. Excia. já deve outros serviços de alta categoria.

Na elaboração do presente trabalho ouvi não só esse engenheiro ilustre, mas também os eminentes professores, Fernando Azevedo e Lourenço Filho, e devo a todos sugestões da maior valia.

Por intermédio da lei, cujo projeto ora tenho a honra de passar às mãos de V. Excia. o Poder Executivo limitará o seu próprio arbítrio ou faculdade de decisão, impondo a si mesmo normas rigorosamente técnicas, que o levarão a atender sempre a população escolar do Estado, sem nenhuma consideração outra que a de acudir aos reclamos da realidade mineira.

Eis porque, Sr. Governador, é razoável supor que o projeto de lei anexo está impregnado de espírito de igualdade de proporção e de justiça social ou seja — de espírito democrático.

Espero, portanto, haver alcançado e interpretado o alto pensamento de V. Excia.

Respeitosamente,

(a) *Abgar Renault*, Secretário da Educação*.

dos demais... tudo isso leva a ensaiar penteados, maneiras, gestos e expressões que julga muito masculinas, para poder superar esse "deficit".

No que se refere aos braços, igualmente o preocupa se seu diâmetro e relêvos musculares estão ou não em relação com os da média na sua idade. Se, nessa época, não se lhe fixa um plano de exercícios físicos, é possível que faça excessos contraproducentes e sofra crises de palpitações que o levem a temer estar enfermo do coração. Em todo caso, convém vigiar para que o desenvolvimento muscular seja harmonioso nessa época, e evitar excessos, bem como falta de exercício.

Os órgãos distintivos dos sexos são constantemente inspecionados. O adolescente deseja saber se ficou para trás ou não no crescimento de tão importante parte do corpo; por isso, êle propende a observar, dissimuladamente, os demais companheiros.

Por motivo muito freqüente nessa época, fica diminuída a capacidade de tensão de certos tecidos, o que dá lugar a complexos de inferioridade, que conduzem a um fracasso em determinadas relações e reforçam, assim, a insegurança inicial, levando ao autismo e despertando a suspeita de falta de energia.

A região glútea é, também, motivo de preocupação, uma vez que se aceita (no severo código de masculinidade dessa fase) que o seu desenvolvimento abundante é indício de femilidade, o que costuma verificar-se especialmente nas síndromes de Frohlich, coincidindo com retardamento no desenvolver de determinados órgãos, e, por isso, os adolescentes "gorduchos" costumam ser desajustados, tornando-se procazes, rebeldes, mentirosos, etc., com o fim de compensar sua desvalia morfológica inicial.

As diferenças máxima e mínima de estatura têm, na adolescência masculina, significado inverso do das diferenças na feminina: qualquer menino prefere ser muito alto a ser muito baixo; inversamente, sucede na mulher. Todavia,

"A psicologia do adolescente"

De uma série de conferências pronunciadas pelo dr. Mira y Lopez durante o Curso de Férias para Professores, sob o patrocínio da Secretaria da Educação e da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais.

Estudo da evolução masculina durante a adolescência (Efebologia)

Compreende :

a) — *Crise morfológica*

A mudança corporal manifesta-se, sobretudo, pelo crescimento das extremidades (já que a epífise dos grandes ossos é mais ativa neste período). Ela provoca, geralmente, algias e uma tendência astêmica, que leva a uma ligeira cifose. O adolescente encurva-se e sente-se debilitado.

Quatro zonas somáticas chamam principalmente a atenção do adolescente e são motivos de sua preocupação: a face (em especial os olhos e a mandíbula inferior); a musculosidade braquial, os órgãos distintivos dos sexos e a região glútea.

Quanto à face, — preocupa o adolescente que, ao "deixar de ter face de menino" e não "ter, ainda, rosto de homem", possa ter "rosto de mulher". Com efeito, a ausência de pêlos no bigode e na barba, a facilidade de produzir-se nêle um rubor facial, a insistência de um olhar infantil, a falta de coragem para resistir à contemplação visual direta

o certo é que o crescimento exagerado, na fase inicial da adolescência masculina, é sinal de hipofunção de certas glândulas, até ao ponto em que se há descrito o chamado "gigantismo eunucoide". A ausência de talhe pôde ser compensada pelo hormônio do crescimento de Evans e por uma terapia hipofisária, convenientemente graduada.

b) — *Crise emocional.*

As alterações dos sentimentos vitais são, em geral, menos extensíveis aos homens que às mulheres, nessa fase de sua evolução. Assim, é muito frequente que a adolescência masculina leve o jovem a mover-se principalmente na escala psico-estética, ou seja, que oscile da insensibilidade à irritabilidade, carecendo dos sentimentos de afeto e ternura, próprios da escala diatésica e sintônica.

O tono geral dessa fase é bem mais aspero e, como diz Krapf, "energumênico" no homem. Este admira a força, a disciplina, a vontade, o poder e a coragem. Se é no terreno científico, interessar-se-á, principalmente, pela mecânica, eletricidade e pela química. Se é no terreno desportivo, atrai-lo-ão as ascensões perigosas, as corridas de automóveis, os vãos acrobáticos, as aventuras em países exquitos, a luta livre, o atletismo, etc. Se no terreno artístico, entusiasmar-se-á pelas "novas formas", isto é, pela arte chamada iconoclasta e de "vanguarda". Se fôr no âmbito religioso será crente "militante" ou "ateu empedernido", sem matizes nem tolerância para as zonas intermédias. Assim, pois, a característica emotiva dessa época é o predomínio da tensão efetiva interior, com a preocupação de parecer seguro e dominador do medo cervical, a parecer medroso. Exatamente êsse temor de deixar transparecer sua impressão íntima de insuficiência, leva o adolescente a procurar a amizade e o apoio de quantas organizações sociais lhe pareçam poderosas. Daí, a sua afeição pelos uniformes, emblemas, condecorações, clubes, etc., e sua admiração pelos lemas, como: "One for all and all for one".

Há um terreno especialmente atrativo e temido pelo jovem: o da conquista amorosa. Segundo o predomínio de suas tendências, propenderá a fazer sofrer e a proteger e servir a sua dulcinéia, porém, em todo caso, o corrente é que sempre deseje mostrar-lhe sua superioridade e mostra-se algo jactancioso e vaidoso ante ela. Esse espírito de velhacaria, de presunção, é característico da adolescência masculina; pode muito bem aplicar-se-lhe aqui a fórmula: "dize-me o que presumes, dir-te-ei o de que necessitas".

c) — *Erotização do campo da consciência*

Este fenômeno é muito mais patente na adolescente que no adolescente, sem dúvida porque a atitude daquela é mais passiva e, portanto, mais contemplativa que a dêste, mormente nos países latinos, influenciados pela moral "católica". Todavia, nos rapazes, observa-se êsse influxo na constante predileção para contarem pilhérias, anedotas e histórias de conteúdo malicioso, para usarem palavras de duplo sentido e, inclusive, para intercalarem terminologia pouco decente, em suas palestras particulares, de sorte que, em geral, pode afirmar-se que o adolescente masculino é a pessoa de língua mais solta da terra. Além disso, há uma propensão extraordinária para dar sentido sentimental a quanto objeto recorde alguma particularidade feminina, de tal modo que quase todos os símbolos oníricos, assinalados pelos psicanalistas ortodoxos, se acham ativos na vigília de muitos adolescentes.

Explica-se, ademais, pelas dificuldades que costumam encontrar para poder levar a efeito certos vícios.

d) — *Problemática sexual propriamente dita*

Supõe esta, em primeiro lugar, a necessidade de achar o "complemento", ou seja, de fixar a libido em um objeto hetero-sexual concreto. Em segundo plano, implica a satisfação das urgências tensionais localizadas em certos órgãos

e unicamente acalmadas pela satisfação do instinto, voluntária ou involuntariamente. As estatísticas de diversos autores europeus e americanos assinalam que certo vício é fato fisiológico na adolescência, sendo anormal o seu excesso, o *modus faciendi* e, em alguns casos, sua ausência.

Esta problemática exagera-se com o sedentarismo, com o excesso de intoxicação literária e com a presença de estímulos poderosos. Sobre isso não há dúvida que as atitudes dos adolescentes dos países onde há coeducação, são bem distintas das em que se faz notar, desde o princípio, a existência de diferenças essenciais de sexos.

O problema econômico e vocacional.

A libertação familiar do adolescente pode apenas concluir-se propriamente, se este assegurar sua independência econômica. Aqui reside precisamente uma das causas mais freqüentes de sua adaptação, porquanto, por causa da complexidade dos estudos que precisa realizar hoje para ter um nível médio de cultura, vê-se obrigado a passar vários anos como estudante, em vez de ser produtor e torna-se credor da generosidade familiar, matendo-o, assim, na infância, como parasita da economia do lar. Eis porque, muitos adolescentes se rebelam contra essa situação e empreendem por sua conta negócios, trabalhos e atividades que lhes permitam ganhar dinheiro. Por vezes, comprometem-se, procurando-o de forma nada conveniente.

Seria útil, para resolver o problema sobre este aspecto, fixar para os estudantes de profissões liberais um salário como o dos aprendizes de ofícios. Será fácil, se se incumbirem de algum trabalho social, como acontece em muitos colégios e universidades saxônicas. Então, o adolescente não terá tanta pressa em deixar o estudo, nem tanto despeito de se ver pedido a "pedir" o donativo ao pai ou ao familiar mais condescendente.

No que tange ao problema do trabalho, compreende êle, no mínimo, três incógnitas :

- a) — Que posso estudar e fazer ?
- b) — Onde aprenderei ?
- c) — Como vou, logo, viver com essa técnica ?

O principal inconveniente em que esbarra o adolescente, neste campo, é ignorar os trabalhos dentre os que deve escolher. O segundo é a dificuldade em diferenciar o que pode ser sua vocação autêntica dum interesse circunstancial ou de um incentivo exterior e efêmero. Quase tôdas as profissões para êle têm, do ponto de vista afetivo, seus prós e contras, seus lados bons e maus. Julgar, avaliar e ponderar estas vantagens e inconvenientes, é uma operação difícil e equívoca. Daí, a necessidade de ajuda, guia e conselho, não só para adolescente, como também para quem se crê moralmente responsável por sua tutela, isto é, seus parentes. De fato, muitas ocasiões há em que violentamente se chocam o desejo do jovem e o critério de seus tutores.

Então, o trabalho de adaptação ou ajuste há de verificar-se, simultaneamente, em ambos os interessados. A mutilação das possibilidades produtivas é tão grave como um equívoco no seu emprêgo.

Diariamente aparecem, nos consultórios e estabelecimentos psiquiátricos, jovens, cujos transtornos mentais se originam principalmente de um fracasso ou frustração social que, por sua vez, responde a uma falta de adaptação ou ajuste entre o *ser* e o *que fazer*, entre o afã e o malôgro profissional, entre o sonhado e o alcançado com o esforço próprio.

O problema lúdico.

Além de trabalhar, o jovem precisa distrair-se. Já não lhe parece bem continuar brincando como, — quando era criança, mas, tampouco, capaz de viver totalmente a sério, como a maior parte dos adultos. Adota, então, posição intermédia de compromisso, e segue a linha denominada por W. Stern "jôgo sério". Um dos tais jogos sérios é o desporto, precisamente, e dedica-se-lhe com ardor, estadeando sua

agilidade e força. Não lhe é, porém, sempre possível consumir suas necessidades de distração e do desporto e, em tal caso, restam-lhe outras vias: a coleção, a arte, a aventura e as leituras de tipo misterioso. Em todo caso, cumpre ao psicólogo saber que o jovem púbere, tanto ou mais que o menino, necessita divertir-se, porém seu divertimento deve ser cuidadosamente escolhido, de modo que não pareça excessivamente ingênuo, isto é, pueril. Ante um adolescente que cuida de distrair-se, cabe acautelar-se tanto ou mais que este o que apenas vive à cata de divertimento.

Características diferenciais da puberdade feminina.

a) — *Morfologia corporal* — Constitui esta um tema de preocupação primordial, pois o atrativo físico da mulher, em nossa sociedade, é mais necessário para o seu triunfo social, que o do homem. A's adolescentes interessa, sobretudo, saber qual o penteado que melhor lhes quadra; qual o estilo de vestido que mais lhe realça a beleza e dissimula os defeitos; qual a cor ou combinação de cores que melhor lhes assentam; quais ângulos lhes dão melhor resultado; que posturas, gestos e ademanes parecem mais atraentes.

Desalentadas na sua busca, por vèzes querem negar-se esta tendência e, de propósito, desalinham-se e descutam-se da limpeza, do penteado e vestido, até das posturas.

b) — *Sentimentos vitais* — A alteração afetiva produzida pelo ciclo de certo fenômeno íntimo desequilibra temporariamente o já instável equilíbrio afetivo da adolescente, e dá lugar a crises episódicas de tristeza e de hipocondria, mais raras no adolescente.

c) — *Erotização do campo da consciência* — Resultam daí problemas algo inversos aos do adolescente. A êste leva a dúvida de seu poder de conquista. Aquela apresenta a dúvida de seu poder de "ser conquistada". O adolescente oscila entre o temor de não parecer suficientemente masculino e o temor de parecer grosseiro; a jovem oscila entre o temor de parecer demasiado "ameninada" ou demasiado "atrevida".

O importante, porém, no caso, é que, enquanto assusta mais ao homem cair no primeiro extremo, à mulher mais assusta cair no segundo. É tão certo isto que o homem pôde jactar-se, entre amigos, de conquistas amorosas, ao passo que a moça tem de guardar o segredo em seu íntimo. Por isso, há mais repressão na mulher e a sentimentalidade amorosa alcança, portanto, maiores proporções. O homem não particulariza tanto como a mulher, nem simboliza ou estende tanto o campo das conquistas. A rivalidade e a inveja entre as adolescentes é muito maior que entre os adolescentes; por êsse motivo, é mais difícil, nesse período, achar líderes femininos que masculinos.

d) — *Problema sexual propriamente dito* — É menor na adolescente pela simples razão de que a sua fórmula é bem simples: "não fazer nem deixar que façam", ao passo que a do adolescente se apresenta: "fazer e deixar que façam".

Sempre é mais simples a atitude conservadora que a empreendedora. A virtude da adolescente é a "pureza", que simboliza a mera "resistência", a do varão, ao invés, tem de ser a "firmeza", que simboliza uma boa capacidade ofensivo-defensiva.

e) — *Adaptação às novas normas de valor* — A preocupação por "saber a verdade" que se desenvolve normalmente no adolescente masculino, não atinge, via de regra, nível tão elevado no feminino. Êste deixa conduzir-se mais facilmente por seus genitores e requer menos independência física e econômica que o adolescente. Compreende-se tal diferença, principalmente porque, na sociedade de tipo latino, à qual estamos adequando fundamentalmente nossa descrição, avalia-se positivamente esta submissão e obediência da mulher, que deve passar de uma "filha respeitosa" a uma "espôsa carinhosa" e "mãe devotada". A todo momento, pois, ressaltam, como virtudes, sua "conformidade", sua "doçura" e sua "prudência". Tudo isso significa, em termos mais realistas, "atitude passiva ante os acontecimentos". A

nenhuma adolescente "fica mal", todavia, se se dá ares de "ameninada", o que, ao invés, é severamente criticado no homem. Eis porque o preocupa muito mais chegar a uma "visão ou concepção do mundo", porquanto tem que agir de modo quase conquistador, pois se lhe impõe a missão de adquirir, produzir e servir em seus aspectos sociais, econômicos e políticos. Naturalmente, a mulher, à medida que se transforma em concorrente do homem no mercado do trabalho, tem que se preparar como êle, e chama a si grande parte dos problemas da adolescência daquele, porém isso se dá apenas em diminutos casos.

f) — *Vocações e distrações* — Aqui é que se situa, precisamente, o problema da orientação e guia profissional em termos semelhantes aos do rapaz. Contudo, na maior parte, a finalidade continua sendo "casar" e "pescar" um "bom partido", para contrair matrimônio e fazer-se "dona de casa". Em tais condições, a mulher prefere profissões que lhe sirvam de "adorno e realce de seus encantos espirituais", para melhor cumprir sua função doméstica. Assim, o magistério, as profissões sanitárias e artísticas são, preferentemente, cultivadas pelas adolescentes de classe média; são, entretanto, raras as estudantes e aprendizes nos trabalhos industriais, agrônômicos, financeiros e de investigação científica. Quanto às tarefas comerciais e burocráticas, pode dizer-se que há muita competição nos primeiros escalões, porém logo invariavelmente prepondera o sexo masculino, pela razão mesma aduzida antes: a mulher passa a trabalhar no lar, quando se casa.

Quanto às distrações, a adolescente vê-se também mais limitada que o rapaz. Por isso, refugia-se muito mais no sono, na leitura e na conversa. Vários inqueritos a êste respeito demonstraram que é excepcional interessar-se uma adolescente, espontaneamente, por leituras e aprendizagens de tipo técnico-construtivo, como também o é sentir vocação por problemas do tipo político, econômico e filosófico, ao passo que tôdas as infinitas variantes da literatura amorosa, romântica, bucólica, do "branco" ao "vermelho", isto é, do tolerado ao pecaminoso, a distraem muitíssimo.

É claro que, sobretudo nos meios pequeno-burgueses e de origem intelectual, se encontram moças sumamente interessadas nos mesmos tópicos que são próprios dos rapazes, mas deve-se isso a uma identificação subconsciente com o pai, ao qual propendem a ajudar e emular. Assim, não podemos citar êsse rasgo como habitual e, sim, como excepcional.

Dispositivos de compensação psíquica que se acham ativos na adolescência

Acabamos de ver que, na adolescência, a tensão intrapsíquica chega ao máximo, pois se acumulam os problemas de reajustamento interior individual e de mudança de atitude, ante o meio familiar, social e ante o destino vital, que precisa instruir, fixar e conquistar. Já não sendo menino e não chegando a ser homem (ou mulher), o adolescente vê-se tratado injustamente, porquanto se lhe pedem mais deveres e se lhe reconhecem menos direitos. Daí, serem os conflitos entre os desejos e a realidade mais agudos e haver de refugiar-se no autismo ou propender à rebeldia.

É por isso que, nesta fase, se intensificam e se desenvolvem os dispositivos de compensação psíquica, que já se iniciavam na infância e que vamos descrever seguidamente, depois de enumerados:

- a) — Intensificação (Perseveração, insistência e retórcão) — dispositivo: iterativo.
- b) — Limitação (Escotomização parcial, facilitação) — dispositivo: conciliativo.
- c) — Substituição (Transferência, sublimação) — dispositivo: sublimativo.
- d) — Identificação (Adsorção ao modelo ou arquétipo) dispositivo: introjectivo.
- e) — Consolação (Convencimento por racionalização) — dispositivo: resignativo.

- f) — Anseio (Desejo, preenchimento, sonho) — dispositivo: imaginativo.
- g) — Repressão (Anulação e adiamento) — dispositivo: inibitivo ou “neantivo”.
- h) — Inversão (Realização opositiva) — dispositivo: opositivo.
- i) — Projeção (“Extrojeção” de motivos) — dispositivo: “extrojetivo”.
- j) — Detenção (“Accrochement”) — dispositivo: negatavista.
- k) — Rebelião (R. catastrófal) — dispositivo: agressivo.
- l) — “Autogratificação” (Comp. autocrática) — dispositivo: narcisista.
- m) — Compaixão (Busca de ajuda externa) — dispositivo: caritativo.
- n) — Regressão (Descensão a nível inferior) — dispositivo: regressivo.
- o) — Dissociação (Ruptura de síntese unitária) — dispositivo: dissociativo.

De todos estes dispositivos os 7 primeiros conduzem a adaptações que podemos julgar normais, mas, quanto ao sétimo, isto é — o repressivo, vai falhando em sua utilidade, pois quase sempre nada mais faz que ampliar a fase conflituosa. Os 8 seguintes, entretanto, são puramente morbos no sentido de que costumam ter mais inconvenientes que vantagens. Claro é que uns e outros se entremisturam nas condutas normais e anormais, de sorte que a linha de demarcação entre elas não é, de modo algum, fácil de estabelecer, por causa de sua sinuosidade.

De modo definitivo, sempre é uma apreciação estimativa do conjunto e do predomínio de uns e outros mecanismos de compensação, o que permite um juízo com respeito ao grau de anormalidade de um comportamento pessoal.

Vejamos agora, com pormenores, cada um desses dispositivos em ação, ilustrando-o com um exemplo prático:

a) — *Intensificação* — Consiste em aumentar e repetir o esforço diretamente dirigido para a obtenção da satisfação desejada. Não há dúvida de que, sob este aspecto, o adolescente é mais enérgico e até, se se quiser, mais cabeçudo que o menino. Por mais que se lhe diga “não”, sempre volta à carga; por mais que falhe em seus intentos, experimenta de novo. Sua fórmula parece ser: “give me an other chance”. (Dê-me outra oportunidade) e seu lema: “quem porfia, sempre alcança”. E’ assim que inúmeros adolescentes, mediante a “santa insistência”, vencem progressivamente a vontade negativa dos pais para que os deixem fazer o que muito bem querem (comprarem-se objetos, fazerem uma excursão, etc., etc.).

b) — *Limitação* — O adolescente não é, como o menino, obediente à lei do “tudo ou nada”. Capaz de matizar e compreender os obstáculos que se opõem à realização de seus desejos, pode tratar de conseguir satisfazê-los essencialmente, à base de limitá-los, a saber, de renunciar àqueles aspectos de seu anelo que maior resistência provocam. Então, adota a fórmula: “toma o que podes”, e, por assim dizer, negocia suas satisfações e triunfos, seguindo um critério “relativista” que, sem ser tão acentuado como o do adulto, constitui um avanço sobre o rígido absolutismo infantil.

Um exemplo: a jovem que deseja estar com uma amiga toda uma tarde e para tornar possível seu desejo, transige em fazer várias comissões para sua mãe, como ir visitar outros lugares, etc., para poder “à última hora” estar com aquela um pouquinho. Ou o adolescente que deseja sair de noite e transige em que o deixem voltar um pouco mais tarde, à hora de ceiar, etc.

c) — *Substituição* — Também se chama “transferência” ou “sublimação” e realiza-se deslocando o “objeto” ou o “ato” desejado para outro objeto ou ato a eles ligado por uma relação associativo-simbólica. Assim, por exemplo,

quando um adolescente está enamorado de uma jovem e esta o repele, pode substituí-la por sua irmã, por uma amiga ou por uma companheira da mesma classe, em que está; ou por outra jovem desconhecida, porém, que tenha algo parecido com a donzela desdenhosa: a voz, o penteado, os olhos, etc. Esses amores "Ersatz" podem chegar a transferir os limites da espécie, e assim vemos pessoas maduras transferirem a diversos animais domésticos (cães, pássaros, gatos, etc.) os cuidados e o afeto que houvessem desejado prodigalizar a seus cônjuges ou parentes desaparecidos, ou que não existem.

Em outros casos, como já se referiu, o "objeto" permanece idêntico, porém, se desvia para o "ato" se a jovem amada não ascende a uma saída a sós, se é convidado para um baile, ou se lhe pede que concorra a uma reunião de "estudo" ou reexame... de conjunto de assinaturas. Se não pode beijá-la diretamente, beija seu retrato e guarda folha de papel que lhe pertencia, etc.

Em virtude desse processo, os vícios podem transformar-se em atos tolerados e louváveis; os desejos proibidos podem chegar a satisfazer-se de modo disfarçado e indireto. O adolescente é um colossal aprendiz nessa tarefa de "sublimar" suas tendências e essas são tão ou mais fortes que as do adulto e, entretanto, não possui os recursos e direitos admitidos neste para sua direta satisfação.

d) — *Identificação* — Também se denomina "introjeção". Consiste em assimilar uma personalidade qualquer, que possua o desejado, com ela identificando-se até o ponto de crer-se que compartilha seus bens e seus gozos. Este processo é, substancialmente, um ato de "amor", isto é, de "fusão" dupla (efusão e infusão), já que graças a eles dois seres formam um, ou seja — incorpora-se e "introjeta" algo que se admira. Porém a diferença essencial entre a pura introjeção e o verdadeiro amor é que, na primeira, a assimilação do "ser" não se faz por ser êle quem é, senão por ter ou possuir determinados bens ou característicos que realmente são os desejados. Assim, por exemplo, o povo identifica-se, muitas vezes, com seus chefes ou "leaders", não

tanto porque os ame, senão porque ama e admira o poder que têm, e o adolescente identifica-se a qualquer "ás" desportivo, cinematográfico ou artístico, enquanto êste goza de fama e triunfo, mas olvida-o e abandona logo que seja "destronado", privado do que o tornava desejável. Este processo de incorporação ou identificação mimética com "modelos" variáveis é sumamente típico da adolescência. Por exemplo, vemos como inúmeras moças se pintam, falam e procuram andar do próprio modo como o faz uma atriz da moda na tela (recordem-se os penteados "à Verônica Lake"; não obstante, tudo isso passa rapidamente e sucedem essas "adesões" pela mesma razão que os triunfos mais espectaculares são os mais efêmeros.

e) — *Consolação* — Buscam consólo dentro de si, isto é, resignar-se com a insatisfação de um desejo é um ato frequente na adolescência. Para isso, dispomos da "racionalização" que nos proporciona pretextos (conversíveis em razões) suficientes. Por esse meio, o adolescente se convence de que o "suspenso" "recebido é motivo de satisfação, pois permitir-lhe-á estudar a fundo uma "assinatura" que, de outro modo, teria olvidado facilmente, porquanto apenas a levava "prêsa com alfinetes". A adolescente se convence de que é melhor não ir à estância veranear, pois está cheia de moscas, maus cheiros, calor e aborrecimento, etc.

f) — *Encenação* — Uma série de satisfações imaginárias pode compensar a ausência de uma satisfação real. Consiste no que se chama "viver de ilusões", que é típico da adolescência e que também foi ilustrado por uma fábula célebre de La Fontaine: a da leiteira. Não se diga que a encenação é maior nas adolescências da pequena burguesia, pois são elas que mais ambições irrealizáveis podem entreter.

g) — *Repressão* — Há duas variantes: a anulação, por negação do desejo, e o *deferimento*. Na primeira adota-se a atitude do avestruz (que mete a cabeça no buraco para não ver o perigo) e a pessoa afirma que não deseja o que em realidade anela. Na segunda, a pessoa se convence de que

êsse desejo não é, por ora, realizável e deixa para satisfazê-lo "em ocasião melhor."

A repressão não é, todavia, supressão nem realização ou descarga e, por isso, embora constitua uma atitude muito geral nos adolescentes e nos adultos, é um dispositivo de compensação que marca, já, a transição para os de tipo anormal, que vamos estudar no próximo Capítulo.

Dispositivos de adaptação psíquica, patológica, à insatisfação de tendências

a) *Inversão* — Consiste em atirar-se a obter a satisfação do desejo oposto ao que não foi possível conseguir.

Do ponto de vista lógico, essa conduta redundaria em absurdo, mas não o é, do plano puramente psicológico, já que toda a vida efetiva se rege muito mais pelo pensamento mágico, no qual prevalece a lei das associações por contraste, de modo que o mesmo gozo ou reação afetiva pode conseguir-se por situações totalmente opostas, do ponto de vista significativo lógico. É o caso das línguas primitivas, em que as mesmas palavras se usam para expressar concepções antitéticas (vida-morte; norte — sul; branco — negro, etc.), e também, na linguagem civilizada se usa essa significação ambivalente, quando se adota atitude irônica, para converter os elogios em censuras e vice-versa.

Pelo fato, pois, de se identificarem os termos extremos no subconsciente como semelhantes ou idênticos, é fácil produzir-se, no adolescente, um giro de 180° no processo de obtenção da satisfação desejada. Assim, por exemplo, se desejava sair duas vezes por semana e só lhe concedem sair uma vez, decide não sair nenhuma, nem mesmo quando tenha necessidade de fazê-lo. Em vez de lutar, então, *para não* estar em casa, concentra, agora, suas energias em *não estar fora de casa* e, assim, afirma seu triunfo sobre a resistência exterior. Ou, ainda, se deseja tomar alguma ração dupla de certo alimento, que não se lhe dá, deixa de repente de comer de todo o resto e faz greve de fome.

Em virtude desse processo de inversão, é possível que um adolescente, malgrado no seu desejo de ser conside-

rado o *melhor aluno*, isto é, o saliente entre os bons, faça agora todo o possível para ser considerado o *pior*, ou o saliente entre os maus. Por essa mesma facilidade de inversão, pode transformar-se o ódio em amor, a covardia em arrojo, cumprindo-se por este princípio: na vida afetiva, o oposto está mais próximo que o diverso.

b) — *Projeção* — Consiste em "extrojetar" as tendências afetivas, de sorte que a motivação e a existência das mesmas se supõem fora do sujeito, dedicando-se este, então, a reagir contra elas, em vez de propulsá-las aparentemente. No fundo, porém, obtém uma gratificação indireta, pois essa extrapolação livra-o do obstáculo moral e, às vezes, também do obstáculo físico que se opunha à realização dos atos implícitos nas ditas tendências. É, assim, como um menino de poucos anos que, desejando um sorvete, o solicita para seu irmãozinho que tem calor, e recusa levemente a oferta de outro para ele, até que aceda em tomá-lo. É assim como uma moça de poucos anos que, interessada em um jovem, começa a queixar-se que este a persegue ou a olha de um modo demasiado insistente... Ou como um estudante que haja sido suspenso, afirma que o professor "lhe tem ojeriza." Em todos esses casos, o sujeito lança fora de seu núcleo pessoal o conteúdo afetivo, cuja insatisfação o molesta e aflige — ou tenta afligi-lo — objetivamente, como se lhe fosse estranho.

Este dispositivo é sumamente perigoso, pois constitui o instrumento mais fácil de formação delirante e, portanto, de desajuste ante a realidade.

c) — *Detenção* — Também chamada "acrocachment", consiste em paralisar toda a atividade vital impelidora e escancar-se, no instante mesmo da insatisfação do desejo, até conseguir que a ajuda exterior a torne possível, ou, ao contrário, suspender toda a colaboração e iniciativa de tipo interpersonal.

Destarte, ao "perder uma ilusão", são muitos os adolescentes que afirmam que "viver já não lhes interessa" e transformam-se em seres inertes que se deixam levar, porém não

participam da vida familiar, social ou do trabalho. Estão fixos ou “enganchados” no período da decepção, e somente a promessa ou a realização imediata do objetivo anelado, ou, pelo contrário, um perigo que revolucione os dispositivos de defesa e crie uma condicionalização reflexa negativa ante essa inibição, poderá terminá-la.

d) — *Rebelião* — Consiste na liberação desordenada e violenta da carga afetiva que se transforma, assim, em reações agressivas verbais e motrizes, dando lugar a uma crise, raiventa e “convulsiva” (repentina), durante a qual o sujeito pode causar dano a si ou a outrem, insultar e realizar toda classe de atos insopitados. É o resíduo da chamada “reação catastrófal”, com que o organismo responde, em última instância, a uma situação de desajuste.

e) — *Autogratificação* — Consiste em proporcionar-se um gozo compensador, gratificando-se o próprio corpo, isto é, procurando uma satisfação sensual: nutritiva, sexual ou sensorial, que, por seu primitivismo, não possa falhar em determinar o prazer. São os adolescentes que se sentem frustrados. Outros buscam, simplesmente, o gozo proporcionado pela desnudez em contacto com os lençóis; outros praticam toda sorte de auto-carícias; outros acompanham essa autogratificação com fantasias ou devaneios que aumentam, sem mudar, contudo, seu sentido essencialmente primitivo e fisiológico.

f) — *Compaixão* — Consiste em buscar o consolo e ajuda externos que proporcionem ao sujeito a noção de ser querido, de que alguém sente a sua sorte e dele se compadece, ou seja, que padece com êle. Por isso, é quase proverbial que os adolescentes contem seu caso às pessoas que julgam de coração mais terno ou sensível, e o exagerem ou deformem, dando-lhe contornos dramáticos, até que consigam a reação sentimental que colimam. Grande maioria das mentiras da adolescência visa a lograr essa compaixão admirativa dos mais, pois “a necessidade de alguém compartilhar seus sofrimentos lhes é imperiosa.”

g) — *Regressão* — Quando o indivíduo tropeça em dificuldades que lhes parecem insuperáveis para a obtenção de seus desejos, pode acudir-lhe, involuntariamente, recurso que consiste em retornar a níveis desiderativos mais primitivos ou infantis. Então, volta a desejar o que, em circunstância similar, lhe havia sido motivo de gozo, um ou vários anos antes. Assim, vemos, às vezes, adolescentes que sacam do fundo de um caixote antigos brinquedos, velhas recordações ou livros de historietas, e revivem o prazer que já proporcionaram, agora que não podem conseguir o prazer já usufruído, com êles; agora que não podem fruir prazer com os objetos desejados. Podem, também, tornar a chupar os dedos, morder as unhas e dar outras mostras de conduta pertencente a níveis já superados da evolução (inclusive — a micção na cama à noite). Tudo isso, para não sofrer um presente que parece insuportável e um futuro que nunca chega e parece inalcançável.

Naturalmente, quando a regressão se produz, o indivíduo indubitavelmente ingressa nas fronteiras do infantilismo patológico, à medida que é completa e intensa.

h) — *Dissociação* — É um dispositivo que atua “in extremis”, ou seja quando falham todos os anteriores. Caracteriza-se por “separar do centro pessoal todo o conjunto de idéias, sentimentos, propósitos e hábitos, que se tornam intoleráveis pelo sofrimento que causam ao indivíduo.” Nesse caso, êle organiza sua vida à parte, isto é, *dissocia* de todo êsse feixe de experiências, como uma “extirpação psíquica” que representa verdadeira mutilação. Assim se perde a unidade pessoal e em um só corpo governam duas ou mais séries de forças, que reciprocamente se ignoram. Significa isso, naturalmente, um estado de loucura. Dêste modo se originam os casos da chamada “dupla personalidade”, em que o indivíduo leva uma dupla vida, ignorando, num de seus estados, o que pratica no outro, uma vez que não existe ponte ou via de comunicação entre êsses centros que se tornaram independentes da primitiva tutela unificadora da consciência do Eu.

Bibliografia

- ADLER: *Individual psychologie in der Schule*. Gergmann, 1929.
- BLUMENFELD: *Jugend als Conflict-situation*. Springer. Berlin, 1919.
- CARBONELL GROMPONE: *La efectividad de la adolescente*. Montevideo, 1936.
- COLE: *Psychology of Adolescence*. Farrar Reinhardt. N. Y., 1942.
- COWDRY: *Problems of ageing Biological and Medical Aspects*. Wilkins, 1939.
- ELLIS R.: *The Psychology of Individual Differences*. Appleton, New York, 1932.
- TRY & ROSTOW: *Mental Health in College*. The Commonwealth Found. New York, 1942.
- M. HETZER — L. VECCICA: *Sociales Verhalten Pubertierenden Mädchen*. 9 Fischer. Viena, 1926.
- MARGARITA EVARD: *La Adolescente*. Trad. española de Domingi Barnes. Editor Beltran.
- HOWAR AND PATRY: *Mental Health; its Principles and Practice*. N. York. Harper, 1935.
- MENDOUSSE: *L'âme de l'adolescente*. Alcan. Paris, 1930.
- E. MIRA: *Psicologia Evolutiva del Niño y del Adolescente*. 3a. ed. Ateneo. Baires, 1945.
- A. PONCE: *Ambición y angustia de los adolescentes*. Ed. Colegio Libre. Baires, 1945.
- RUPPERT: *Aufbau der Wel des Jugendlichen*. Leipzig. Barth, 1931.
- R. SENET: *Psicologia de la adolescencia, pubertad y juventud*. Baires, 1940.
- SHAFFER: *The Psychology of Adjustment*. Mifflin Co. Boston, 1936.
- SHERMAN: *Mental Conflicts and Personality*. N. York. Longmans Green, 1938.
- SYMONS: *The Psychology of Parent — Child Relationship*. Appleton. N. York, 1939.
- TIEGS AND KATZ: *Mental Hygiene in Education*. Ronald Press. N. York, 1942.

- V. WARTERS, MIRIAM: *Youth in Conflict*. Rep. Publishing Co. N. York, 1939.
- F. WERTHAM: *Dark Legend*. Dull Sloan and Pearce. N. York, 1941.
- TUMLIRZ: *Die Reifejahre*. Trad. española. Madrid, 1932.
- SPRANGER: *Psicologia de la Edad Juvenil*. Trad. Espassa Calpe (Rev. de Occidente).
- ZACHRY: *Emotion and conduct in Adolescence*. Appleton. N. York, 1940.

*

EDUCAÇÃO SANITÁRIA

Preceitos sobre as imunizações — Logo que seu filho tenha 6 meses, leve-o a uma repartição sanitária para que seja vacinado contra a varíola. A vacina contra a varíola previne também contra o alastrim, que o povo tem o costume de chamar varicela, quando varicela é catapora. A vacina de varíola deve ser renovada de 5 em 5 anos. (do S.P.E.S. de Minas Gerais).

Educação sanitária extra-escolar

HENRIQUE FURTADO PORTUGAL
(Chefe do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária
da Secretaria de Saúde e Assistência).

Em qualquer atividade sanitária, ou na grande atuação em forma de campanha ou na média ou na pequena atuação de simples rotina, é de capital importância que os resultados permaneçam, após a referida atividade; nas chamadas campanhas de saneamento, mais valem as obras realizadas, os trabalhos de hidrografia, retificação de cursos d'água, drenagem de pântanos, ou construção de hospitais de isolamento, provisórios ou permanentes. Entretanto, no combate a todas as doenças, combate permanente, bem entendido, uma parcela do programa existe que, por mais bem traçado que seja, por mais bem executado que venha a ser, cabe a cada indivíduo completar a execução. Desta execução o indivíduo só pode dar conta, se êle receber instruções especiais, se absorver essas instruções e se as puser em prática. Isto, em resumo grosso, é a finalidade da educação sanitária, a qual estendida e difundida a toda uma massa de população, chegará a formar o que se chama *consciência sanitária*. Sem a educação sanitária, sem a consciência sanitária coletiva, fracassam as campanhas sanitárias ou pelo menos, só aparecem os resultados, enquanto dura a atuação do serviço de saúde. Diminuída a atuação dêsse serviço ou deslocados os seus elementos para outras zonas, se o serviço não conseguiu insuflar nas massas bastante de educação sanitária, em pouco tempo a situação seria a mesma como se ali nunca houvesse existido um serviço de saúde pública.

E' o que se observa no próprio Brasil, no nosso próprio Estado. Municípios que tiveram anos a fio unidade sanitária funcionando, viram com a supressão da unidade a desparição de qualquer benefício que a mesma tivesse infiltrado na população. Um dos motivos é que a unidade, não devidamente orientada, sem normas ou com normas defeituosas, se preocupava apenas com a prestação imediatista de serviços e se descuidava dêsse substrato que ali ficaria como sinal indelével de sua passagem — a educação sanitária, que seria o seu rastro, que seria o terreno sulcado a fundo, pronto a receber sementes, as quais medrariam esplêndidamente em bifurcações de toda espécie.

Não é isto uma figuração ou uma adaptação de textos. Por exemplo, a rede de lactários, que hoje se estende por tantas cidades mineiras, não é nada mais que o resultado da ação educativa das antigas unidades sanitárias que foram ampliando os primitivos ambulatórios de higiene infantil, interessando parcelas de população no grave problema da mortalidade infantil, conseguindo afinal fundar, aqui e ali, as sociedades de proteção à maternidade e à infância, hoje em perfeito funcionamento, com diretores, orientadores e sócios próprios. Não nos referimos às ampliações dos últimos anos, em que elas receberam influxos do maior valor por parte do Departamento Nacional da Criança e da L.B.A. Nossa referência é a um período bem anterior, em que certas pessoas se assustavam e diziam: "A cidade não comporta mais associações! Isto vai sacrificar o povo!" E nesse período, foi parte magna o pranteado antigo Diretor Mário Alvares da Silva Campos, com inteira justiça, freqüentemente citado por outros, como realizador de obras precursoras no combate à boubá e no combate à tuberculose.

Fizemos essa divagação para demonstrar com fatos mineiros e mineiramente citados, que em matéria de educação sanitária, atuando os serviços sanitários sobre uma grande massa analfabeta, não podem e não devem os nossos programas de saneamento ficar presos a textos estrangeiros e que dão exclusividade, no setor de educação da saúde, à escola primária.

Sem dúvida que a escola primária é o grande campo para a educação da saúde. A atual campanha de educação de adultos e adolescentes analfabetos é um campo menor, mas que não deve ser desprezado. O terreno é mais ou menos sáfaro, mas nem por serem precárias as possibilidades, há de deixar-se de lado a tentativa, tanto que agora funcionam em todo o País, os cursos supletivos de alfabetização de adultos e adolescentes. Muita coisa será conseguida, a exemplo do que já fazem as unidades sanitárias do interior, sendo utilizados cartazes e estampas sugestivas, afixados nas salas de classes, ilustrando palestras de médicos, visitadoras e completando as aulas dos próprios professores, com ditos de popularidade fácil; com demonstrações ilustradas dos pontos de contágio das principais doenças transmissíveis, e ainda adoção de cartilhas que explorem temas de saúde. Aos argumentos de que são poucas, por semana, as horas de aula, de que seja teórico ensinar hábitos de nutrição em cidades onde faltam até alimentos, de que não existem instalações para ensino prático do aseo individual, há de se responder, que cada curso, cada professor, faça, de prático, o que for possível, mas, ministre de teórico, pelo menos uma vez por semana, uma noção fácil de entender e fácil de aplicar na primeira oportunidade que se oferecer ao discente. Alfabetizar adultos já não é uma improvisação, mas uma realidade que se estende a quase todas as cidades e vilas do país?

Quando não possa este tipo de ensino sanitário atingir, no sentido verdadeiro, a educação da saúde, fará por onde corrigir maus hábitos, afastar crendices e preconceitos, modificar rotinas alimentares, demonstrar os maus efeitos da habitação insalubre, ensinar as medidas defensivas contra as moléstias infecto-contagiosas, as medidas de temperança quanto ao álcool. Se os cursos, mesmo que pouco ensinam e pouco eduquem de pronto, conseguirem centros de interesse em torno desses e outros assuntos de ordem sanitária, para o adulto, em reuniões de família, locais de trabalho, etc., já terão os cursos feito bastante pela consciência sani-

tária individual e coletiva, completando ações normais de programas sanitários, cujo objetivo máximo final é o apoio compreensivo do povo às suas determinações, e isto só é possível à base da consciência sanitária, base real da praticabilidade higiênica pessoal, base real para o benefício coletivo. O conceito mais generalizado dá a educação higiênica como sendo a soma de práticas e conhecimentos adquiridos na escola ou em qualquer outro lugar, influndo favoravelmente nos hábitos relacionados com a saúde do indivíduo e da coletividade. A escola, e principalmente a escola primária, é o lugar verdadeiro de fazer-se a educação higiênica ou educação sanitária. Mas, e a parcela de população que, ou nunca passou por uma escola primária ou por ali esteve num tempo em que a escola primária nada ensinava de higiene? Deve-se deixá-la sem tentar a educação sanitária? Devemos esperar que em todos os recantos do país existam escolas primárias para então fazer-se educação sanitária? Enquanto o tempo passa, com ele as gerações crescem e as doenças progridem, ficaremos teorizando esquemas, restringindo os meios mais educativos sanitários, apenas porque os programas que nos vêm do estrangeiro, traçados para populações instruídas, não prevêm educação sanitária de analfabetos e pouco valor dão à educação sanitária extra-escolar?

Não devemos desprezar, antes precisamos incentivar e dar até um lugar de mais saliência à educação sanitária nos programas escolares; temos necessidade, urgência mesmo, de ampliar a educação sanitária extra-escolar. De absoluto valor é a educação sanitária de pessoa a pessoa ou seja a palestra particular pelo médico, pela enfermeira, ou pelo guarda ou outro agente sanitário; mas, se a educação se faz, em vez, com a ida da pessoa à repartição, ou pela visita à sua casa do elemento sanitário, esta educação fêz-se grande elemento fixador de bons hábitos, principalmente porque o ensinamento surge sempre à vista de uma infração concreta.

O jornal e o rádio são importantes veículos de educação sanitária extra-escolar. O jornal tem a vantagem de reten-

tiva maior, pois pode ser relido, colecionado. O rádio, embora de efeito mais ligeiro, leva a vantagem de atingir também o pouco dado à leitura de jornais e também o analfabeto; além disso, o rádio penetra em lugares onde não chegam meios de publicidade, inclusive zonas rurais com energia elétrica. A educação então se faz por propaganda. Esta há de ser breve, clara, enérgica, precisa. Deve ser oportuna no tempo, aconselhando providências sobre doenças que estejam prejudicando a população. Deve ser oportuna no espaço, evitando indicações de execução impossível ou evitando propor soluções que já estejam em prática.

A oportunidade que apresentam no momento os cursos de alfabetização de adultos, não pode ser perdida para esses infelizes que só agora estão tendo escolas. Segundo a orientação do próprio Ministério da Educação, existe o mais absoluto interesse em que ao lado das letras, ou sob o pretexto das letras, se difundam os princípios básicos de higiene pessoal e coletiva. Estas são as normas do Departamento Nacional da Educação, da Secretaria da Educação de Minas, da Secretaria de Saúde e Assistência de Minas, normas nas quais se entrosa o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária de Minas, estando todos certos de que, Deus seja louvado, as oportunidades não sejam perdidas, e que esses nossos irmãos, saindo da menoridade intelectual em que se achavam, atinjam ou se aproximem o mais que fôr possível, da maioridade sanitária, indispensável à conservação da própria saúde de cada um, para melhoramento da higidez geral do Brasil.

Naturalmente, os resultados de uma pregação sanitária, os resultados de um trabalho educativo não se palpam, não se contam através de máquinas, mas são ideais, entrevistos, mas não pressentidos, fatos, realizações que se fixam num povo e que levam às ampliações mais diversas, às compreensões fáceis ou podemos até dizer, a um aproveitamento mais útil dessa preciosidade que é a vida sadia.

Fatos à margem da vida escolar

Ao ensejo do encerramento do Curso de Férias realizado em Passa Tempo como capítulo brilhante e proveitoso do segundo programa do Dr. Abgar Renault, Secretário da Educação, em prol do fortalecimento das bases da escola mineira, o Dr. Aristides Neves da Silva, médico residente na cidade, pronunciou a seguinte palestra:

ENCERRAMENTO DO CURSO DE FÉRIAS DAS PROFESSORAS RURAIS EM PASSA TEMPO

“Com o propósito de dar corpo a pensamentos que têm sido ventilados sobre EDUCAÇÃO E SAÚDE neste curso de férias para professoras rurais — para o qual tive o prazer de concorrer com algumas palestras sobre higiene, a convite do diligente Prefeito, Dr. Bolivar Andrade, e sob a experiente orientação da ilustrada técnica do ensino, D.^a Nancy Pereira — seja-me permitido fazer algumas indicações que julgo úteis no sentido de examinarmos a possibilidade de transformar as questões aqui examinadas em providência prática de aplicação imediata.

Espero, confiado na bondade e na condescendência comprovadas das professoras que me ouvem, bem como na complacência dos mais presentes, que não seja o que eu diga, considerado perversamente como um discurso — peça de cerimônia que não cabe no momento, de minha parte, e que viria quebrar o estilo de íntima cordialidade e de conversa em família que temos mantido aqui. Continuemos hoje, como antes, — palestrando — no mesmo tom e na

mesma atitude de quem versa apenas instruções e conselhos que porventura sejam considerados acertados.

— Nós brasileiros de qualquer ponto desta grande Nação e de tôdas as latitudes dêste vasto País — e conosco todos os povos americanos brindados pelo sol dos trópicos — vivemos numa posição de perenes espectadores, de espectadores privilegiados do quadro exuberante que a Natureza nos oferece aos olhos deslumbrados.

A Terra, para nós — os que vivemos sob a claridade benfazeja dos seus meridianos de luz e côr — representa, com a sua rica vestimenta tecida a capricho pela mais abundante flora tropical que se conhece, um atrativo inesgotável, um contínuo enlêvo para os sentidos, sempre debruçados no encanto sem fim dos panoramas !...

E é êsse feitiço que nos perde...

De fato, se as nossas paisagens deslumbram, na paisagem se acha representado "ao natural" o drama sereno da Natureza.

A êsse drama o homem não é estranho.

No quadro que divisamos do tópo de uma colina reluzente está retratado o estado final, último, de uma grande e profunda evolução que aí se nos reproduz em traços eloqüentes. Um vale profundo e abrupto ou uma alta montanha, o fundão de um desbarrancado de terra ôca ou a mata virgem cortada a meio pelo curso de um rio — tudo representa, no estado estático e atual, a fase última de uma evolução de remotíssimo início. E' o epílogo de um enorme drama — o drama da Terra — cujo feito telúrico é muito mais profundo e poderoso que o drama cotidiano do homem. A Terra nem sempre foi o que é hoje. E foi penosamente, em luta de séculos sustentada contra a rebelião dos elementos, que a *mãe natura* chegou à perfeição que tem hoje. E' dêsse ponto de vista dinâmico e evolutivo que a Terra e a Natureza são hoje interpretadas e compreendidas. (1)

(1) — Louis Lauray — L'évolution de la Terre.

Na paisagem — cenário final da grande peça da Natureza, o homem surge como um fator novo, emprestando-lhe significação e sentido.

A Natureza, assim considerada, transforma-se, para o homem que vive em face dela, em problema e em tarefa que podem consumir a atividade de uma vida inteira ou de gerações sucessivas, mesmo consideradas estas na sua escala altamente produtiva.

E assim, abismado na Natureza — como um seu namorado impenitente contando lóas à sua eterna beleza, ou como um escravo estonteado e perplexo, tôda vida sujeito às suas exigências não menos eternas — o homem se esquece um pouco do homem...

Nesse esquecimento é que está a nossa falta.

Somos um povo em via de formação, cheio de alentos e forças vivas que nos impulsionam a marcha para a frente, e de quem é justo esperar um grau de esforço e de rendimento que nos coloque em posição de observar do alto e sem obstáculos o futuro, buscando sempre novos caminhos para além dos caminhos conhecidos.

Para essa escalada em que se resume o ciclo das noções, teremos nós que resolver um grande, um enorme problema que nos chumba os pés desde o início da nossa formação e que vem pesando sôbre a marcha do País desde o alvorecer da nacionalidade.

Êsse problema é o das populações rurais.

A culpa disso não é bem nossa. Foi um pêso herdado...

As raízes dessa situação social de desalento remontam ao período quase gregário da "colônia".

Não é muito lisongeiro para o observador de hoje o estado de primitivismo social em que jazia, o nosso País, quando o recebemos como um presente das mãos dos luzitanos...

Naquele esquecimento e nesta herança é que estão a nossa falta e a nossa incúria.

O *RURALISMO* entre nós, é infelizmente, um ramo esquecido e desprezado da árvore da nossa civilização. O homem rural ou vive à custa dos seus próprios re-

curso, ou perece na falta deles. A nossa população do interior dá-nos a impressão de um mundo em abandono, que dificilmente será incorporado ao patrimônio cívico da Nação, e que urge recuperar.

Pois que, no interior, no mundo rural do País é que se acha a célula viva da Nação, o elemento primário da nossa vitalidade.

Como sem células sadias não pode haver órgãos normais, e sem órgãos hígidos não pode haver organismo são — uma nação não pode atingir a plenitude do seu desenvolvimento sem antes, e primeiro que tudo, cuidar da base vital de sua existência, que é o elemento humano — células e órgãos onde se sustenta o todo nacional.

Notemos que a área dos nossos centros civilizados — que entre nós quase coincide com as áreas urbanas — o que levou Afrânio Peixoto a dizer que sertão no Brasil começa nos subúrbios do Rio de Janeiro — abrange apenas 1/10 do território nacional. Tudo o mais é — o nosso mundo rural, habitado ou não. O rural, portanto, entre nós, é a quase totalidade do País, ou sejam, 9 décimos — quase o País inteiro.

Por conseguinte, a expressão “zona rural”, que empregamos para designar o interior vastíssimo do País, é imprópria, pois que, o termo “zona” designa geograficamente uma pequena porção, uma pequena área, de um todo territorial.

O inverso é que é o certo.

O Brasil é um estado rural, com “zonas urbanas”, “zonas citadinas”, ou “zonas civilizadas” de intensa densidade demográfica na sua periferia, ou pontecendo, longe e longe, de raras restingas humanas a sua extensão interna.

E quem, do litoral para oeste, vai até ao extremo do Estado de Minas, penetrou apenas um pouco além da “pele” do País, foi muito pouco além da sua periferia.

A nossa chamada “zona rural”, portanto, é um grande mundo.

Nesse mundo imenso vivem homens, mulheres e crianças atiradas à sua própria sorte.

Principalmente a criança é aí uma sacrificada pela densidade do ambiente onde lhe foi dado ver a luz do dia, e onde se encontra corpo a corpo com um meio nem sempre ameno, quase sempre hostil e adverso que a obriga, desde cedo, a uma luta desigual com um destino bruto e feroz. A criança, aí, não segue o seu destino. O destino é que a persegue, e na maioria das vezes a aniquila. A criança, aí, vive na doença e na ignorância. Quando consegue escapar de uma, livrando-se por uma espécie de milagre individual das insidiosas ciladas patológicas que lhe arma contra a saúde um meio muitas vezes insalubre e inçado na possibilidade de toda espécie de contaminações e contágios — dificilmente escapará da outra — da ignorância — que é entre nós, por enquanto, e apesar de grandes esforços em contrário, uma doença de escassa profilaxia!...

Pois bem. Nesse meio onde eles — o homem e a mulher — desempenham sem saber um grande e heróico papel, a criança, não menos heróica, raras vezes pode encontrar um refúgio, um lugar para arregimentar as suas forças, a custo desabrochadas, e disciplinar as suas faculdades incipientes.

Esse lugar — necessário, desejado e raro — é a escola.

Apenas a uma pequena fração da nossa população infantil dos meios rurais é dado a fortuna de olhar por essa janela do espírito, que embora pequena e modesta, está sempre aberta para preparar um futuro melhor a esses pequeninos desprotegidos que têm a sorte de encontrá-la, a esses coitadinhos em cujo rosto, nós, os acostumados a vê-los, encontramos a imagem viva do desamparo e do desânimo.

Daí o papel de invulgar importância de que se investe a escola rural, único veículo de ensinamento naquele meio isolado, para aquelas criaturinhas mais isoladas ainda. Rendamos o nosso tributo de admiração e nossas homenagens a esse tipo extraordinário de abnegação, de perfil estóico, que é a professora rural, sentinela avançada das nossas organizações de ensino, tão avançada que muitas

vêzes perde o contacto e as ligações com as suas bases, que difficilmente a podem socorrer.

O que vemos hoje é um reatamento, alviçareiro e raro, dessas relações, às vêzes perdidas e que desejaríamos ver repetidas continuamente, de ora em diante.

Aqui se acham elas na companhia das suas colegas graduadas, recebendo delas a orientação para maior efficácia nas futuras atividades do seu pôsto distante e, acima disso, recebendo o coleguismo e a solidariedade daquelas que, também como elas, apenas em meio mais propício e mais favorável, têm as suas lutas forçadas de heroísmo consciente e de ingentes tarefas.

E' preciso que êste movimento, agora iniciado, aproveitando um curto período de férias, de amparo mais eficaz às escolas rurais e de melhor assistência às suas professoras, tendo como providência paralela os serviços de saúde, seja um movimento que tenha continuidade produtiva, que não seja uma experiência ou uma tentativa vã, mas sim o primeiro passo de uma arrancada definitiva a que se venham associar todos os esforços eficazes e bem orientados dos poderes públicos.

Porque êsse movimento de assistência ao meio rural, agora apenas esboçado, toca em cheio o alicerce vivo da Nação.

E' a promessa de uma construção que atinge a base vital do País.

Fala-se com insistência, na actualidade, sobre o problema chamado do "fortalecimento do interior", assunto que, ao que se diz, preocupa de modo sério as cogitações do Governo Central.

Vejamos o que advém disso, e é necessário que venha de uma vez para não vir tarde, pois que, no embate das competições internacionais somos sempre, como Nação, considerados com estreita margem de probabilidade para superar, sem fundos desgastes, as difficuldades que a vida nos oferece em face das grandes crises da hora presente.

Segundo um ensinamento de Gregório Maraion que encerra fina observação, (2) nós, os homens, nunca dizemos o que queremos, mas sim o que os outros queriam que dissessemos.

Felizmente que êle diz com bastante clareza: nós, os homens...

A ser verdade, é uma posição dolorosa, essa, para a liberdade de pensamento, posição que é preciso banir de vez, mesmo porque, sem um regime de franquezas e de sinceridade não poderemos enfrentar, por nós mesmos, através de uma reacção duradoura e orgânica, — além de outras questões que nos roçarão pelas costas sem que nós apercebamos delas — as modalidades atuais de formas sociais que se esboçam, e que são "típicas das horas críticas da História." (3)

Seguindo essa norma, de "falar como o coração nas mãos", podemos afirmar, completando o nosso pensamento sobre a imensa equação que hoje nos ocupa:

Para quem nada tem, o pouco representa muitas vêzes grande coisa.

Um dos objetivos fundamentais do ensino moderno — que não só instrui mas, principalmente, *educa*, é a fixação de hábitos no escolar. E a psicologia evolutiva nos mostra que êstes, quanto mais cedo a criança entrar em contacto com êles, mais rapidamente os assimilará, incorporando-os mais tarde, definitivamente, ao seu modo de vida. (4)

Por isso, considerando mais o fenômeno da formação do hábito na criança, na sua curta vida escolar, diária do que propriamente a profilaxia de contágios e infecções, — que não se realiza, para uma população, somente dentro da escola — e olhando, entre as muitas coisas necessárias ao aluno rural, as duas mais urgentes e mais indispensáveis, lembramos ao Sr. Prefeito — pessoa provida em abundância

(2) — Gregório de Maraion — D. João — Ensaio sobre a origem de sua lenda.

(3) — Joaquim Manso — O Fulgar das Cidades.

(4) — E. Myra y Lopes — Psicologia Evolutiva.

da qualidade salutar do bom senso, tão difícil hoje, e sempre animado de úteis propósitos — e às dedicadas e inteligentes professoras que formam — vamos dizer — o corpo docente rural do Município — lembramos que sejam providas as escolas rurais de dois recursos iniciais e primários, os mesmos que são levados em primeiro lugar aos habitantes das cidades para melhoria do padrão de vida da população — a água e o esgôto — tendo como seus equivalentes na escola rural — o filtro e a fossa.

Para muitos dos alunos — tenho certeza — um filtro instalado na sala de aula representará uma novidade, será uma surpreendente “descoberta”. É uma coisa bonita e limpa, que lhe agrada a vista. Como é que a água, colocada muitas vezes suja, turva, num compartimento daquele “trem”, cujo nome ele só aprenderá a usar depois de correr todos os apelidos — pode sair limpa e transparente do outro lado, — será para o pequeno aluno um enigma que a professora desvendará, explicando o seu funcionamento e a sua utilidade na preservação das doenças — as verminoses, disenterias, o tifo e mais — que o uso da água filtrada evitará, acrescentando —, embora em caráter doutrinário e teórico — que todos devem ter um filtro em sua casa, do contrário, terão muitas vezes de ferver a água, sempre que tenha procedência duvidosa.

Todos os alunos terão sede muito depressa nesse dia. Quando tiver de ser feita a limpeza do filtro, então os alunos, a quem o caso deve ser bem frizado e discutido, ficarão assustados em verificar a quantidade de impureza e sujeira que eles teriam bebido com a água, se a tivessem usado sem filtrar.

A fossa — uma casinha levantada atrás da escola onde nem dá para morar uma pessoa, que não serve para paiol de milho e nem se destina a servir de galinheiro — únicas dependências das habitações comuns que eles conhecem em seu povoado — será, aos olhos intrigados dos alunos, uma extravagância tola, cuja necessidade eles dificilmente justificarão.

Habituar-se a usá-la, na escola, já será uma conquista de caráter sanitário e higiênico.

O dia em que tais novidades por lá aparecerem será dia cheio de interesse para os meninos que, tenho certeza, cravarão a professora de perguntas. Perguntarão para que servem aquelas coisas “que “só” Bolívar mandou fazer na escola.”

... E desdenharão:

— “Pra quê essas bobagens? Pois aqui nunca houve disso!”

Esses hábitos higiênicos, iniciais e primários, que cada um criará em si, na escola — podemos afirmar — as crianças levarão pela vida afora.

Não me são estranhas as novas concepções da moderna pedagogia, onde Ferrière — Claparède — Decroly — os maiores entre outros grandes inovadores dos métodos de ensino, estabeleceram os estatutos fundamentais da “Escola Ativa”, que hoje norteiam as normas do ensino primário em nosso meio.

Entretanto, como o próprio Ferrière afirma dezenas de vezes em seu grande trabalho “L'École Active”, que tive a oportunidade de traduzir para o grupo escolar de João Ribeiro, — não pode haver método excelente, todos fracassam — tanto os maus como os bons métodos — se não contarem com uma base mínima — aluno de um lado, professora e material do outro — em que os possam alicerçar.

Daí o nosso interesse em que as escolas rurais obtenham esse “mínimo” indispensável.

O ensino moderno entra em contacto muito direto com a vida. A escola deve ser hoje uma formadora de hábitos. Deve representar para o aluno a miniatura do mundo.

A escola deve antecipar para a criança o conhecimento, sentido e vivido, daquelas coisas que ela vai encontrar na vida assim que se levante dos bancos escolares.

Educa-se hoje mais do que simplesmente para a sociedade, — onde as boas maneiras são suficientes, ao lado de

um conhecimento de fachada que faça vista e que impressione bem em suas exterioridades. — Educa-se para a vida, em todas as suas modalidades orgânicas e imperiosas.

E é para isso que a escola e o método necessitam contar com aqueles elementos fundamentais e primários que façam com que os esforços dispendidos e as verbas aplicadas não caiam no vácuo. Essa seiva e esse sustento não poderão existir — já o dissemos, mas é bom repetir — sem que a escola e a professora possam contar com um material humano e didático capazes organicamente para servir de semente àquele florescimento que não é negado nem mesmo aos vegetais!

Abençoemos esse começo. E oxalá pudéssemos contar com êle como o início de uma nova era, de levantamento do nível vivencial do habitante da roça e do padrão de vida das populações no nosso enorme mundo rural, onde assenta o seu primeiro apoio o imenso braço de alavanca do País, que ali é que se há de erguer para realizar a grande transformação de um estado inativo para a vitoriosa produtividade de amanhã.

Senão, continuaremos um povo a ver desaproveitadas as abundâncias potenciais que o País nos apresenta e oferece, como um incrível e desaforado desafio aos respeitáveis foros das nossas capacidades mal dirigidas.

Se para outros países o problema vital é o do espaço, para nós o problema vital é do homem.

Ao lado dos planos de recuperação econômica levantem-se os planos de recuperação humana.

Nesse sentido, aproveitando esta oportunidade feliz, que hem digo e agradeço, eu quero consignar aqui, com veemência, o meu apêlo por um futuro maior para nós, melhor para aqueles nossos irmãos que vivem ignorados nas profundezas dos sem fins de nossa Terra, e mais alto para o nosso jovem País, — para o que Minas e Passa Tempo contribuirão, como já estão contribuindo — com a sua preciosa parcela cívica de esforço e de trabalho.”

Informações uteis ao Magistério

Como escrever corretamente os números e os símbolos de unidades metrológicas, segundo as regras oficiais

*

Publicação do Instituto Nacional de Tecnologia

*

RESOLUÇÃO N.º 16 da Comissão de Metrologia — Modo de escrever os números e os símbolos —

“1 — Deve ser empregada exclusivamente a vírgula para separar a parte inteira da parte decimal dos números.

2 — A parte inteira dos números deve ser separada em classes de três algarismos, da direita para a esquerda; na parte decimal essa separação far-se-á da esquerda para a direita; em ambos os casos tal separação poderá ser feita pelo uso do ponto ou de um pequeno intervalo. Tanto a vírgula como o ponto, deverão figurar sempre na mesma linha horizontal em que o número está escrito.

A recomendação relativa à separação em classes de três algarismos não é necessariamente, aplicável aos números reunidos em tabelas ou quadros.

3 — Não acrescentar ponto abreviativo do símbolo composto já previsto no quadro.

4 — Não usar a letra *s* junto de um símbolo como sinal de plural.

5 — Os símbolos representativos das unidades não devem ser escritos em forma de expoentes e sim na mesma linha horizontal em que o número está escrito. Excetuam-se os símbolos das unidades de temperatura, de tempo e das unidades sexagesimais de ângulo.

6 — Quando o valor numérico de uma grandeza apresentar parte fracionária, o símbolo da unidade respectiva não deve ser intercalado entre a parte inteira e a parte fracionária do número, mas deve ser levado imediatamente à direita desta parte fracionária.

Esta recomendação não se aplica à representação de importâncias em dinheiro nacional, cujo símbolo, de acordo com o Decreto n.º 4.791, de 5 de outubro de 1942, deve preceder ao número indicativo da importância."

Juntamos à Resolução da Comissão de Metrologia alguns exemplos, sendo uns da Resolução, outros acrescentados

COMO SE DEVE ESCREVER

37,2
 1.291,253 47 ou 1.291,253.47
 ou 1 291,253 47
 25 m
 80 kg
 3 atm
 134,284 m
 5^h 10^m 7^s ou 5h 10m 7s
 15° 12' 14"
 14° 16' 18,2"
 50,350 g
 0,25 g
 50 cm³
 8 mm
 120 mm²
 96 A ou 96 ampères
 12 kg ou 12 quilogramas
 40 km/h (para exprimir velocidade)

COMO NÃO SE DEVE ESCREVER

37.2
 1291,25347 ou 1291.25347
 25 m. ou 25 mts.
 80 kgs
 3^{atm}
 134.^m289
 5^h 10'⁷"
 15° 12^m 14^s
 14° 16'18"²
 50,350
 0,25 gr
 50 cc ou 50 c/c
 8 m/m
 120 mmq
 96 amp. ou 96 amps
 12 quilos
 40 Kms.

Feriados Nacionais

Pela Lei n.º 662, votada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Sr. Presidente da República, Lei que a seguir publicamos, foram reduzidos para 5 os feriados nacionais, com suspensão do trabalho em todo o território da República.

LEI N.º 662

“Art. 1.º — São feriados nacionais os dias 1.º de janeiro, 1.º de maio, 7 de setembro, 15 de novembro e 25 de dezembro.

2.º — Só serão permitidos nos feriados nacionais atividades privadas e administrativas absolutamente indispensáveis.

Art. 3.º — Os chamados “pontos facultativos” que os Estados, Distrito Federal ou os Municípios decretarem não suspenderão *as horas normais do ensino* nem prejudicarão os atos da vida forense, dos tabeliões e dos cartórios de registro.”

Posteriormente, o Governo do Estado decretou feriado em Minas Gerais o dia 21 de abril.

Fora desses dias, só poderão ser suspensas as aulas nos estabelecimentos oficiais de ensino, com autorização prévia da autoridade competente.

Programa Experiência

LÍNGUA PÁTRIA

4.º ANO

Linguagem oral

— Desenvolver a capacidade da criança de expor com clareza e boa seqüência lógica, experiências próprias ou adquiridas através de outras matérias como Geografia, Ciências e História.

— Desenvolver o vocabulário através das várias atividades do programa como através do estudo dos sufixos e prefixos mais comuns na sua linguagem.

— Conjugação verbos auxiliares para fundamento da concordância verbal.

Leitura

— Enriquecer a experiência através da leitura.

— Dar interesse profundo pela leitura de bons livros e dar motivos para ler.

— Formar o hábito de estudo, desenvolvendo a capacidade de resumir um trecho lido; resumir trechos de autores diferentes mas sobre o mesmo assunto; tomar informações para a solução de vários problemas, etc.

— Desenvolver a capacidade de ler oralmente em situações normais de leitura oral.

— Formar o hábito do dicionário.

— Treinar o uso da biblioteca e de fontes de informação.

Composição

— Desenvolver a facilidade e desembaraço na redação de cartas, convites e bilhetes, com um fim real em vista, no tratamento de segunda e terceira pessoas.

— Desenvolver a capacidade de contar histórias mais longas, em boa seqüência lógica e melhor estrutura da sentença.

— Desenvolver a capacidade de resumir trechos ou discuti-dos em aula, com boa organização e clareza.

— Dar o uso da crase — do emprêgo de *lhe* — o — *se*.

— Dar noção dos verbos transitivos e intransitivos — do objeto direto e indireto.

— Dar a noção do período composto e o das conjunções.

— Dar facilidade de usar a pontuação: ponto final, de interrogação, de exclamação e vírgula.

Ortografia

— Dar o domínio da ortografia das palavras.

— Promover a indução de regras simples de ortografia e de acentuação.

— Treinar o uso do dicionário para a solução das dificuldades que venham a surgir.

Escrita

— Desenvolver as qualidades de legibilidade, como espaçamento das linhas e das palavras; forma, tamanho, regularidade, inclinação e espaçamento das letras.

— Desenvolver a boa aparência da escrita pela disposição geral — margens, centragem de títulos e aberturas de parágrafos.

— Treinar a rapidez de 70 a 80 letras por minuto.

INSTRUÇÕES PARA EXECUÇÃO DO PROGRAMA

Linguagem oral

Uma boa linguagem é, para o homem, um dos maiores instrumentos de êxito na vida.

Havendo entre o pensamento e a linguagem a mais íntima relação, torna-se necessário desenvolver o pensamento para desenvolver se a linguagem.

Como, porém, desenvolver-se o pensamento?

O pensamento desenvolve-se através das experiências comuns da vida, e, na escola primária, quer através dessas experiências comuns, quer através de processos próprios.

Tudo o que diz respeito ao pensamento, por isso, diz respeito à linguagem, e não é possível separar-se o aprendizado da linguagem do das demais matérias e atividades.

Por sua vez, o apuro influe na boa formação do pensamento, pois nós pensamos, geralmente, com palavras, e tanto mais preciso será o pensamento quanto mais próprios os termos com que o formamos e traduzimos.

Daí estas conclusões, geralmente aceitas e fáceis de realizar no ensino primário, porque a classe é confiada a um só professor:

a) o ensino da linguagem faz-se não só nas aulas próprias de linguagem, mas através de tôdas as matérias e em tôdas as atividades;

b) o professor deve velar, rigorosamente, para que os alunos usem de linguagem correta e própria;

c) a linguagem é aprendida por imitação, tornando-se, por isso, necessário que a linguagem do professor sirva de um bom modelo.

Como tôdas as habilidades de uso constante, as habilidades da linguagem devem ser quanto possível automatizadas, de forma que, pensando bem, as crianças expressem sem esforço e corretamente o pensamento.

Não se deve gastar tanta energia na procura de forma quanto se gasta na formação do pensamento, como em aritmética se procura que as crianças, ao envés de $2 + 2 =$, não façam a operação, mas de pronto, e automaticamente, vejam 4.

Esse automatismo prende-se à formação do hábito, entre cujas leis está a de que o hábito deve ser formado nas mesmas condições em que se pratica na vida real. Não se deve, por exemplo, aprender a tocar piano tocando-se órgão. Ora, em que condições se usa da linguagem na vida real? Pois é em tais condições que se desenvolvem as atividades da linguagem.

As crianças devem conversar, discutir, monologar, contar com os mesmos estímulos e com os mesmos interesses com que agem na vida, não só porque esse é o processo natural do aprendizado, mas também porque é para a vida que se preparam.

No quarto ano o professor, deve formar a consciência lingüística nas suas crianças, isto é, dar-lhes a preocupação de se exprimirem bem, com clareza, com fluência, com elegância, sabendo que existe uma forma correta e uma incorreta de linguagem e esforçando-se por estar dentro das formas mais corretas. Aproveitar o sentimento cívico da criança para lembrar que é um dever falar bem a língua pátria.

Fevereiro e Março

Atividades:

Neste período a professora deve fazer a revisão da matéria gramatical do 3.º ano e dar a conjugação dos verbos auxiliares.

1.º) Conversa.

2.º) "Hora de histórias":

As histórias terão um fundo verdadeiro e serão, sobretudo, clássicas.

Sugestões: "Histórias de José do Egito"; "A última lição de francês de Daudet"; "Lenda de S. Cristovam"; "Dos Apeninos aos Andes", de Amicis, "Arctos e Calixto ou a constelação da grande e da pequena ursa" e outras histórias que as crianças continuem a apreciar do programa de 2.º ano e do 3.º.

3.º) Gravuras.

4.º) Excursão, de acordo com os programas de Geografia, Ciências ou História do Brasil.

5.º) Dramatização:

Tipo: "As duas fadas de Perrault" ou a mesma história sob o nome de "As enteadas e os anões" de Grimm.

a) fazer ler as duas versões da mesma história, a de Perrault e a de Grimm;

b) comentar o conteúdo e a forma de cada uma;

c) levar a criança a sentir a superioridade de forma e de conteúdo da de Perrault;

d) fazer ler novamente a história escolhida, para prestarem atenção nas personagens e no ambiente que irá servir à dramatização;

e) ensinar partes da história;

f) dramatizar a história;

g) crítica e apreciação;

h) sugestões para melhorá-la.

6.º) Poesias:

Ler, comentar e fazer decorar.

Tipo: "Deus", de Casimiro de Abreu; "Miséria", de João de Deus; "Elos de amor", de Júlio Diniz; "Veludo", de Luiz Guimarães.

7.º) Livros lidos pela professora:

a) explicar termos e expressões desconhecidos das crianças, antes de fazer a leitura;

b) ler um conto de cada vez;

c) provocar o senso crítico das crianças, chamando-lhes a atenção para as belezas da forma e do conteúdo;

d) dar oportunidades a que as crianças escolham duas a três expressões e palavras para o seu "caderno de expressões e palavras bonitas".

Sugestões: "Asas de Coragem", de George Sand, tradução de Virgínia de Castro e Almeida; "Contos Gregos", de Antônio Sérgio.

8.º) Palestra: A palestra deve ser considerada como a atividade mais importante para o desenvolvimento da linguagem das crianças. Ela envolve várias outras matérias, como Leitura, Geografia, Ciências, História do Brasil, etc. É uma das atividades mais ricas e de mais recursos nesse ano. A organização lógica dos fatos deve ser desenvolvida através de esquemas.

O esquema consiste apenas numa relação dos fatos que devem ser apresentados. Exemplo:

Como passei as férias — palestra de uma criança de 2.º ano aos colegas da escola, em assembléia.

Nome da fazenda;

onde fica;

por que tem esse nome;

como fui até lá;

uma coisa engraçada que aconteceu no caminho;

as coisas que fiz;

pesca;

colheita de algodão;

carro de boi.

Do que gostei mais:

amansamento de um burrinho;

treino de um cavalo para corridas.

O que trouxe para o museu:

algodão em rama;

um favo de mel;

caveira de um bezerro;

pedrinhas do rio.

ABRIL, MAIO E JUNHO

1.º) Conversa.

2.º) Histórias contadas pela professora.

Sugestões para "Hora de histórias":

"Bárbara Heliadora", "Tiradentes", "Marília de Dirceu", "Orfeu e Eurídice" (mito). "A história de Ruth" (Velho Testamento). "O patriotazinho de Pádua", (Amicis).

3.º) Gravuras:

a) apresentar gravuras sobre vultos e fatos da Inconfidência Mineira; sobre a escravidão; sobre o descobrimento do Brasil e os índios. Fazer bem vivas as emoções que as datas respectivas podem suscitar, através de gravuras e de boas páginas literárias em verso ou prosa;

- b) usá-las de todas as maneiras indicadas.
- 4.º) Excursão, de acôrdo com o programa das outras matérias.
- 5.º) Dramatização:
Rever as dramatizações já realizadas.
- 6.º) Poesias.
Sugestões:
a) Tomaz Gonzaga: Lira VI — “Acaso são estes os sítios famosos?”. Lira XVII — “Não vês aquele velho respeitável”. Lira XIII — “Arde o velho barril”. Lira XXXVI — “Meu Sonoro Passarinho”. — Lira III da segunda parte.
- b) Recordar a poesia “Bárbara Bela”, de Alvarenga Peixoto;
- c) ler e comentar um trecho de “Fugindo ao Cativo”, de Vicente de Carvalho;
- d) “Canção do Tamoio” — Gonçalves Dias;
- e) fazer decorar duas a três líras de Tomaz Gonzaga; a “Canção do Tamoio”, de Gonçalves Dias.
- 7.º) Livros lidos — Seguir o mesmo critério.
Sugestão: “Coração”, de Amicis (com exceção dos contos mensais que serão dados em outras oportunidades).
- 8.º) Palestra.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

- 1.º) Conversa.
- 2.º) Hora de histórias.
Sugestões:
“Vida de Joana D’Arc”, “David e o Gigante Golias”, “Naufrágio”, Amicis; “A volta de Brunilda”, “Capela ou o Chifre da Abundância”, (mito); “Vida de Pasteur”, “Vida de S. Francisco de Assis”, “Orion, ou a constelação do caçador”; fatos da “Retirada da Laguna”, de Taunay.
- 3.º) Gravuras.
- 4.º) Excursão, de acôrdo com o programa das outras matérias.
- 5.º) Dramatizações:
Tipo: “A bela adormecida no bosque”.
- 6.º) Poesias:
Ler, comentar e fazer decorar.
Sugestões:
“Velhas Árvores”, “Ave Maria” e “Madrugada”, Olavo Bilac.
“A morte das cigarras”, Olegário Mariano.
“O deserto de Tepantar”, “O furta sonos”, “Um marinheiro” e “Um mercador”, de Rabindranath Tagore.
- 7.º) Livros lidos pela professora:
a) “A Odisséia”, de Homero, adaptação de João de Barros;
b) Contos: “Sangue Romagnuolo”, “Pequeno Vigia Lombar-

- do”, “O Tamborzinho Sardo”, “O pequeno escrevente florentino” e “O enfermeiro de Tatá”, de Amicis;
- c) Romance: “A Bandeira de Fernão Dias”, de Paulo Setubal, adaptado convenientemente pela professora.
- 8.º) Palestras.

OUTUBRO E NOVEMBRO

- 1.º) Conversa.
- 2.º) Sugestões para “Hora de histórias”.
“Ben-Hur” — Lewys Wallace — Tradução.
“O cavaleiro sem igual ou lenda de Rolando” (adaptação de Arnaldo Barreto). “A vida de Edison”, “Alexandre e Bucfalos”, “Castor e Polux ou a Constelação dos Gêmeos”, “A morte de Siegfrieda”, “A vida de Santo Inácio de Loiola”, “Guilherme Tell ou o Caçador sem medo” (adaptação de Arnaldo Barreto), “Ariana” ou a “Constelação da Coroa”.
- 3.º) Gravuras.
- 4.º) Excursões, de acôrdo com o programa das outras matérias.
- 5.º) Dramatização:
Sugestão: Dramatizar o trecho do livro “Reinações de Narizinho”, compreendido entre as páginas 130 e 149, de Monteiro Lobato.
- 6.º) Poesias.
Ler, comentar e fazer decorar.
Sugestões: “Terra do Brasil”, de D. Pedro de Alcântara; “Jesus e a viúva”, de Afonso Lopes Vieira; “O Boi”, de Olavo Bilac.
- 7.º) Livros lidos pela professora:
“Alice no País das Maravilhas”, de Luiz Carrol, (tradução de Monteiro Lobato); “Os rapazes de Maria João” (tradução de Maria Paula de Azevedo); “Terra Bendita”, de Virgínia de Castro e Almeida.
- 8.º) Palestras.

Resultados:

No fim do 4.º ano as crianças devem apresentar o seguinte desenvolvimento:

- 1.º) revelam grande preocupação em falar bem;
- 2.º) organizam e expressam suas idéias com clareza e fluência em discussões mais formais e em palestras sobre determinados assuntos;
- 3.º) conversam agradavelmente sobre vários tópicos com maneiras e temperamentos adequados à situação;
- 4.º) usam em sua linguagem corrente termos e expressões retiradas dos livros e histórias contadas;

5.º) sabem introduzir suas idéias na conversa com naturalidade e respeito à personalidade de outrem;

6.º) conjugam os principais verbos irregulares e auxiliares.

LEITURA

O professor deve ter sempre em vista algumas diretrizes para o ensino da leitura através da escola primária. Em primeiro lugar, conhecer a natureza da leitura, para orientar-se de acôrdo com ela. É um processo difícil e complexo. Na leitura concorrem dois processos de naturezas diferentes: um processo mecânico e um processo mental. O processo mecânico é muito mais fácil de ser adquirido do que o mental. Daí, os casos tão freqüentes, nos meios escolares, de crianças que aparentemente lêem, mas que, na realidade, não lêem, porque não interpretam. A primeira preocupação do professor, em todos os anos, desde o início, deve consistir em verificar o processo mental através do processo mecânico.

Em segundo lugar, não pensar o professor que val enstnar a ler em um ou dois anos. Deve haver muita continuidade no processo de ensino do primeiro ao quarto ano. É nos anos superiores que notamos a deficiência do ensino nos primeiros.

Em terceiro lugar, deve ser lembrado que a leitura é ensinada na escola, porque ela é instrumento indispensável para a luta pela vida. E esse instrumento não se forma, enquanto a criança não tiver um profundo interesse pela leitura e "motivos imperiosos" que a obriguem a ler.

No quarto ano a atenção da professora deve dirigir-se principalmente para dois pontos que são considerados extremamente necessários à vida. Um deles é o hábito de estudo. É preciso treinar a criança para lêr e estudar eficientemente a matéria ligada a tôdas as disciplinas do programa. Deve estabelecer-se os hábitos e habilidades que se prendem a um grande número de situações de estudo, como resumir o conteúdo de um livro, achar a idéia principal de um trecho e os argumentos que a reforçam, encontrar respostas para determinadas perguntas, etc.

Outro problema é a leitura de bons livros da literatura infantil, que dificilmente a criança virá a apreciar e compreender sem que se ofereçam oportunidades para lêr e discutir em classe. Por outro lado, o quarto ano deve manter o desenvolvimento do interesse pela leitura e estabelecer os "motivos imperiosos de leitura" que vão obrigar a criança a lêr, depois do curso primário, ainda que não siga outros estudos. Com as poucas oportunidades educativas que se apresentam para as crianças do nosso povo, além do curso pri-

mário, a escola deve chamar a si a responsabilidade de dar a cada aluno esse instrumento de auto-aprendizagem, que é a leitura.

As oportunidades de leitura no quarto ano devem ser amplas, de modo que enriqueçam a experiência e dilatam o interesse dos alunos, pondo-os em contacto freqüente e variado com obras infantis, dentro dos vários ramos do pensamento humano, como história, geografia, ciências, viagens, biografias, etc.

FEVEREIRO E MARÇO

Atividades:

Atividades para verificar o desenvolvimento das crianças:

- A) Testes, na maneira indicada para o terceiro ano.
- B) Leitura fácil de material na biblioteca da escola, da classe, ou em casa, controlada pelas fichas, como já foi indicado.
- C) Exercícios com cartões-relâmpagos, com palavras e grupo de palavras que apresentarem alguma dificuldade de reconhecimento.
- D) Exercícios para desenvolver a rapidez da leitura silenciosa. Os mesmos dos períodos anteriores.
- E) Eliminação dos hábitos deficientes. Exercícios intensos individuais ou em grupos, no livro adotado.
- F) Leitura motivada para desenvolver as qualidades da leitura oral:
 - a) clube de leitura;
 - b) leitura oral motivada para a classe ou para pequenos grupos.
 - G) Leitura silenciosa para desenvolver a capacidade de interpretação:
 - a) ler para responder a perguntas feitas previamente;
 - b) ler para reproduzir, oralmente, para a classe ou para um grupo;
 - c) ler e dividir o trecho em suas idéias principais;
 - d) ler e extrair a idéia principal do trecho e as idéias que as explicam.

Nestes primeiros dois meses cada criança deve ler, no mínimo, quatro livros. A leitura e a apreciação devem ser registradas em fichas.

ABRIL, MAIO E JUNHO

- A) Treino nos hábitos de estudo comuns às várias matérias do programa:
 - a) realizar um trabalho sob instruções e direções escritas no quadro, ou mimeógrafadas;

- b) fazer esquemas da matéria lida;
 c) interpretar gráficos e mapas;
 d) interpretar quaisquer gravuras que ilustrem o texto;
 e) extrair a idéia principal de um livro ou de um trecho e as idéias que a explicam;
 f) reter o sentido para expô-lo oralmente, primeiro de um trecho pequeno, de uma página, e, finalmente, de um capítulo;
 B) Leitura em grupos, motivada, para desenvolver as boas qualidades de leitura oral:
 1) discutir a forma e o conteúdo do trecho, assinalando imagens e expressões mais bonitas;
 2) ler para fazer sobressair certos elementos da forma, como o ritmo do trecho;
 3) fazer leitura oral dramatizada, etc.;
 4) ler um trecho já lido pela professora, para adquirir bons hábitos de leitura, através da imitação;
 5) leitura e discussão de uma história para desenvolver a apreciação e o poder de interpretação.

Discutir elementos da forma como:

- a) estrutura das sentenças
 b) imagens e expressões;
 c) ritmo e harmonia;
 d) linguagem direta, etc.

Discutir elementos do conteúdo, como:

- a) analisar as personagens e seus característicos;
 b) atividades das personagens;
 c) desenvolver o enredo dos fatos;
 e) o final da história, etc.;
 C) Instrução sistemática nos hábitos de leitura, através do livro adotado. A professora deve reunir pequenos grupos e trabalhar com um grupo e ocupar o resto da classe em leitura independente.
 D) Atividades para desenvolver a rapidez da leitura silenciosa, como as indicadas para o 3.º ano. Neste período as crianças devem ter lido, no mínimo, 4 livros.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

- A) Testes para verificação dos hábitos deficientes.
 B) Correção sistemática dos hábitos deficientes.
 C) Treino nos hábitos de estudo, associando a leitura às matérias do programa.

- D) Leitura oral para desenvolver o poder de interpretação e de apreciação, conforme se indica para os períodos anteriores.
 E) Leitura independente dirigida, na escola e em casa.
 F) Treino para desenvolver a rapidez da leitura silenciosa.
 — Neste trimestre as crianças devem ler, no mínimo, 6 livros.

OUTUBRO E NOVEMBRO

As mesmas atividades dos períodos anteriores.

RESULTADOS: — No fim do quarto ano, as crianças devem ter adquirido o seguinte desenvolvimento:

- a) motivos reais para ler obras de vários gêneros;
 b) grande familiaridade com as melhores obras da literatura infantil;
 c) um considerável enriquecimento de experiência, através da leitura realizada dentro de cada ramo do pensamento humano;
 d) hábitos de estudo inteligente;
 e) um visível interesse pela leitura de vários tipos para informação e prazer;
 f) hábito e habilidade de usar o dicionário;
 g) uso inteligente de quaisquer fontes de informações para solução de determinados problemas;
 h) capacidade de procurar, por si mesmas, as fontes de informações, para solução de problemas e dificuldades.

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS PARA A LEITURA

"Contos Pátrios", de Olavo Bilac e Coelho Neto; "Minha Infância", de Jorge Jobim; "Rosa de Tannenburgo", Cônego Schimidt; Stoltz — "A casa do saltimbanco"; "Pinocchio", adaptação de Monteiro Lobato — "Emílio e os detetives", de Kastner, tradução de Virgínia de Castro e Almeida"; "Caçadas de Pedrinho" — "O garimpeiro do Rio das Garças" — "O saci", Monteiro Lobato; "O que a velha paineira nos contou" e "A lenda da Casa Branca", de Leilã Leonardo; "Robinson Crusôé" e "D. Quixote", adaptação de Monteiro Lobato; "Os desastres de Sofia" — "As meninas exemplares" — "O General Dourakine" — "Anjo da Guarda" e "Memórias de um burro", da Condessa de Segur; "As quatro raparigas", "Colégio de Ameixoira", "Alguns anos depois", "Os rapazes de Maria João" — de Maria Paula de Azevedo; "Caçador sem medo", biografia de (Guilherme Tell); "Cavaleiro sem igual", adaptação de "Cid, o campeador", da Biblioteca Infantil de Arnaldo Barreto; "Asas de Coragem", George Sand, tradução de Virgínia de Castro e Almeida"; "O tapete mágico de Tia Lúcia", 1.º e 2.º volumes — de Ilka Labarte;

"Viagens Pitorescas" — Bélgica, Inglaterra, China e Japão; "História do Brasil para crianças" e "O meu Torrão", de Viriato Corrêa; "História da Terra Mineira", Carlos Góis; "Brasil, Minha Terra" — de Júlia Lopes de Almeida.

COMPOSIÇÃO

A composição aprende-se através do exercício, e daí dizer-se que a criança aprende a escrever, escrevendo. De fato, essa é a primeira condição, como também é o grande obstáculo da realização de um programa de composição. Em classes numerosas, com cinquenta ou mais composições para serem corrigidas diariamente, tal realização é quasi impossível.

Mas é preciso que elas sejam diárias. Como, então, resolver o problema? E' a lei do exercício que vai resolvê-lo. Em primeiro lugar, o que é essencial na composição é o desenvolvimento geral da idéia, a sua riqueza em colorido e a sua variedade. E o treino mais difícil na composição não é, de maneira alguma, o treino na correção das formas gramaticais, mas, sim, o treino no desenvolvimento e na organização das idéias, na clareza da exposição etc. Esse treino depende do enriquecimento das experiências, das leituras feitas, do tema e da maneira de o professor apresentá-lo, das outras matérias e, muito também, da personalidade do professor e do ambiente geral da escola.

E' justamente êsse treino que exige que a composição seja diária.

A correção gramatical vai-se conseguindo aos poucos, fruto da maturidade da criança e da persistência do professor.

O problema das composições traz consigo, principalmente, o problema da correção das mesmas. Como, então, corrigi-las?

Em primeiro lugar, as correções devem ser sempre coletivas. O professor lê uma a uma, separa as melhores, marca o aspecto bom de todas, seja uma palavra, ou uma expressão. Comenta, na classe, os aspectos gerais das composições e lê as melhores, duas, três, ou mais, e cita uma particularidade interessante de cada uma das outras, para estimular seus autores. A correção da composição diária consiste apenas nesse comentário, em sugestões das crianças na classe, na leitura, de vez em quando, de um bom modelo que venha corrigir uma falha em vista, etc.

Os erros gramaticais vão sendo corrigidos aos poucos, escolhidos entre os mais graves e os mais freqüentes.

Corrige-se um erro de cada vez e não se passa a outro enquanto o primeiro não estiver bem eliminado na classe. Duas a três

vêzes por semana o professor faz a correção gramatical, em seguida, a correção da organização dos fatos e do desenvolvimento da idéia.

Para a correção dos erros gramaticais, o professor pode adotar o critério seguinte: — sublinha, nas composições, com um leve traço, o erro que está atacando. Tira exemplos das próprias composições, faz com êles exercícios de correção, orais e no quadro, usa o livro adotado para ilustrá-los e, finalmente, manda cada criança que tem o erro sublinhado corrigi-lo oralmente, para que todos verifiquem o seu caso particular. Em seguida mandará corrigi-lo na própria composição. Os erros que são bem atacados, logo se corrigem. Mas, há erros que são devidos mais a uma maneira imprópria de se dar a composição: originam-se freqüentemente, dos temas remotos da experiência das crianças.

Elas devem escrever sobre aquilo de que tenham muito que dizer. E não é só isso. E' necessário que, antes de elas escreverem, o professor mantenha uma conversa viva, interessante e variada para despertar-lhes associações novas, evocar-lhes experiências passadas, dar-lhes normas e sugestões e interessá-las vivamente pelo que vão escrever.

A imitação é um fator poderoso para a composição. Leituras, comentários sobre leituras, cópias de trechos de boa forma devem ser dados com freqüência.

O ponto essencial nas composições do quarto ano é o conteúdo geral, organização, variedade e riqueza das idéias.

A correção gramatical, já muito melhorada, tem pontos bem assentados e, mais um pouco, a linguagem escrita é perfeitamente correta.

E' indispensável estabelecer-se, neste ano, o hábito de organização de idéias baseado em esquemas, já iniciado no ano anterior, e o hábito de esquematizar trechos lidos dentro das várias matérias. Além de contribuir para a ordem mental, forma o hábito necessário àqueles que têm uma carreira aberta diante de si, como àqueles que encerram a sua carreira escolar com o curso primário.

A descrição, a enumeração, a argumentação e a dissertação não devem aparecer senão casualmente. Na correlação com as outras matérias há fartos motivos para a criança escrever, enumerar, dissertar ou argumentar.

Atividades:

Através das correções e de oportunidades adequadas, dar conhecimento da crase, do emprêgo de *lhe, o, se*; noção de verbos de predicação completa e incompleta; objeto direto e indireto; noção do período composto. Fazer decorar as conjunções subordinadas

tivas e coordenativas. Essas noções são muito mais facilmente adquiridas, e de maneira muito mais interessante, através da composição. É condensando ou dissecando os parágrafos de uma composição, para efeito de clareza, que a criança ganha a noção dos períodos compostos.

A) Exercícios de composição para desenvolver a organização mental das idéias:

1 — resumo esquemático:

a) mandar ler um trecho ligado a qualquer matéria de gramática;

b) mandar fazer o esquema do que foi lido.

NOTA: — Seguir as outras atividades indicadas para o mesmo fim, no terceiro ano.

B) Atividades coletivas para desenvolver a pontuação:

1 — exercícios de pontuação de histórias:

a) escrever uma história, sem pontuação, no quadro;

b) mandar uma criança lê-la tal qual;

c) pedir sugestões quanto à pontuação;

d) mandar ler, novamente, depois de pontuada;

e) fazer a criança sentir a pontuação, através da expressão na leitura.

2 — Exercício individual de pontuação de uma história:

a) ditar um trecho fácil que não apresente dificuldades ortográficas, para a classe;

b) mandar as crianças pontuá-lo de acordo com a expressão da leitura;

c) ler, novamente, o trecho para as crianças conferirem a sua pontuação.

3 — Apresentar casos curiosos de pontuação.

Ex.: — "Manuel vai ser enforcado hoje. Se V. Excia. concorda, eu não. Discordo".

Alterado pela pontuação:

"Manuel vai ser enforcado hoje. Se V. Excia. concorda, eu não discordo".

C) Atividades para desenvolver o treino de formas pronominais, verbais e possessivas da 2.ª pessoa do singular, 2.ª pessoa do plural e do tratamento de V. Excia.

1 — Mandar escrever cartas com êsses tratamentos.

2 — Mudar o tratamento das cartas.

3 — Estabelecer relação entre a linguagem escrita e a falada, fazendo variar, na classe, o tratamento, ora de 2.ª pessoa do singular, ora de 2.ª pessoa do plural ou de V. Excia.

4 — Dialogar uma história interessante.

D) — Usar as demais atividades indicadas para o 3.º ano.

No fim do quarto ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) revelam habilidade de escrever cartas apropriadas a várias situações mais comuns;

b) revelam a capacidade de escrever com clareza e boa organização uma série de parágrafos sobre um determinado assunto de seu conhecimento;

c) fazem esquemas de trechos lidos;

d) têm capacidade de, com leitura prévia, desenvolver um tema;

e) compõem histórias com unidade e com boa seqüência lógica;

f) conhecem a técnica de escrever quanto à pontuação;

g) apresentam mais variada e mais complexa a estrutura das sentenças;

h) escrevem gramaticalmente.

ORTOGRAFIA

Muito pouco precisa saber a professora sobre o ensino da ortografia para conseguir que seus alunos escrevam com correção. A ortografia não depende do raciocínio, e a repetição é a lei fundamental em que se apoia o seu aprendizado.

As causas principais dos erros de ortografia são devidas à percepção auditiva. Isso, geralmente, e, muitas vezes, mais freqüentemente, com crianças que têm pronúncia ou uma articulação defeituosa. As trocas de letras, tão freqüentes, são sempre evitadas quando se tem a preocupação de corrigir a articulação e a pronúncia da palavra.

O ensino da ortografia, como o de todas as matérias do programa, deve ter meios certos de controle. Enquanto não se dispõe de outros recursos, o livro de leitura adotado na classe pode servir de base para a seleção de palavras. Pode ser completado com listas de palavras fornecidas pelos erros nos exercícios escritos e com as palavras que se tornarem necessárias para a expressão escrita da criança.

O aprendizado da ortografia deve ser quanto possível individual. Pode ser adquirido através do treino isolado de palavras ou através de textos.

Não deve ser feito exclusivamente nem de uma maneira nem de outra. O mais verdadeiro seria fazê-lo dentro de um pensamento, mas torna-se, às vezes, insuficiente.

O treino de palavras só é eficiente quando o professor se mantém rigorosamente dentro das palavras do domínio da criança. Isso porque o fim exclusivo do ensino da ortografia é formar a imagem motora automática das palavras do vocabulário oral da criança.

O melhor método de ensino consiste em evitar a ocasião do erro. Por isso, as palavras devem ser dadas acompanhando o desenvolvimento das crianças, nas várias matérias.

Os critérios de seleção de palavras para cada ano devem ser:

- 1.º) frequência nos exercícios escritos;
- 2.º) estrutura difícil das palavras.

Os trechos escolhidos para o ditado devem ter um caráter acen-tuadamente artístico.

O ensino da ortografia, neste ano, tende a tornar-se cada vez mais individual, baseado nos erros que cada criança cometer. Isso por vários motivos.

Em primeiro lugar porque, no 4.º ano, as oportunidades para a criança escrever são tão numerosas que o exercício da ortografia se faz através delas.

Em segundo lugar porque o recurso do dicionário é o meio seguro e independente para a criança tirar dúvidas sobre a maneira de escrever uma determinada palavra.

Em terceiro lugar porque, dependendo a ortografia de vários fatores, como a idade, o desenvolvimento geral da criança, a língua-gem oral e a leitura — que já se acham bem desenvolvidos, — é de supor que ela já tenha atingido um bom grau de maturidade.

Atendendo a que devemos evitar as ocasiões de erro, o professor pode usar o livro adotado, como nos outros anos, como fonte de palavras para a ortografia. A Geografia, as Ciências Naturais, a História do Brasil e a Matemática contribuirão com termos que devem ser ensinados à medida que a experiência deles for sendo adquirida pela criança.

No mais, as atividades correm como no 3.º ano.

No fim do quarto ano as crianças devem ter adquirido uma ótima capacidade de ortografia:

- 1 — escrevem corretamente palavras do seu vocabulário corrente, em composições;
- 2 — escrevem corretamente palavras transmitidas de outrem, em ditado;
- 3 — escrevem corretamente palavras desconexas, ditadas de acordo com a família ou com os sufixos e prefixos das palavras;
- 4 — possuem recursos para escrever corretamente palavras desconhecidas, transmitidas num texto de seu entendimento;

- 5 — conhecem algumas regras obtidas por indução;
- 6 — distinguem palavras pelas sílabas e pela acentuação;
- 7 — sabem dividir palavras em sílabas.

ESCRITA

A escrita não é tão insignificante para o preparo geral de uma pessoa de modo que seja desconsiderada num programa. E tanto assim é que, depois de anos em que tem sido mais ou menos abandonada, volta a ocupar a atenção do professor com o seu processo analisado e os seus objetivos bem definidos.

A escrita é um meio de comunicação e a vida exige, nela, principalmente, duas qualidades: *rapidez e legibilidade*.

Ao professor é indispensável saber os graus de perfeição que essas qualidades podem atingir na escola, as condições que podem afetar sua aquisição e desenvolvimento e o tempo que isso absorve.

Os movimentos na escrita são determinados pela posição da criança na carteira, pela colocação do papel e a maneira de pregar a caneta ou a pena.

O movimento mais importante é o da mão ao longo da linha, enquanto se formam as letras. É feito pela rotação do braço em torno do cotovelo ou em torno do ponto de apoio do braço na mesa. Quando este movimento não é propriamente desenvolvido, a mão fica muito presa e dura, e as letras ficam mal formadas. Se ele não se faz continua e regularmente, a inclinação e a forma das letras ficam muito defeituosas.

A criança deve sentar-se bem defronte da carteira. A altura do assento deve permitir que os seus pés descansem bem no chão e as suas pernas fiquem paralelas à superfície do banco. Deve sentar-se bem atrás na cadeira e com a cabeça sempre alta. Para evitar que se tenha de curvar para a frente, aproxima-se a cadeira da mesa, de modo que os pés da criança fiquem debaixo da mesa. A altura da mesa deve ser de molde a permitir que o braço direito descanse naturalmente sobre ela.

O papel deve ser colocado diante da criança, ligeiramente inclinado, de modo a fazer com o bordo inferior da carteira um ângulo de 30º mais ou menos.

A linha de escrever fica, assim, paralela à diagonal traçada do canto inferior da carteira ao canto superior, nas nossas carteiras normais. A mão deve apoiar-se no 3.º e 4.º dedos e nunca na base ou no lado da mão.

O lápis e a caneta devem ser segurados, naturalmente, e os dedos não se devem amontar para segurá-los. Devem ser mantidos en-

bre o dedo grande e o indicador, sendo que este mais perto da pena ou da ponta do que aquêle.

Devemos encarar não só o movimento, mas o seu ritmo. As ações musculares não alcançam o seu inteiro objetivo quando não se coordenam num ritmo natural. O ritmo facilita não só a rapidez como a legibilidade.

A escrita, como tôdas as atividades, deve ser controlada sistematicamente pelo professor.

As normas que servem de base para medi-la são, quanto à legibilidade:

- 1) espaçamento das palavras;
- 2) espaçamento das linhas;
- 3) inclinação da escrita;
- 4) forma, tamanho e espaçamento das letras;
- 5) regularidade das letras e da inclinação;
- 6) ausência de floreados.

A qualidade mede-se, também, pela *disposição geral*:

- 1) margem;
- 2) centragem de títulos;
- 3) aberturas de parágrafos.

Peia limpeza

- 1) rasuras;
- 2) borrões;
- 3) cuidado geral.

A rapidez mede-se fazendo a criança escrever durante um certo número de minutos, geralmente, um a dois minutos. Divide-se o total das letras escritas pelo número de minutos. O quociente representa a rapidez.

A escrita aprende-se através de repetições atentas dos movimentos, até que se tornem automáticos. Para assegurar a eficiência das repetições, devem estar estas associadas a algum motivo real para a criança. Uma boa motivação de que o professor pode lançar mão, para melhorar a escrita das crianças, é interessá-las no seu próprio adiantamento, marcando os seus erros, sugerindo meios e exercícios para corrigi-los e registrando os seus progressos.

No quarto ano a boa atitude para com a escrita deve estar formada de maneira que leve a criança a considerar tôdas as situações em que escreve como situações de aula de escrita. Manter sempre, no mais alto grau, as qualidades de legibilidade e rapidez já adquiridas.

Os treinos especiais são mantidos, apenas, para casos de deficiência que exijam exercícios prolongados e freqüentes. São treinos individuais.

O contrôle deve ser feito com a mesma regularidade, não só para manter a criança alerta contra maus hábitos que possam vir a formar-se, mas ainda para manter-lhes o estímulo em prol da boa escrita.

A rapidez pode ser medida com regularidade, porque tende a desenvolver-se sempre.

No fim do quarto ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) escrevem 70 a 80 letras por minuto;
- 2) apresentam uma boa disposição geral da matéria na página, quanto à margem, abertura de parágrafos, títulos, cabeçalhos etc.;
- 3) têm os movimentos desembaraçados e firmes;
- 4) possuem boas normas de legibilidade quanto à formação de letras, regularidade nas letras e na inclinação, regularidade no espaçamento de sentenças, de palavras, de letras etc.

BIBLIOGRAFIA

Penne Cusack: — Como se ensina a leitura.

Dottrens et Margairatz: — L'enseignement de la lecture par la méthode globale.

Huey — Psychology and Pedagogy of Reading.

Anderson — La lecture silencieuse.

Labor — El Tesoro del Maestro. (vol. II).

Charrier — Pédagogie Vécue. (vol. II).

Aguayo — A didática da Escola Nova.

Aguayo — Pedagogia Científica.

Claparède — Psicologia funcional.

Alberto Pimentel — Súmula Didática.

Faria Vasconcelos — Como se ensina a escrever.

Faria Vasconcelos — Como se ensina a ortografia.

Moore — The Primary School.

Lombardo Radice — Lecciones de didática.

Sara Bryant — Como contar histórias às crianças.

Chubb — The teaching of English.

Istel — Quelles histoires raconterez-vous à vos enfants?

Zilah Frota, Marieta Leite e Alaide Lisboa — A Poesia na Escola Primária.

Anita Fonseca — Livro de Lili (Manual da Professôra).

ARITMÉTICA E GEOGRAFIA

Considerações sobre o ensino da Aritmética e da Geometria no curso primário

A Aritmética, se ensinada com o objetivo exclusivo de ensinar Aritmética, sem atender a necessidades reais e sem corresponder a situações que, de fato ou provavelmente, ocorrerão, não alcançará seu objetivo verdadeiro, que é ensinar ou auxiliar o aluno a estimar, medir, comparar, avaliar, calcular, tornando-o eficiente no uso e aplicação dos números.

Se tudo que nos cerca existe em alguma medida, torna-se necessário, para avaliar com exatidão, reconhecê-lo no seu aspecto de relação. Bastaria este fato para justificar o lugar da Aritmética num programa de ensino. No entanto, não são poucos os conhecimentos aritméticos adquiridos na infância e que, por falta de aplicação, pouco duraram, dêles restando a lembrança, muitas vezes amarga, de energia e tempo dispendidos inutilmente. É costume dar aos alunos, por exemplo, o cálculo de juros, em qualquer prazo, a qualquer taxa, descurando-se daqueles casos real e atualmente mais usados. O aluno sabe aplicar muito bem a fórmula "cit/100" e, contudo, duvidará diante de uma caderneta de Caixa Econômica, para calcular os juros de um semestre. Saberá resolver problemas a cuja redação se habituou na escola, com frações 57/123, 17/19 etc., e talvez se visse embaraçado se lhe dissessem: "Volte daqui a três quartos de hora". Há-béis em problemas considerados difíceis, na escola, são os alunos, não raras vezes, incapazes de dizer, prontamente, o tróco de uma compra ou interpretar uma pequena notícia de jornal, isto é, aplicar a Aritmética aprendida na escola aos problemas corriqueiros de todo dia. É que entre a Aritmética da escola e a Aritmética da vida levantou-se uma barreira, quando uma e outra deveriam ser a mesma. Tal não teria acontecido se os conhecimentos fornecidos pela Aritmética na escola tivessem sido aqueles que a própria vida exige dos indivíduos e nas situações que lhe são mais comuns, isto é, se a escola houvesse introduzido a Aritmética dentro de sua função natural.

As atividades dos próprios alunos, as atividades da classe, da escola, fornecem excelente material para o ensino dos números, especialmente no primeiro ano, quando a criança vai à escola com algumas experiências, bem ou mal definidas. Sabe dizer os nomes dos números — um, dois, três, quatro, cinco, vinte e cinco, etc., mas aceitará, satisfeita, a troca de um níquel de \$400 ou de uma pratinha de \$500 por alguns níqueis de tostão, atraída pelo número de tostões, apesar da diferença de valor. Ao professor dos primeiros anos está reservada a parte mais delicada do programa. Cumpre-lhe oferecer aos alunos situações oportunas, atuais, em que os números en-

trem necessariamente, auxiliando-os na interpretação das mesmas e levando-os a formar imagens claras e definidas das relações numéricas.

Encontram-se facilmente alunos que sabem a técnica das operações, porque se habituaram a fazê-las. Não tão facilmente se encontram aqueles que sabem "quando" e "como" devem aplicar as operações, porque não lhes foi desenvolvida a capacidade para compreender e interpretar as diferentes situações, e nem a habilidade para empregar, selecionando, os seus recursos aritméticos.

Todo trabalho deve ser desenvolvido através de problemas que são situações significativas. Os problemas derivados de projetos ou atividades correspondem a fontes de interesse para a introdução do trabalho formal dos fatos aritméticos e processos. Ex.: Em uma classe, discutidos os meios para a exposição permanente de trabalhos dos alunos (composições, desenhos, gráficos etc.) chegam à conclusão de que uma barra de pano satisfaria bem, porque, sem furar muito a parede, comportaria grande número de trabalhos, presos com alfinetes.

Qual seria então, a fazenda? Quantos metros bastariam? São questões que logo surgem. Calculadas as medidas, pelos próprios alunos, viram que 4 metros e 25 centímetros chegariam para uma parede, e 2 metros e meio para a outra. Escolhida a fazenda, decidiram por uma de 18600 o metro.

Quanto gastariam, então? Necessariamente, este problema terá de ser resolvido. E, como a classe ainda desconhece a técnica da multiplicação decimal, é bem provável que o problema seja assim solucionado:

4 metros, a 18600	68400
1/4 do metro	4800
	<hr/>
4 metros e 1/4	68800
	<hr/>
2 metros	38200
1/2 metro	8200
	<hr/>
2 metros 1/2	48000
	<hr/>
	68800
	48000
	<hr/>
	108800

Esta solução é uma contribuição valiosa à regra que elaborarão oportunamente.

Será fácil, depois dêsses dois problemas e de outros semelhantes, mostrar a multiplicação de 4,75 por 18600. E de 2,50 por 18600.

Ou de 6,75 por 1\$600. Compreenderão mais facilmente o processo da multiplicação de um número inteiro por um decimal. E as razões que a suportam. Aceitarão, racionalmente, o resultado "6\$800" e não o resultado "680\$000": "4\$000 e não 400\$000.

4,25	4,25	
1600	1600	
<hr/>		
2550	2550	
425	425	
<hr/>		
680000	680000	etc.

Estes problemas e alguns outros semelhantes não serão, todavia, suficientes à resolução precisa da multiplicação de um número inteiro por um decimal. Mas, o interesse despertado pelo problema, que foi realmente "um problema de classe" e que fez, por isso mesmo, um apêlo à capacidade de pensar dos alunos, permite-lhes aceitar, de boa vontade, os exercícios formais, necessários à fixação e à rapidez do processo.

A princípio, os problemas devem ser orais, com uma operação apenas, *factets*. Depois, com duas operações e assim sucessivamente, acompanhando o desenvolvimento intelectual dos alunos e contribuindo para o mesmo.

Sómente quando o aluno reconhece no trabalho algum valor que a êle se entrega interessadamente. Esse valor só poderá ser realçado através de situações que representem experiências suas. Problemas dessa natureza despertam o interesse para possuir os instrumentos necessários à solução. E, como o esforço é uma consequência natural do interesse, o aluno aceitará os exercícios formais, sérios, para ganhar o domínio sobre os mesmos. Depois de *compreender*, através de problemas, a formação dos números pela soma, subtração, multiplicação e divisão, isto é, depois de *compreender* que 5 mais 7 são 12, que 10 menos 8 são 2, que 5 vezes 4 são 20, que 21 dividido por 3 são 7, etc., por que não associar rapidamente êsses resultados à indicação das operações, chegando, pelo exercício, à automatização dos mesmos?

Tôda dificuldade será, pois, considerada como um problema. Vencida a dificuldade que o mesmo encerre e feita a verificação por meios *objetivos*, problemas adicionais serão dados. Em seguida, exercícios para maior precisão e rapidez.

O trabalho será enriquecido com problemas reais e atuais (especialmente nos primeiros anos), que *decorram das experiências dos alunos, que os interessem, que os estimulem a raciocinar, que promovam associações úteis.*

Os problemas trazem *vida* ao trabalho, quando bem aproveitados, além de fornecerem *motivos* para o estudo. Dão *finalidade* às operações, além de exercitarem as habilidades que desenvolvem nos alunos.

As situações problemáticas do momento, isto é, as atuais, aquelas que a criança vê, sente, vive, são as mais ricas para seu desenvolvimento. "Por que não levar o aluno a tomar nota de suas próprias despesas na escola ou mesmo fora da escola?" (Aproveitando sempre a oportunidade para *desenvolver o julgamento do aluno e educá-lo*). Estabelecendo confronto entre despesas feitas nos diversos meses ou semanas. Confronto entre despesas de um e outro aluno. Interessá-los pelas compras da escola. Pelas despesas gerais de classe. Problemas sobre horário. Problema sobre a merenda. Sobre a alimentação racional. Sobre a frequência (percentagem de alunos frequentes em cada classe, na escola). Problemas sobre os resultados dos testes. Sobre o movimento da biblioteca (aquisição de livros, encadernação, caixas, manutenção da biblioteca). Movimento e vida do jornalzinho escolar, dos diversos clubes, grêmios ou associações, loja de fornecimentos, etc. Problemas derivados de notícias de jornais — comércio, importação e exportação, população, anúncios etc., etc." Em certa escola primária, por iniciativa de seu jornalzinho, resolveram os alunos fazer doação de uma casinha para os pobres da cidade Ozanan. Começaram com pequenas contribuições mensais, durante dois anos, e terminaram com um festival que satisfez plenamente ao móvel da iniciativa, além de permitir fazer outras doações a instituições de caridade. Já mais a Aritmética fora tão vivida pelos alunos nessa escola. Eram os cálculos para conhecerem as contribuições mensais de cada classe, de tôdas as classes, quanto faltava para os 3:500\$000 desejados. As medidas que sugeriam para levantar o capital mais rapidamente. Movimento de pequenas rifas de trabalhos. Os preparativos de ordem econômica para o festival, como: montagem de uma peça, fantasias para os alunos, requerimentos, impressão de programa, anúncios no mesmo impressão de ingresso, etc. etc., levantaram problemas muito interessantes que não apenas revelavam aos alunos o auxílio que a matéria lhes prestava nas diversas circunstâncias, como contribuíam eficientemente para o seu desenvolvimento, em diversos aspectos — intelectual, social, cívico, religioso, moral. Os mesmos problemas, imaginados, não teriam despertado tanto interesse e nem provocado igual curiosidade intelectual. Contudo, os *problemas atuais não poderão ser exclusivos, no trabalho. Outros tipos deverão ser introduzidos, além de outros exercícios para fixação e rapidez, jogos, etc., etc.*

O interesse que se consegue através dos problemas, em cada caso particular, deve estender-se, de modo geral, ao conhecimento da disciplina, fazendo-se o aluno sentir a necessidade do auxílio da Aritmética e apreciar sua técnica na solução dos problemas. E, assim,

a aprendizagem se tornará mais um trabalho de atrativos e satisfações do que propriamente um esforço obrigatório.

Em resumo: Todas as matérias oferecem farta contribuição para a tarefa importante do professor, que é de desenvolver no aluno motivos fortes para a ação que eleva, para a ação que dignifica. A Aritmética aplicada à economia doméstica vem auxiliar a resolução de questões úteis presas à habilitação, ao vestir, à alimentação, às distrações, à administração da família (rendas e despesas, gastos superfúos etc.), etc. etc. Entre os motivos, encontram-se aqueles que se prendem à educação cívica do aluno — o estudo das manifestações da vida econômica: agricultura; mineração; comércio (de importação e exportação); comunicação; administração pública (da região, do município, do Estado, do País; os impostos, seu emprégo; previdência social; finanças (a moeda, valorização, etc.); etc., etc. Assim as questões presas à economia política e à ciências das finanças que podem ser facilmente interpretadas no curso secundário, onde encontram um lugar mais favorável para serem ventiladas, mas que devem ser iniciadas no curso primário, aproveitando o professor somente aqueles aspectos que possam levar à compreensão de algumas das condições, natureza e constituição da Pátria, para formar no aluno o sentimento de responsabilidade e a mais perfeita consciência do dever.

O ensino da Geometria, como o da Aritmética, deve ser vivo, prender-se às formas que se encontram no ambiente. Através de observações do meio, educar a vista do aluno para uma apreciação justa das formas. Partir da definição do corpo, linhas, ângulos, etc., corresponderia a partir das letras para se ensinar a leitura (processo que, dificilmente, garantiria o interesse dos alunos).

Partir, pois, dos objetos que cercam os alunos, compará-los, chegar, pela observação, ao conhecimento das diversas formas, parece o processo mais aconselhado. O fundamento do ensino da Geometria repousa em observações que permitem uma aplicação segura dos conhecimentos sobre formas dos corpos e sobre outras verdades que a matéria encerra. Assim iniciados, os alunos poderão compreender, mais tarde, as relações causais entre as cousas e suas formas; e compreender como as formas das cousas estão adaptadas a um fim.

Os problemas da Geometria devem decorrer de circunstâncias reais; levar os alunos a atividades várias; levantar novos problemas; aumentar o círculo de experiências dos alunos.

O estudo da Geometria deve ser relacionado ao trabalho manual. Também ao trabalho agrícola, desenvolvendo-o sob a forma de medida de terreno" (para o estudo das áreas).

No desenvolvimento do programa deve haver seqüência. As diversas partes que o formam devem suceder-se dentro de um encadeamento lógico e psicológico ao mesmo tempo, etapa por etapa, não

permitindo lacunas e interrupções entre os diversos conhecimentos e nem mesmo longos intervalos sem aplicação da matéria já aprendida. Ainda que na seriação do programa certa matéria tenha sido desenvolvida no princípio de um trimestre, não convém abandoná-la inteiramente, mas usá-la, fazendo aplicações diversas, seja o trabalho oral ou escrito. Não só os conhecimentos se tornarão mais precisos, como também a sua aplicação se fará mais fácil e inteligentemente.

Concluindo:

- 1 — Manter o interesse dos alunos durante todo o trabalho.
 - a) considerando as experiências como base;
 - b) escolhendo o material educativo dentro de necessidades reais.
- 2 — Atender às diferenças na classe.
 - a) questões mais difíceis para os mais desenvolvidos;
 - b) trabalho qualitativo e quantitativamente dosado.

FEVEREIRO E MARÇO

Revisão, em problemas, da matéria estudada, incluindo números inteiros e fracionários.

Leitura e escrita de números inteiros, especialmente daqueles que trazem dois ou mais zeros (50.010; 6.000.007; 507.035, etc.)

Leitura e escrita de números romanos até quinhentos.

Exercícios de cálculos mental, com números inteiros, até cem.

Multiplicação de números compostos, trazendo o multiplicador zeros intermediários.

Divisões mais difíceis.

$30456 \div 47$; $54431 \div 69$.

Divisão abreviada por 10, 100, 1.000.

Frações ordinárias. Ampliar o conhecimento das frações, em problemas que exijam aplicação da equivalência. Comparação das frações entre si e relativamente à unidade.

(Dar a terminologia — numerador, denominador, frações próprias, frações impróprias, etc.).

Tratando-se de frações, procurar somente aquelas cujos denominadores são mais usados na prática. Compreendendo bem os meios, têrços, quartos, quintos, décimos etc., e suas equivalentes mais comuns, os alunos serão capazes de resolver os casos de denominadores maiores que, por ventura, venham a surgir-lhes.

Como no estudo dos números inteiros, a soma e a subtração de frações devem ser dadas simultaneamente.

Comparação entre meios, quartos, oitavos; têrços, sextos, etc., (cortando e medindo material), para compreensão da equivalência entre as frações.

Frações decimais. Emprego do metro e de sua divisão, em problemas orais e escritos. Equivalência entre as frações ordinárias e decimais:

$$\frac{1}{2} \text{ e } 0,5; \frac{1}{4} \text{ e } 0,25; \frac{3}{4} \text{ e } 0,75$$

Iniciar a construção de gráficos (aproveitar resultados dos trabalhos dos alunos e da classe, assim como material informativo para estudos).

Intensificar os problemas relativos à divisão do tempo (uma hora e 60 minutos; meia hora e 30 minutos; um dia e 24 horas; uma semana e 7 dias; um ano e 12 meses; trimestre, semestre, biênio etc.).

Aplicação das formas geométricas estudadas.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Leitura e escrita de quaisquer números e quantias.

Leitura e escrita de números romanos até mil ou mais.

Soma, subtração, multiplicação e divisão de números inteiros, em problemas orais e escritos. Outros exercícios para cálculo mental, usando números inteiros até cem.

Divisão por um número composto (introduzir novas etapas, como zeros no quociente — intermediários e finais).

$$180288 \div 36; 2.410,00 \div 78; 2312317 \div 38.$$

Frações ordinárias e números mistos. Problemas que podem ser encontrados, na prática, resolvidos pelo conhecimento das frações equivalentes. Divisibilidade por 2, 3, 4, 5, 9, 10.

Soma e subtração de frações ordinárias.

Frações decimais. Atividades diversas em que os alunos possam ver a aplicação das frações decimais. Usar as medidas de comprimento: metro, decímetro, centímetro, milímetro. Introduzir o quilômetro. Comparação das frações entre si e relativamente à unidade.

Soma e subtração de frações decimais.

Gráficos — interpretação e construção.

Aplicação das formas geométricas estudadas.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Leitura e escrita de quaisquer números e quantias.

Números romanos. Usar quando necessários. (Reconhecendo que a posição das letras afeta o valor do número como CD = 400 e

DC = 600, os alunos poderão usá-los facilmente, lendo datas ou outro material).

Continuar a aplicação da matéria estudada referente aos números fracionários.

Multiplicação e divisão das frações ordinárias e decimais. (Escolher sempre as frações mais facilmente encontradas na prática e nas situações mais frequentes).

Multiplicação e divisão das frações decimais por 10, 100, 1.000.

Problemas abrangendo números inteiros, e fracionários. Outros exercícios para cálculo mental, com os números inteiros, até cem. Com a moeda, até vinte cruzeiros.

Sistema métrico. Continuar o estudo das medidas, iniciado no primeiro ano.

(Tomar dimensões. Registrar temperatura. Compra de material. Usar fichas individuais para registro de peso — por meio de gráficos — nos diferentes meses, — aumentos e baixas, etc., etc.).

Medidas de comprimento: metro, decímetro, centímetro, milímetro. O quilômetro, sua aplicação. (Aproveitar, por exemplo, os mapas rodoviários e o material usado nas estradas de ferro, em que as tabelas apresentam as distâncias quilométricas entre as cidades, etc., etc.).

O decâmetro e o hectômetro, mais conhecidos como 10 e 100 metros.

Medidas de peso: o quilo, o grama e suas divisões mais usadas.

Medidas de capacidade: o litro, múltiplos mais usados.

O metro quadrado e o metro cúbico. Sua aplicação.

O are, sua aplicação.

Problemas que a prática exige, sobre as diversas medidas, áreas e volumes.

Conhecimento das medidas antigas ainda usadas entre nós, como o alqueire, a légua, a polegada.

Problemas sobre áreas (do quadrado, do retângulo e do triângulo).

Problemas sobre perímetro, especialmente do quadrado e do retângulo.

Reconhecimento do círculo, circunferência, raio, diâmetro. Aplicação das formas geométricas estudadas.

OCTUBRO E NOVEMBRO

Aplicação de toda a matéria estudada. Visar, de modo especial, o cálculo mental (em operações correntes — com os números inteiros até cem. Com a moeda, até vinte cruzeiros).

Estudo da porcentagem e sua aplicação, (comissões, reduções, lucros e perdas, juros simples).

No fim do 4.º ano, os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento:

1 — reconhecem o valor da aritmética nas relações particulares e comerciais;

2 — reconhecem o valor da "economia";

3 — sabem aplicar a aritmética na solução dos problemas que surgem em suas atividades;

4 — resolvem, com facilidade, os problemas mais comuns sobre compras, usando meios rápidos e econômicos nos processos mentais;

5 — sabem dizer, rapidamente (sem escrever as operações), o trôco sobre qualquer importância até vinte cruzeiros; sabem calcular (sem escrever as operações) com os números inteiros, até cem;

6 — resolvem problemas escritos, envolvendo os processos e noções estudadas;

7 — não aceitam resultados absurdos, dos problemas que resolvem, porque são capazes de reconhecer-los através da interpretação das relações estabelecidas;

8 — têm bem formado o hábito da verificação e são capazes de usá-lo em todas as operações;

9 — possuem um controle automático de todos os fatos fundamentais;

10 — lêem e escrevem quaisquer números e quantias;

11 — sabem interpretar gráficos simples;

12 — fazem as operações de números inteiros, rapidamente;

13 — resolvem problemas *práticos* sobre frações ordinárias;

14 — resolvem problemas *práticos* sobre frações decimais;

15 — resolvem problemas *práticos*, aplicando seus conhecimentos sobre: divisões do tempo; metro, decímetro, centímetro, milímetro; quilômetro; quilo, grama e suas divisões mais usadas; litro; metro quadrado e metro cúbico; are;

16 — sabem encontrar a área de salas, terrenos, etc., de forma quadrada, retangular e triangular.

17 — saber encontrar o perímetro dos quadrados e dos retângulos;

18 — resolver problemas *práticos* para encontrar a porcentagem de um número, isto é, para conhecer comissões, abatimentos, lucros, perdas ou juros simples de certa quantia;

19 — saber aplicar, em desenhos mapas, etc., as formas geométricas estudadas.

BIBLIOGRAFIA PARA O PROFESSOR

Faria de Vasconcelos — Como se ensina a raciocinar em aritmética.

Faria de Vasconcelos — Como se ensina aritmética.

Alberto Pimentel — Súmula Didática.

Thorndik — A nova metodologia da aritmética (Tradução de Anadyr Coelho).

Backheuser — A aritmética na escola nova.

Comas — Metodologia de la aritmética y la geometria.

Adolf Rude — El Tesoro del Maestro (volume IV — La enseñanza de las ciencias exactas y naturales). Tradução de Domingo Tirado y Ricardo Crespo.

Martel — Procédés du calcul rapide.

Grosgrurin — Méthodologie — Enseignement de l'arithmétique.

GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CAPÍTULO I

Pontos a considerar no ensino da geografia

O ensino da Geografia na Escola primária não tem como objetivo dar à criança o conhecimento de toda a matéria, o que não convem por dois motivos:

a) a matéria é vastíssima;

b) é mutável em seus fatos e localizações.

Assim sendo, o objetivo da Escola Primária ao ensinar Geografia à criança é torná-la um indivíduo capaz de, permanentemente, compreender os fatos e relações geográficos, acompanhando-os em suas mutações e importância para a vida do homem. Em resumo, tornar cada aluno capaz de apreender inteligentemente os fatores geográficos, compreendendo-os em sua relação com a vida humana.

Este objetivo não foi e nunca será alcançado se nós nos preocuparmos apenas em *transmitir* conhecimentos geográficos.

Poderemos alcançá-lo, no entanto, se visarmos o desenvolvimento do espírito da criança, dotando-o de qualidades necessárias à compreensão geográfica.

Tais são:

A) atitude geográfica.

B) pensamento.

C) capacidade de utilizar os instrumentos de estudo da matéria.

A) *Atitude geográfica*: o estudo dos fatos e localizações geográficas não é simplesmente especulativo. Tais fatos e localizações devem ser estudados pela relação que têm com a vida do homem, favorecendo ou dificultando sua atividade e, em qualquer caso, obrigando-o a pensar para melhor adaptação. Todos os grupos de homens constituídos em sociedades experimentam, em sua vida eco-

nômica, política, social e espiritual, efeitos do ambiente em que vivem. Os fatos geográficos, quando isolados da vida humana, carecem de importância vital. Ao passo que, estudados em relação a determinado grupo de homens, em sua ação favorável ou desfavorável, controladora de atividades, estimuladora do pensamento, os fatos geográficos assumem máxima valia para compreensão do homem em seu caráter, seus problemas e dificuldades, desenvolvimento e ação.

Ex.: *Chuva* — A chuva é da experiência infantil.

Em geografia, a criança vai aprender a ver a chuva, não como um fato em si mesmo, mas sim, nos diversos aspectos de suas conseqüências para a vida: abundância, escassez, falta, absoluta, fertilização do solo, necessidade para vegetais e animais, culturas, trabalho do homem para remediar sua falta, conseqüências financeiras, conseqüências na conduta social, enchenes, higiene, etc.

Assim, pode e deve ser estudada a chuva desde as primeiras aulas de Geografia, com observação no ambiente local. O estudo analítico do fenômeno, muito mais elevado e difícil, compete ao campo científico-natural, nos anos posteriores.

Ver os fatores geográficos sob esse prisma de *relação* com a vida humana é o que chamamos de *atitude geográfica*, atitude que a Escola Primária deve formar na criança.

B) *Pensamento geográfico*: Este está diretamente ligado à atitude. Em sua educação e desenvolvimento visamos tornar a criança capaz de *descobrir, localizar e interpretar* relações geográficas. É o pensamento que a levará a meditar sobre a vida dos homens nas diferentes regiões do globo:

“Onde vivem?

Como vivem?

Por que vivem assim?”

Não se vai pedir à criança a interpretação de todas as relações geográficas; há muitas dificilmente perceptíveis. Outras, no entanto, pela sua influência em situações concretas da vida da criança e da comunidade, podem ser facilmente fixadas para interpretação e julgamento.

Por exemplo: — Diferença de preços entre produtos alimentícios próprios ou não da região; o peixe do mar, a banana brasileira e a maçã estrangeira.

Por ela preparamos o pensamento da criança para interpretação de relações mais complexas e menos concretas.

E por isso a formação do pensamento geográfico é básica; deve constituir nossa preocupação desde a primeira aula de Geografia, pois vai influir sobre todo o curso.

C) *Utilização dos instrumentos de estudo*: As realidades geográficas não podem ser diretamente observadas pela criança, exceto em casos de Geografia local. Uma professora não pode viajar, com sua classe, por todas as regiões que deve estudar.

Essas regiões chegam até nós através de documentos de pessoas que as viram.

Esses documentos constituirão, pois, instrumentos para o estudo da Geografia. São eles, principalmente:

- 1) Textos.
- 2) Mapas e plantas.
- 3) Gráficos.
- 4) Fotografias, gravuras, etc.

Quanto maior habilidade tiver o indivíduo em utilizar-se desses instrumentos mais apto está para colher dados de raciocínio e julgamento sobre regiões geográficas distantes.

Vemos, pelo que ficou exposto, que a Geografia não é, absolutamente, matéria de decoração pura; é, antes, de raciocínio e aquisição de hábitos, habilidades e atitude.

Exemplos: — O hábito de consultar o mapa; habilidade em interpretar uma legenda; utilização do raciocínio em julgar da importância de uma estrada de ferro para a vida de uma região, atitude de justa compreensão para com as possibilidades brasileiras.

O desenvolvimento da criança na matéria deve, pois, ser medido, não só pelos conhecimentos que possui, mas também pelo desenvolvimento do raciocínio, hábitos e habilidades que adquiriu.

Seqüência

Assim considerada, a matéria deve ser levada ao conhecimento da criança, coordenada de tal modo que conhecimentos, habilidades e hábitos anteriores preparem o espírito para a etapa seguinte. A falta de uma etapa vem, muitas vezes, prejudicar o resultado, como aconteceria se, em matemática, fôssemos ensinar a divisão a uma criança que não estivesse a par das operações de subtração.

Por isso, um programa completo de Geografia deve conter os seguintes aspectos: (*)

- A) Geografia local.
- B) Visão geográfica.
- C) Geografia regional.
- D) Geografia universal.

(*) BRANOM — *The Teaching of Geography*.

Inicia-se pela Geografia local, mais inteligível para o aluno considerando-se que:

1.º — a atitude de sentir os fatores geográficos em relação à vida humana só pode ser formada pela observação de fatos da vida da criança, da família e da comunidade onde ela vive.

2.º — o pensamento geográfico em sua base tem que jogar com dados concretos, observáveis pela criança, visto que ela ainda não é capaz de abstrações.

3.º — os instrumentos de estudo de Geografia são símbolos dos quais é necessário que a criança apreenda a significação. Esta significação só será apreendida quando, de início, a própria criança faz ou acompanha a transposição da realidade para o simbolismo. (Quando, por exemplo, ela própria representa uma rua muito conhecida por duas linhas traçadas no papel).

Geografia local

E' o estudo do ambiente natural em relação à vida da criança e da comunidade. Visa, não apenas a dar conhecimentos, mas principalmente ao início da formação do pensamento, atitude, hábitos e habilidades.

E' maravilhoso notar que, onde quer que esteja situada a escola, encontram-se no ambiente os mesmos elementos que condicionam a vida do homem nas mais diversas regiões do globo.

(Água — Solo — Clima — Vegetação — Rios — Vias de Comunicação — Animais — Povos Vizinhos, etc.).

O estudo desses elementos em relação ao comércio, agricultura, indústria e outros aspectos da vida local — vem habilitar o aluno a compreender, mais tarde, a vida em todos os pontos do universo.

Essas relações, às vêzes, são tão simples, que não nos lembramos de levar a criança a salientá-las, esquecidas de que cousas, assim concretas, são indispensáveis para as primeiras generalizações e interpretações infantis.

Exemplo: — a cidade X no Estado, não sendo, absolutamente, uma cidade industrial, mantém uma pequena fábrica de vinhos. Por quê? Nesse porquê é que está a essência do ensinamento geográfico.

A relação entre o cultivo da uva e a altitude elevada, qualidade especial do terreno, etc., da cidade X orientará o pensamento infantil, tanto mais se se fizer uma comparação com cidades vizinhas, onde não exista a indústria do vinho, a menos que a matéria prima seja importada, o que já constitui nova relação geográfica digna de interpretação.

O maior valor da Geografia local está justamente na formação dessa base necessária ao bom desenvolvimento do espírito da criança.

Toda cidade, por pequenina que seja, tem assim pontos de sua vida social e comercial unidos ao meio em relação facilmente observável pela criança. Numa, é o plantio do arroz ou do feijão; noutra, uma indústria de laticínios; noutra, ainda, a abundância de determinadas frutas, etc.

Visão geográfica

Traduzimos por "Visão geográfica" um trabalho interessante aconselhado por Branom e que vem favorecer o desenvolvimento gradual do espírito infantil no espaço, tomando elementos que estejam dentro de seu interesse e compreensão.

Por ela alimentamos a curiosidade infantil dando mais interesse à matéria; introduzimos o hábito e elementos de comparação; fixamos a idéia de relação entre o homem e o meio.

Um exemplo: a criança do sul do Estado, ao estudar sua localidade, fica sabendo donde lhe vêm as frutas, os legumes, o leite, etc., que servem à sua alimentação. Mas... o chocolate? Eis aí uma oportunidade. Contando à criança alguma coisa da cultura do cacau e das regiões em que ele vive, sem preocupações com sua localização exata, dar-lhe-emos idéia da existência de outros homens, com vida um pouco diferente da nossa, vida condicionada a um ambiente também diferente do nosso.

Muitos trabalhos de visão geográfica podem ser feitos durante o estudo da Geografia regional. A maçã pode constituir outro tema interessante para esse trabalho.

Donde vem? Por que é tão mais cara do que a nossa laranja e a nossa banana?

Porque não a plantamos também? (referência à cidade de Maria da Fé) poderíamos produzi-la em larga escala? Por que?

Esse trabalho não pressupõe o conhecimento detalhado de nenhuma região, mas visa apenas a dar à criança a idéia da vastidão do mundo com a diversidade de seus ambientes naturais e da vida de seus habitantes.

A pecuária, tão desenvolvida a Oeste, será assunto de *visão geográfica* em muitas escolas do Estado, ao passo que a cultura da mamona interessará, do mesmo modo, a outras escolas.

Não só em questão de alimentação, mas também em objetos familiares à criança, encontramos assuntos interessantes: vestimenta, brinquedos, objetos escolares etc.

Assuntos de visão geográfica não constarão de nosso programa. Devem vir incidentalmente, de acôrdo com o interêsse e oportunidades diversas reveladas em classe.

Geografia regional

O trabalho anterior prepara a criança para a Geografia regional que é o estudo detalhado e aprofundado de uma região geográfica. Deve começar, naturalmente, pelo Estado de Minas e, dentro dêste, pela região onde está situada a escola. Os aspectos mais importantes da vida social, econômica e política do Estado devem ser compreendidos pela criança em sua relação com a localização, clima, solo, vegetação, etc.

A Geografia regional continua no 4.º ano, com o estudo do Brasil em seus Estados e regiões mais importantes e interessantes, e influência que exercem na vida do País.

O Brasil como unidade geográfica e política é compreendido em suas possibilidades, problemas e dificuldades — intercâmbios e ligações estreitas entre os Estados.

Geografia universal

Finalmente estudar-se-á o mundo como um todo. Estudam-se países mais interessantes pela importância, relações amigáveis, políticas e comerciais que mantêm com o Brasil. Deve ser firmada na criança a atitude simpática para com os povos estrangeiros, pela compreensão de seus problemas e dificuldades.

Definir o papel do Brasil no mundo e do indivíduo no Brasil.

A seqüência das regiões a serem estudadas, quer no Estado, no País ou no mundo, faz-se de acôrdo com a sua importância e interêsse da classe. Faz-se ainda aproximando-se as regiões semelhantes ou contrastantes.

Assim, compreendido o grande desenvolvimento de uma região fertilíssima, mais de pronto sentirá a criança os problemas e dificuldades de outra em que faltem elementos naturais, que fazem o valor da primeira.

E' assim que, a cada estudo terminado, mais apto se acha o aluno a dominar a matéria.

CAPITULO II

Métodos e processos

Desde que o ensino vise ao desenvolvimento do espírito infantil deve abolir completamente a decoração de pontos feitos pela professora ou extraído de compêndios. Esses serão substituídos por diversas fontes de informação organizadas pela professora em colaboração com a própria classe e acompanhando o desenrolar do estudo.

Ex.: livros, revistas, jornais, fotografias e gravuras, mapas e plantas, (depois de feito o trabalho inicial de interpretação) informações de pessoas, relatórios de excursões, prospectos de propaganda, gráficos, palestras da professora e de alunos, pequenos museus etc.

A fixação na memória da criança de dados básicos para raciocínio e julgamento, será auxiliada com notas tomadas por ela própria. Cada aluno terá, portanto, o seu caderno de notas de Geografia, onde serão escritos resumos de aulas e consultas diversas, relações numéricas, listas de nomes, soluções de problemas e dificuldades, etc. etc.

A apresentação da matéria pode ser feita por meio de projetos, problemas, centros de interêsse e outros processos comumente utilizados em nossas escolas.

Convém notar, no entanto, a excelência da aplicação do problema no desenvolvimento do raciocínio geográfico. O *porque* explícito em todo problema mostra sempre, no problema geográfico, a relação entre o homem e o meio, o que constitui a própria essência da Geografia.

O problema pode existir por si só ou aparecer dentro de um projeto, centro de interêsse ou qualquer aspecto do trabalho.

Exemplos de problemas geográficos:

1.º — por que nossa cidade (B. Horizonte), tão mais nova do que Sabará tem tão maior desenvolvimento? (G. local);

2.º — por que o E. de Minas, tanto ou mais rico que o E. de S. Paulo, tem menos comércio que êste? (G. regional);

3.º — por que os E. U. da A. do N. tornaram-se um país de grande desenvolvimento agrícola? (G. universal).

Convém atentar que o problema é problema em relação ao indivíduo, isto é, é problema quando estabelece no espírito um estado de dúvida que leva o indivíduo a pesquisar, raciocinar e chegar a conclusões. E' por isso que o problema deve ser estabelecido no início e não no fim de qualquer estudo. Estabelecido no final do trabalho, êle pode tornar-se em simples pergunta cuja resposta a criança encon-

trará elaborada, bastando consultar sua memória ou seu caderno de notas.

O problema pode partir da criança ou ser sugerido pela professora. Num e noutro caso, porém, compete à professora, se necessário, formulá-lo em termos claros e precisos, bem defini-lo em seu objetivo e assim mantê-lo à frente da classe até que sua solução seja encontrada.

Há problemas que ficam resolvidos em uma aula; outros, em uma semana; outros, em 15 dias; outros há, ainda, que ocupam a classe durante mais tempo; são problemas grandes, inclusivos e que muitas vezes devem ser subdivididos em pequenos problemas, tendentes, todos eles, a armarem o aluno de soluções parciais que o habilitarão a resolver o *grande problema*.

Esses, sem dúvida, exigirão treino da classe, treino que só pode ser adquirido na resolução de problemas anteriores, mais fáceis e menos amplos.

O ponto capital na aplicação de problemas e que valoriza todo o método é a atividade mental da criança.

E podemos focalizar no seguinte ponto a sua maior dificuldade: — orientação do raciocínio pela professora.

Para o adulto, é mais fácil estudar, pensar sozinho, tirar conclusões e, depois, transmiti-las a 30 ou 40 cabeças simplesmente receptoras, do que despertar nelas interesse e atividade, colocar ao seu alcance material informativo acessível e valioso e, ainda, guiar, pouco a pouco, o raciocínio mal treinado dos 8 ou 10 anos até uma conclusão satisfatória dentro do gosto da criança e satisfatória dentro da verdade.

Mas que diferença de resultado! Num caso os alunos ganharam (?) conhecimentos mortos, prontos a se lhe varrerem da memória. No outro, os fatos foram aprendidos como indispensáveis à resolução do problema vivo e interessante. Adquiriram hábitos de raciocínio, de estudo, interpretação, observação, familiarizaram-se com livros, mapas e gráficos, gravuras e retratos.

Fixemos, portanto, um ponto: *a solução do problema deve ser encontrada pela criança* e não recebida diretamente da professora.

O trabalho desta será mais sutil e, sem dúvida, mais valioso: velar pela seleção e complemento das fontes de informação que a criança consultará; dar um ou outro conhecimento necessário e que não possa ser encontrado diretamente pelo aluno; por meio de palestras e ilustrações corrigir erros de raciocínio, zelando para que o pensamento da criança não se desvie; estar alerta para que o interesse se mantenha; fixar os problemas e sua solução, uma vez que esta seja encontrada pela classe.

A aplicação do método problema em Geografia é fácil. Não há dúvida que a professora pode melhorar, com sua prática e estudo,

sua técnica de aplicação; selecionando melhor os problemas, formulando-os de modo mais claro e interessante, orientando o raciocínio da criança, colocando-lhe em mão as fontes de informações suficientes e inteligíveis, etc.

No entanto, o método de problema em Geografia dará sempre resultado mais apreciável do que métodos tradicionais e passivos, desde que seja orientado por professora criteriosa, embora não muito conhecedora de sua teoria.

Queremos dizer, com isso, que todas as professoras podem e devem iniciar a aplicação de alguns problemas geográficos, sem esperar que tenhamos larga literatura sobre o assunto.

Alguns problemas bem escolhidos e orientados concorrem para estimular o interesse, unificar a matéria, estabelecer relações com outras matérias do Programa, dar significação a hábitos e habilidades, treinar o raciocínio, fixar fatores e fatos geográficos etc..

Basta a atitude de reunir ao trabalho, que era inteiramente da professora, a atividade mental e manual da criança para alcançarmos resultado mais satisfatório e perdurável.

CAPITULO III

Iniciação na interpretação do mapa

Como vimos, a interpretação de mapas e plantas bem como o hábito de sua utilização constituem objetivo imediato no ensino da Geografia.

Esse trabalho deve começar a ser feito no 2.º ano primário pelos seguintes motivos:

- a) o estudo da Geografia local oferece grandes oportunidades para a transposição imediata da realidade para o símbolo;
- b) o trabalho do 3.º ano e do 4.º já vai exigir, desde o início, o manuseio constante e inteligente de mapas;
- c) a criança de 2.º ano primário já tem capacidade de observação e experiências suficientes para realização do trabalho com orientação da classe e não da professora de trabalhos manuais.

Nunca devemos permitir que a atenção se desvie da *representação de realidades geográficas*, para desenhos coloração etc. Apresentar, de início, uma planta da cidade, completa e muito bem feita, pela professora, é desviar a significação do trabalho.

A iniciação da criança à interpretação de mapas é, sem dúvida, trabalho delicado, pois pode desviar-se para a exigência da decoração integral da planta da localidade, o que não entra nas cogitações deste Programa. O trabalho de fazer a criança guardar de memória toda a planta local seria não só difícil mas também inútil.

Mapas e plantas não constituem fins em si mesmos, mas sim instrumentos para o estudo da Geografia, e, como instrumentos de estudo, são levados ao conhecimento da criança que deve ficar inteirada de sua significação como representação de coisas reais, de seu valor e do modo de melhor utilizá-los.

Como não é nosso objetivo que a criança traga de memória nenhuma planta, não devemos exigir dela:

- a) traçado sem observação anterior imediata e sem orientação da professora;
- b) localização de fatos e coisas em plantas mudas;
- c) interpretação de plantas sem legenda;
- d) localização de minúcias com exigências de precisão;
- e) traçado, de memória, de pontos distantes da escola;
- f) representação perfeita de realidades difíceis para a criança.

Devemos orientar o trabalho de modo a que possamos pedir à criança:

- a) que reconheça a sua escola, sua casa e as de alguns colegas, alguns edifícios dos arredores, desde que tenham sido localizados por ela própria, em classe;
- b) que, na planta feita pela sua classe e acompanhada da respectiva legenda e denominação de ruas e praças seja ela capaz de indicar trajetos conhecidos;
- c) que, utilizando-se da legenda, seja capaz de ler mapas simples, embora desconhecidos.

São esses os principais pontos a serem alcançados.

A iniciação da criança na interpretação de plantas pode seguir, mais ou menos, as seguintes etapas, com a colaboração dos alunos (as etapas aqui discriminadas não se referem a aulas; cada etapa poderá tomar uma ou mais aulas conforme a necessidade da classe):

1 — Excursão ao redor da escola. Em papel colocado no chão da sala, traçam-se, em correspondência com a realidade, os trechos das ruas entre as quais está situada a escola. Frente, costas, direita, esquerda.

2 — A professora, em casa ou na escola, cobrirá a lápis forte esses primeiros traços, tornando-os bem nítidos. Assim nítido, mas sem modificações, voltará à classe para ser continuado o trabalho.

3 — Localização de residências de alunos que fiquem no trêcho já traçado. Escolha de sinais diferentes para representação de casas de residências e de outros edifícios.

4 — Excursão aos arredores. Traçado dos trechos das outras ruas que rodeiam a escola. Localização de alguns edifícios e residências de alunos aí compreendidos. Existindo, nesse trecho, alguma praça, jardim etc., o seu traçado será feito depois de muito bem observada a realidade, o que se torna fácil pela proximidade da escola. Não se exige da criança minúcias de perfeição.

5 — Como da primeira vez, a professora fortalecerá os traços sem desmerecer ou modificar o trabalho. Qualquer modificação corretiva deverá ser feita pela classe, apelando a professora para a observação da criança.

6 — Excursão aos arredores. Traçados de mais alguns trechos de ruas ao redor da escola. Determinação de pontos de referência: jardins, edifícios, praças, monumentos, etc. Casas de alunos e edifícios públicos. Discussão de trajetos da escola à residência de alunos e a edifícios públicos.

7 — A planta cresce para localização de mais alguns edifícios e casas dos arredores. Pode ser passada para um papel maior ou, então, ajudada pela classe, a professora colará folhas de papel ao traçado já feito para a criança sentir a necessidade de "crescimento" da planta.

Nota — No decorrer do trabalho precedente, a professora deve ter levado a criança a ler a parte traçada com a significação dos sinais empregados. (Ex.: as crianças representaram suas casas por rodinhas, os edifícios públicos por quadrados, a praça por um triângulo etc. É preciso que as pessoas que não fizeram o trabalho possam compreendê-lo. Daí a necessidade de uma explicação na própria planta. E as crianças escrevem:

0 — residência de alunos.

— edifícios públicos.

+ — igrejas, etc.

Depois de feito o trabalho, dará a professora o nome técnico: legenda.

8 — Discussão e indicação de vários trajetos, caminhos a pé, de bonde, em automóvel etc.

9 — Crescimento da planta com mais trechos de ruas vizinhas, com localização de casas, edifícios públicos, igrejas, etc.

10 — Os pontos de referência serão substituídos por nascente, poente, norte, sul, orientada para a realidade a observação da criança.

11 — Faz-se a passagem do plano horizontal (chão) para o vertical (parede ou quadro negro). Notar a localização do norte na parte superior do mapa.

12 — A planta poderá crescer, assim, tendo a escola como centro e traçada pela classe, a critério da professora, tendo como limite os seguintes pontos:

a) não devem ser tomados para serem traçados pela criança trechos demasiadamente difíceis nem tão distantes da escola que não permitam observações diretas.

b) a criança já deve ter-se identificado com a significação da planta, tomando-a como representação de uma realidade e pronta a acompanhar o seu desenvolvimento, embora já não feito por ela mesma.

Atingindo esse ponto, o trabalho poderá ser continuado da seguinte maneira:

13 — Tomando como base o trabalho já feito, a professora continua o traçado, auxiliada pela classe e fazendo a criança compreender o seu crescimento, em primeiro lugar, para a localização de pontos interessantes:

a) para a escola: residências de alunos, de professoras, de pessoas conhecidas da classe, papelerias, livrarias, etc.

b) para o bairro em geral: edifícios importantes, igrejas, linhas de bonde, praças, canais etc.

Para essa segunda parte, a professora se orientará pela planta oficial da localidade.

Nota — Já não se exige mais que o traçado seja feito pelo aluno.

14 — Assim traçados os arredores da escola, o bairro pode ser colocado sobre a planta oficial da localidade. Deve ser mostrada a localização da escola em relação ao centro da cidade.

15 — Excursão a um ou mais pontos altos para uma vista geral da cidade. Determinação de nascente, poente, norte, sul.

16 — Estudo na planta oficial, com legenda, para reconhecimento de pontos importantes para a cidade em geral: mercado, igreja-matriz, correio, telegrafo, etc. (Para utilização da planta com esse fim, a professora copiará a planta oficial, em decalque e ponto grande, desprezando minúsculas, isto é, tudo o que não tenha interesse nem para a escola em particular, nem para a cidade em geral).

Os arredores da cidade podem ser tratados com seus pontos pitorescos e conhecidos: montes, xácaras, bosques, caixas-d'água, madalouro, campo de futebol, bairros, etc.

17 — Uma vez conhecida e bem interpretada a planta da cidade, esta pode ser localizada no mapa do município. Para isso, a planta da cidade já conhecida pela criança é, em miniatura (tamanho proporcional) feita pela professora, colocada em um mapa na sua localização, valendo-se de pontos de referência conhecidos e orientação: norte, sul, leste, oeste.

18 — Localizam-se, então, os pontos interessantes para o município em geral, a saber:

- a) municípios vizinhos,
- b) vias de transporte para municípios vizinhos,
- c) fontes de água
- d) campos de cultura
- e) fábricas
- f) acidentes geográficos: rios, lagos, montanhas
- g) fazendas de cultura e criação
- h) fonte de energia elétrica, etc.

Finalizando esse trabalho, o mapa já deve ser um instrumento inteligível e familiar à criança.

Nos lugares pequenos, procura-se para localização tudo aquilo que possa interessar à classe e que seja conhecido de todos: um pequeno trilho, uma casa de comércio, a residência da professora, etc.

Uma vez feito esse trabalho inicial, o mapa deve constituir objeto de manuseio constante do aluno (município, Estado, Brasil, mundo).

Ele esclarece situações, põe em evidência relações geográficas, fixa fatos e fatos.

Devemos ter cuidado ao exigir da criança mapas traçados de memória. A princípio, é preferível que o contorno seja decalcado para servir a localizações e estudos diversos. Não exigiremos, também, mapas muito minuciosos nem muito enfeitados, mais demonstrativos de habilidades em desenhos do que de compreensão geográfica. Aos muito bonitos, preferiremos sempre os mais reais. Não é objetivo da escola primária fazer cartógrafos.

No fim do curso primário, é preciso apurar que a criança tenha relativa facilidade para representar, em linhas gerais, o contorno do Estado de Minas e do Brasil com suas dimensões, localizações e aspectos geográficos mais interessantes.

Ela deve, no entanto, ter adquirido a habilidade de interpretar qualquer mapa de regiões distantes e mesmo desconhecidas, utilizando-se da legenda.

CAPITULO IV

História

O ensino da história tem como objetivo focalizar a relação entre o passado e o presente, mostrando como este é uma consequência daquele e contém em si traços deixados pelas gerações precedentes.

O aprendizado inteligente da história requer raciocínio e requer ainda, uma capacidade de percepção que a criança não tem, quando entra para a escola.

Essa capacidade de percepção vai formar-se nos primeiros anos da escola primária e da sua formação dependerá a compreensão, o sentimento a serem adquiridos para com os homens e fatos do passado.

E' por isso que o ensino da história não começa com o passado, que pela sua própria natureza escapa à observação infantil, mas começa com o presente num movimento para o passado mais próximo à criança no tempo e no espaço.

Esse método, chamado método regressivo, deve ser usado até que a criança tenha formada a sua concepção de tempo e possa seguir

inteligentemente a ordem cronológica indispensável para a boa compreensão dos fatos históricos.

Assim, o 2.º ano pode dedicar-se à história da localidade iniciando-se, mesmo, pelo passado da própria escola. É esse o passado mais próximo e, por isso, mais *inteligível* para a criança.

O 3.º ano estudará a história de Minas, ainda num movimento regressivo do presente para o passado e mesmo sem aprofundar muitos fatos como Tiradentes e Bandeirantes e que só poderão ser perfeitamente compreendidos no 4.º ano onde devem ser repetidos, focalizando-se sua importância na história pátria.

O 4.º ano deve já ter formado sua capacidade de percepção e pode, portanto, seguir o desenrolar dos principais fatos da história pátria dentro de sua ordem cronológica para o devido relêvo das relações de causa e efeito.

A relação entre o que *foi* e o que *é* deve ser focalizada a todo momento, pois o movimento do passado para o presente, e vice-versa, constitui o próprio método de estudo de história, um tornando o outro mais compreensível.

Não podemos compreender bem o presente sem conhecimento do espírito e ação dos homens que nos precederam. As suas atividades concorreram para que fôssemos o que somos e devem ser assim interpretadas, não apenas no setor político, mas também no campo das ciências, literatura, artes e tudo o que tenha concorrido para o progresso da humanidade.

A par da história política, o conhecimento das descobertas científicas, dos progressos industriais, da vida dos grandes homens da Ciência e da Arte vem dar à criança maior compreensão do mundo atual, apreciação favorável das passadas gerações e maior senso de responsabilidade para com a sociedade e a Pátria.

CAPÍTULO V

Cronologia

O estudo da história no 4.º ano visa dar à criança idéia dos fatos históricos mais importantes, seus antecedentes e conseqüências. Para isso, é necessário que seja salientada a ordem cronológica.

Isto não quer dizer que devamos exigir do aluno decoração profusa de datas, mas sim que ele saiba colocar cada fato em seu período próprio dentro da história pátria para compreensão real de suas causas e efeitos.

Aconselha-se a feitura de um quadro sinótico que fixe as principais datas e períodos históricos.

Iniciado com a data do descobrimento, pode ir-se completando de acordo com o progresso da classe no domínio da matéria.

Esse quadro, mantido na sala de aulas, servirá ao aluno para constantes consultas, auxiliando seu raciocínio e fixação, evitando os deploráveis anacronismos tão comuns em nossas escolas.

Os grandes dias da Pátria, com seus grandes vultos, podem ser levados ao conhecimento da criança pequena, desde que lhe sejam relatados aspectos de acordo com seu interesse, gosto e compreensão.

A criança do 1.º ano ouvirá com prazer, no dia ou na véspera da data comemorativa o relato do descobrimento do Brasil, desde que lhe seja feito em seus aspectos de maior emoção, de mais graça e sentimento patriótico.

Através de poesias, lendas, narrações simples, a criança se prepara para participar das comemorações cívicas, educando-se no sentimento de respeito e admiração para com homens e fatos dignos e no sentimento de dever para com o presente e o passado da Pátria.

Já no 3.º e 4.º anos, muitas dessas comemorações podem servir de ponto central para estudo aprofundado e devidamente localizado no tempo e no espaço, da Geografia e História Pátria.

Estabelecido e justificado, como ficou, que não devemos iniciar o ensino da Geografia no 1.º ano, este programa inicia o trabalho no 2.º ano com uma recapitulação e fixação de experiências colhidas no ano anterior.

Além da elaboração de todas as disciplinas e atividades para o enriquecimento de experiências da criança, o programa de Ciências Naturais, no 1.º ano, contribui especialmente para esse enriquecimento.

No desenrolar do trabalho a professora terá despertado e atendido à curiosidade da criança pelo meio ambiente, pelos fenômenos naturais, pelos fatos e cousas da vida social.

A maioria desses conhecimentos interessa diretamente à Geografia. Mesmo que não tenha sido salientado o seu aspecto geográfico, a experiência foi adquirida e será fácil à professora do 2.º ano retomá-la e desenvolvê-la.

Isto significa que, embora não tenhamos programa de Geografia propriamente dita no 1.º, a criança traz para o 2.º ano experiências que servirão de base para todo o trabalho pré-geográfico e iniciação geográfica.

Bem aproveitadas essas experiências, este programa será facilmente vencido.

GEOGRAFIA

Primeiro período

FEVEREIRO E MARÇO

- 1) As outras zonas brasileiras. Estados que as compõem. Desenvolvimento. Possibilidades de contribuição para a riqueza nacional.
- 2) O Brasil como um todo:
 - a) localização — Países limítrofes;
 - b) as grandes bacias fluviais;
 - c) as principais serras do sistema orográfico brasileiro: Influência na vida do país;
 - d) clima. Recursos naturais — Fontes de reserva: minério, águas, matas etc.

Segundo período

ABRIL, MAIO E JUNHO

- 1) As grandes produções brasileiras:
 - a) o café, a cana de açúcar, o algodão, os cereais, o fumo, as frutas, a borracha, o mate, a mamona, plantas diversas, madeira etc.;
 - b) o ouro, o ferro, o manganês, o petróleo, o sal;
 - c) o gado — outras produções animais;
- 2) Possibilidades econômicas do País e do brasileiro.
- 3) Os grandes problemas do Brasil: combustíveis, siderurgia, meios de transporte, desenvolvimento da produção e saúde etc.
- 4) Formação de atitude de patriotismo pela compreensão desses problemas, das dificuldades, possibilidades e objetivos do Brasil. Colaboração com os dirigentes do país.
- 5) Localizar o Brasil na América e a América no mundo. Continentes e oceanos. O globo terrestre. (Visão geográfica).

Terceiro período

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

- 1) O Brasil — Intercâmbio e relações com o resto do mundo. Países com que mantém maior comércio e relações de amizade.
- 2) Portos brasileiros.
- 3) Litoral, seus habitantes. Característicos e modos de vida.
- 4) Países que formam a América do Sul. (Referências espe-

ciais à Argentina e ao Uruguai).

- 5) Países que formam a América do Norte (Referências especiais aos Estados Unidos).

Quarto período

OUTUBRO E NOVEMBRO

- 1) Europa. Países que a compõem. (Referências especiais à Itália, Alemanha, Inglaterra, França, Portugal, Espanha e Holanda).
- 2) A Ásia (Referências especiais ao Japão e Síria).
- 3) Formação de atitude compreensiva para com os povos estrangeiros pelo conhecimento de seus problemas e dificuldades.
- 4) Notícia da vida em pontos da terra e de característicos especiais — nos desertos, dos lapões, dos esquimauts, etc.

Nota — Os países estrangeiros devem ser estudados em seus característicos principais, localização, relações com o Brasil (itinerário de comunicação e transporte: mar, terra, ar) — A seqüência será feita de acôrdo com as outras matérias do programa, coordenação do trabalho e interesse da classe.

HISTÓRIA DO BRASIL

Primeiro período

FEVEREIRO E MARÇO

- 1) Notícia das grandes navegações realizadas sobre o patrocínio dos países europeus.
- 2) Descobrimto do Brasil. Os primeiros habitantes.
- 3) Formação do povo brasileiro. Influência indígena, européia e africana.
- 4) Brasil colônia. Notícia das formas de governo experimentadas.
- 5) A catequese e os jesuítas.

Segundo período

ABRIL, MAIO E JUNHO

- 1) A obra de Nassau.
- 2) Bandeirantes. Movimentos nativistas.
- 3) Felipe dos Santos — Tiradentes — A Inconfidência.
- 4) D. João VI no Brasil.
- 5) A Independência. Pedro I. A regência.
- 6) Pedro II.

Terceiro período

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

- 1) Caxias e a unidade nacional. Os grandes vultos militares da Guerra do Paraguai.
- 2) Abolição.
- 3) Proclamação da República.
- 4) Fatos; presidentes e outros vultos nacionais do Brasil republicano:
 - a) Saneamento da Capital Federal. Osvaldo Cruz.
 - b) Integração do território nacional. Rio Branco.
 - c) Conferência de Haia. Rui Barbosa.
- 5) Os poderes constituídos. Respeito às leis. Unidade nacional. Bandeira e Hino Nacionais. Armas da República.

Quarto período

OUTUBRO E NOVEMBRO

- 1) A revolução de Outubro.
- 2) O atual Presidente da República.
- 3) Constituição de 10 de novembro de 1937. Estado Novo.
- 4) Vultos contemporâneos.
- 5) Grandes homens da humanidade e seus grandes feitos. Influência na vida contemporânea.

Nota: 1) No 4.º ano, a história do Brasil deve ser estudada em seus fatos principais, em ordem cronológica, desde o descobrimento até os dias atuais, salientando-se as relações de causa e efeito — aconselha-se a confecção de um quadro sinótico.

- 2) Durante o desenrolar do programa devem ser estudadas a vida e obra de grandes homens, salientando-se a influência que tiveram em sua época e a repercussão de seu valor na vida nacional e universal.

Eis porque essas biografias não devem limitar-se a resumos, mas sim devem abranger o homem e seu tempo, em seus aspectos mais interessantes e significativos.

Não importa que sejam longas, pois não se destinam a serem memorizadas, mas sim a serem sentidas, interpretadas e comentadas.

Através delas, muitos fatos históricos serão conhecidos e beneficiado o caráter infantil.

SUGESTÕES

Colombo — Vasco da Gama — Caramurú — Nóbrega — Anchieta — Nassau — Fernão Dias Pais Leme — Felipe dos Santos — Tiradentes — Pedro II — José Bonifácio — Feijó — Mauá — Caxias — Princesa Isabel — Patrocínio — Carlos Gomes — Deodoro — Benjamin Constant — Floriano Peixoto — Bilac — Campos Sales — Joaquim Nabuco — Saturnino de Brito — Santos Dumont — João Píñheiro — D. Silvério — Pasteur — Edson — Marconi — Curie — Graham Bell — Stevenson — Gutenberg, etc.

Atividades para o 3.º ano e o 4.º:

- 1 — Excursões.
- 2 — Confeção de álbuns sobre fatos históricos e geográficos em estudo: desenhos, fotografias, recortes, gravuras, mapas, gráficos, notícias, literatura, (lendas, poesias, descrições etc.).
- 3 — Interpretação de mapas, gráficos e gravuras sobre regiões em estudo.
- 4 — Organização e uso de museus.
- 5 — Confeção (com o auxílio da professora de trabalhos manuais) de trajes, paisagens, modelos representativos de realidades geográficas e históricas.
- 6 — Dramatizações (fatos históricos e geográficos).
- 7 — Confeção de pequenas biografias.
- 8 — Traçado simples de mapas (Estado — País).
- 9 — Preparo de programas para auditórios e comemorações.
- 10 — Organização de fichas como fontes de informações: recortes de jornais e revistas, trechos de livros, resumos de aulas e leituras, etc.
- 11 — Plantações — Cultivo de algumas plantas básicas na alimentação humana — Horta.
- 12 — Confeção de gráficos.
- 13 — Contos — poesias.
- 14 — Jogos.
- 15 — Clubes.
- 16 — Viagens simuladas.

BIBLIOGRAFIA

- Proensa — Como se ensina Geografia.
 Dantin Cereceda — Como se ensina a Geografia.
 Delgado de Carvalho — Metodologia do ensino geográfico.
 Gibbs — La enseñanza de la Geografía.
 Estevão Pinto — O ensino da Geografia em seu aspecto metodológico — Boletim de Educação (Pernambuco — março de 1933).

Contribuição ao ensino da Geografia — Revista Brasileira de Pedagogia — março de 1938.

Alpera — Geografia.

Pedro Chico — Metodologia de la Geografia.

Parker — Como se debe estudiar la Geografia.

Dantin Cereceda — Evolution y concepto actual de la Geografia.

Aguaya — Didáctica da Escola Nova.

Chasteau — Lições de Pedagogia.

Richard — Seyber — Práticas escolares.

Fernando Sainz — El método de proyectos en las escuelas rurales.

San Juan — Como se enseña la história.

Lavisse — La enseñanza de la história.

Jónatas Serrano — Como se ensina a história.

Jónatas Serrano — Método da história nas aulas primárias.

Alpera — História.

J. Fuster Garcia — Didáctica de la história.

Verniers — Metodologia de la história.

Silvio Rabelo — A representação do tempo na criança .

Delgado de Carvalho — Geografia humana: Política e Económia.

Aroldo de Azevedo — Geografia humana.

Érico Veríssimo e Acquarone — Geografia humana.

Herbertson — Geografia humana.

H. Van Loon — O mundo em que vivemos.

H. Van Loon — América.

Aníbal Amorim — Viagens pelo Brasil.

Alfredo Ellis (Júnior) — Geografia Superior e Estatística.

Jean Brunhes — Géographie humaine.

Wahlh — Usos e trajos de todos os povos do mundo.

Orlando de Carvalho — O Rio da Unidade Nacional (S. Francisco).

Jónatas Serrano — História do Brasil.

Dr. Diogo Vasconcelos — História da Civilização Mineira.

Lúcio José dos Santos — História de Minas Gerais.

Schass e Rude — El Tesoro del maestro — Tomo III — Labor, S.A.

Danon — The teaching of Geogrophy.

Fairbanks — The real Geography and its place in the school.

Autores para consultas — Oliveira Lima — Rocha Pombo — Veiga

Cabral — Gilberto Freire — Alberto Tórres.

EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

Introdução

A Educação Cívica visa à formação da consciência patriótica e reclama, cada dia mais, a atenção da escola.

Na formação dessa consciência compreendemos o conhecimento do Brasil e a prática dos atos necessários ao seu engrandecimento.

A Educação Cívica é um aspecto particular da educação em geral, no sentido em que procura harmonizar o indivíduo com os ideais nacionais.

Assim como a Educação Moral forma o homem, a Educação Cívica prepara o cidadão. Daí o dizer-se que a Educação Cívica não prescinde da Educação Moral, visto que esta é base em que aquela se firma. Educação Moral e Educação Cívica processam-se, pois, conjuntamente.

A Educação Cívica compreende uma parte informativa — instrução — e outra formativa — desenvolvimento e prática das virtudes morais e cívicas.

Parte formativa

A parte formativa compreende a formação do caráter e o cultivo das qualidades de um bom cidadão. Far-se-á em qualquer momento, através de todas as atividades escolares. O seu programa não está contido apenas na parte formal da Educação Cívica, mas também difundido nos programas das demais disciplinas do curso.

A Educação Moral atua sobre a conduta para modelar o caráter.

E' necessário deixar manifestar-se a natureza infantil para que, conhecendo-a, o professor possa conduzi-la, desenvolvendo o que nel' há de bom e reprimindo o que há de mau; dar à criança ocasiões várias de agir para que ela sinta a satisfação do bem ou o desconforto do mal; oportunidades para discenir entre o que é ser corajoso ou fraco, leal ou desleal, honesto ou não.

A escola deve ter em vista formar hábitos e atitudes, incutir ideais e cultivar qualidades e virtudes cívicas, bem como mostrar ao educando o valor da organização, cooperação e solidariedade para o progresso do país e solução dos seus problemas. Bom cidadão não é aquêl que apenas sabe o que é bom e direito, mas o que age bem e conscientemente.

O civismo deve ser tomado em sentido duplo; no do conjunto das qualidades necessárias ao bom cidadão e no de amor à Pátria.

São as pequenas responsabilidades da vida escolar que levarão o aluno a assumir mais tarde as responsabilidades ou os encargos da vida cívica; é pela colaboração constante na escola que irá realmente colaborar como membro da sociedade.

Dêsse modo, cabe ao professor ajudar o aluno em aula, no recreio, no auditório, e em outras oportunidades, a desenvolver ideais e qualidades pessoais de retidão, honestidade, veracidade, obediência, perseverança, coragem, responsabilidade, ordem, trabalho, con-

trôle próprio, etc. e sociais, de cooperação, justiça, lealdade, comando, respeito à outrem, etc.

As comemorações de caráter cívico, solenes ou não, os instantes consagrados ao culto da Pátria, as homenagens aos vultos nacionais, o estudo dos principais fatos históricos, as formaturas, as demonstrações, as excursões, as viagens, as festas nacionais, o culto à Bandeira, as lendas, os hinos e canções patrióticas, as poesias, as narrações e outros meios escolares são ótimos ensejos para o desenvolvimento do civismo.

Um dos meios mais eficientes de que a Escola dispõe para promover a educação moral e cívica é a

Socialização

A formação do caráter e o desenvolvimento do civismo fazem-se, especialmente, pela socialização da escola, através de métodos socializados (projetos, problemas, dissertações socializadas, grupos de estudos, etc.) e mais eficientemente, pelas instituições escolares porque:

- a) elas trazem para a escola situações reais de vida, onde "o aluno aprende a fazer melhor aquilo que terá de fazer mais tarde";
- b) estão de acôrdo com o interêsse e capacidade da criança;
- c) facilitam a expansão da personalidade pela espontaneidade que permitem;
- d) canalizam as tendências infantis;
- e) estando relacionadas com as matérias do programa, auxiliam a escolaridade.

Valores a auferir da socialização: — Cooperação, iniciativa, confiança em si, responsabilidade, julgamento, ordem, comando, inteligência, obediência à autoridade, contrôle próprio, revelação de aptidões e capacidades especiais, etc. Exemplos: elegendo os redatores do jornal escolar, os alunos estão praticando julgamento, responsabilidade, respeito a outrem, aprendendo a vencer e serem vencidos, etc.; no funcionamento de um clube desenvolvem-se: iniciativa, responsabilidade, sentimento de lei, ordem, cooperação, etc.

De um programa de escola primária devem constar, tanto quanto possível, as seguintes instituições;

- a) Auditórios.
- b) Comemorações de datas nacionais e locais.
- c) Festivals.
- d) Hora cívica.
- e) Clubes e grêmios diversos ou organizações congêneres (de Leitura, Ciências, Geografia e História, de Música, de Horticultura, etc.).

- f) Escotismo.
- g) Jornal.
- h) Conselho (forma simples, adaptada à escola primária).
- i) Jogos esportivos.
- j) Excursões.
- k) Biblioteca.
- l) Museu.

Parte informativa

O educando vai adquirir a parte informativa através do estudo do programa de instrução cívica. Esta é útil porque esclarece a ação. O conhecimento dos direitos e deveres, auxilia o indivíduo a cumprir êsses deveres e a usar êsses direitos. Por si só, porém, não garante ação eficiente e própria. Esta requer prática, exercício em ocasião específica para formação de hábitos. O ensino formal falha, quando os hábitos correspondentes não forem adquiridos.

O programa de Educação Cívica indica o conjunto de conhecimentos que o aluno deve possuir, quanto à organização política do País, suas leis (Constituição e outras), poderes constituídos, etc., conhecimentos êsses que o levarão a melhor compreender os seus direitos e deveres relativos à Pátria, e a agir de conformidade com êles. Serão matéria do 3.º ano e do 4.º.

É evidente que, no curso primário, o professor não pode nem deve aprofundar os assuntos do programa de Educação Cívica, nem exigir que os alunos façam um estudo completo de todas as questões, mas sim que adquiram noções elementares, ao alcance de sua compreensão, sobre os diversos pontos apresentados.

Serão considerados vários pontos:

- 1.º — Ampliar a formação de hábitos, atitudes e ideais morais e cívicos iniciados no 1.º ano.
- 2.º — O Júri — Juiz de Direito — Promotor — Jurados — Advogados.
- 3.º — Idéia de País — República — Brasileira — Federação — Governo da República — O Presidente da República e seus ministros.

Distinção entre República e Monarquia.

- 4.º — Grandes serviços federais (noções elementares sobre: Educação e Saúde Pública; correios e telégrafos, radiodifusão, vias de comunicação; agricultura e pecuária, riquezas do solo e sub-solo; relações exteriores; indústria e comércio; recenseamento e estatística, etc.).

Necessidade e benefícios dêsse serviços. O imposto e taxas federais como meio de mantê-los. O que significa o Orçamento federal;

5.º — Defesa nacional: forças de terra, ar e mar;
6.º — Bancos e Caixas Econômicas: — Aplicação útil do dinheiro:

- a) alimentação, preservação da saúde;
- b) melhoria das condições de produção e de trabalho;
- c) higiene individual, da habitação, etc., conforto;
- d) a influência dos Bancos e das Caixas Econômicas no desenvolvimento econômico-financeiro do indivíduo, do Estado e do País;
- e) Previdência;

7.º) Dignificação do trabalho: — valor das diversas profissões; utilidade do trabalho para o bem coletivo.

8.º — A Constituição da República — comentar, entre outros, os artigos seguintes:

Art. 2.º — (Unidade do Hino, Bandeira, escudo e armas).

Art. 130 — (Obrigatoriedade escolar e taxa escolar).

Art. 164 — (Serviço militar obrigatório).

9.º — Unidade Nacional: — território nacional, povo, língua, comunhão de raças, tradições, religião, ideais, problemas, possibilidades, etc.

10 — Trabalhos sobre 21 de abril, 1.º, 3 e 13 de maio, 7 e 21 de setembro, 12 de outubro, 2, 10, 15 e 19 de novembro. — Página literária: — prosa, poesia, hinos ou canções referentes à Pátria e aos assuntos das comemorações, com a mesma finalidade indicada nos programas de 2.º e 3.º anos.

11 — Comemorações cívicas — Participação nos auditórios.

12 — Símbolos da Pátria.

Desenvolver hábitos e firmar atitudes referentes à Bandeira e ao Hino.

13 — Campanhas de caráter cívico: — Participar com mais amplitude em campanhas de caráter cívico indicadas nos programas de 1.º, 2.º e 3.º anos.

14 — Panamericanismo. Interdependência dos povos. Relações de amizade e comerciais.

*

A EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA EM RELAÇÃO COM AS DEMAIS DISCIPLINAS

I — *História e Geografia* — O programa de História é também programa de civismo, tão intimamente se acha correlacionado ao de Educação Moral e Cívica. A História é matéria especificamente

cívica pelas virtudes que pode estimular, pelos exemplos edificantes que apresenta e pelos ideais que suscita.

As relações entre a História e a Educação Moral e Cívica irão sendo percebidas pela criança com o desenvolvimento do estudo de ambas: inicialmente, ao ver e ouvir falar sobre a família, escola, serviços públicos, administração local, etc. (seu meio mais próximo); em seguida, ao estudar o que é da atribuição do Estado. (Governo, constituição, lei, etc.).

A colonização, os governos, as guerras, os estadistas, os homens ilustres, etc., são motivos que despertam, naturalmente, sentimentos cívicos

Dêsse modo, não se pormenorizam no programa de Educação Moral e Cívica, pontos que já constam do programa de História, como: possibilidades dos estados de contribuírem para a riqueza nacional; atitude de patriotismo pela compreensão dos problemas brasileiros; colaboração com os dirigentes do País; atitude de compreensão para com os problemas e dificuldades dos povos estrangeiros, etc.

Assim como a História, a Geografia é matéria que tem grande relação com a Educação Cívica, concorrendo para desenvolver no educando a apreciação, o interesse e o amor pela terra.

Os conhecimentos geográficos farão a criança crescer em conhecimento dos problemas vitais de nossas vilas ou cidades, dos Municípios, do Estado, do País, etc.

O meio físico, os recursos naturais, dificuldades e possibilidades, as indústrias, o progresso, o comércio, as relações com os países estrangeiros, os planos das cidades, as escolas, os transportes, as comunicações, etc., são tópicos geográficos que ensinam o desenvolvimento do civismo.

Dêsse modo, êsses e outros pontos deixam de figurar no programa de civismo, cabendo ao professor desenvolvê-los de modo a formar na criança a atitude de compreensão e de civismo que êsses tópicos favorecem, levando o aluno a uma visão equilibrada da realidade brasileira: — nem patriotismo que se exalta em enumerar e descrever riquezas naturais do Brasil, nem atitude de pessimismo em face dos problemas brasileiros, mas um sadio equilíbrio baseado num sentimento generoso de serviço à Pátria, na formação de energia capaz de enfrentar problemas e de solucioná-los, bem como na discriminação e na valorização de nossas riquezas naturais e humanas.

II — *Lingua Pátria* — Para facilitar o relacionamento entre a linguagem e a Educação Cívica, são apresentadas como sugestões as seguintes atividades:

1 — Leitura, interpretação e recitação de trechos literários e de poesias patrióticas ou que descrevam fatos de nossa história e se referiram a nossa gente.

2 — Leitura, comentário, interpretação e recitação de trechos literários e de poesias dos grandes escritores do País.

3 — Leitura, interpretação e comentário de alguns artigos da Constituição, de trechos de certos Decretos-leis relacionados com o ensino primário, assistência à infância, etc., bem como de trechos fáceis que esplanem assuntos do programa de instrução cívica.

4 — Apresentação de trechos e poesias acima indicados, bem como de biografias dos grandes homens da Pátria e da humanidade, nas horas cívicas e sessões dos auditórios e clubes de leitura.

5 — Palestras sobre fatos históricos e geográficos, focalizando problemas da localidade, da região ou do País.

6 — Palestras ilustradas, focalizando os aspectos mais originais e interessantes da natureza brasileira, índole, costumes e tradição dos seus habitantes.

7 — Interpretação de gravuras de fatos históricos e geográficos, bem como de quadros dos grandes pintores brasileiros.

8 — Leitura e interpretação de fatos ou contos em que sejam acentuados os sentimentos de honradez, lealdade, amor à Pátria e à humanidade, cumprimento do dever, abnegação, altruísmo, bondade, exemplo de dignidade e outras virtudes cívicas e sociais.

9 — Leitura e interpretação de trechos de autores salientando traços nobres das personalidades que souberam vencer dificuldades antepostas à realização de ideais a serviço da humanidade.

10 — Leitura, interpretação e narração de lendas do País, histórias e poesias do "folclore" nacional.

11 — Composições sobre fatos históricos e geográficos, episódios edificantes da vida dos grandes homens da Pátria e da humanidade.

12 — Dramatização.

III — *Aritmética e Geografia* — Correlacionando com a educação cívica o programa de aritmética e geometria, poderá o professor valer-se do seguinte:

1) Conhecer cifras (quantidade e valor relativas às primeiras produções do Município, do Estado e do País, comparando-as com as dos anos anteriores.)

2) Elaborar problemas sobre as despesas do Estado e do País relativas aos serviços de proteção à agricultura, pecuária e outros.

3) Interpretar e mesmo levantar pequenas estatísticas que focalizem aspectos interessantes da vida do Município, do Estado, do País.

4) Aproveitar cifras relativas a impostos, arrecadação municipal, estadual e federal, dados referentes às taxas cobradas, para elaboração de problemas sobre porcentagem. Como o País, o Estado e o Município empregam as somas arrecadadas: — Os serviços municipi-

pais, estaduais e federais da localidade. Despesas com a educação e saúde pública, justiça, policiamento, iluminação e limpeza pública, meios de comunicação, construção de edifícios públicos, etc., etc. Relativamente à educação, por exemplo, elaborar problemas em vista:

- a) construção e conservação de prédios escolares;
 - b) fornecimento de material escolar;
 - c) vencimentos do pessoal administrativo e docente;
 - d) custo de cada aluno ao Estado, por ano, e o prejuízo da repêntia, etc., etc.
- 5) Conhecer o movimento das instituições de beneficência da localidade — Santa Casa, Conferência de São Vicente de Paula, etc., da escola — Caixa Escolar, Cantina, etc.
- 6) Organizar problemas com dados referentes à produção e comércio, estradas de ferro e de rodagem, etc., etc.
- 7) Interpretar gráficos informativos do movimento econômico, social e cultural do País, do Estado e do Município.
- 8) Comparar o custo da vida em diferentes épocas. Por exemplo: o preço do gado, dos gêneros alimentícios, dos tecidos, o valor de propriedades, vencimentos de professores, etc., etc., há vinte, trinta, cinquenta anos passados, comparados com os atuais.

IV — *Ciências Naturais e Higiene* :

Poderão ser correlacionados ao Programa de Educação Moral e Cívica os seguintes pontos do programa de Ciências Naturais e Higiene:

- a) Atividades indicadas no 1.º período do 1.º ano.
- b) Os pássaros, sua utilidade. Proteção aos pássaros úteis e aos seus abrigos naturais.
- c) Os animais. Serviços que prestam ao homem. Propaganda em favor de um melhor trato aos animais. Comerar o dia 4 de outubro, dedicado aos animais, contando ou lendo histórias do "folclore" nacional referente aos mesmos ou por outros meios.
- d) A árvore, seus benefícios, trato e conservação. O florescimento. O 21 de setembro.
- e) Fazer com que cada aluno se interesse pela própria saúde, a fim de que, no futuro, seja parcela de valor na comunidade brasileira.
- f) Campanha contra o impaludismo, a tuberculose, a febre amarela, a lepra, a varíola, etc.
- g) O efeito do álcool no sistema nervoso e as virtudes da temperança (saúde, economia, moral, etc.).
- h) Clube rural e pelotão de saúde.

V — Educação Física :

O programa de Educação Cívica está correlacionado ao de Educação Física principalmente na parte referente a jogos em grupo. (Ver programa de Educação Física).

A criança se submete naturalmente ao regulamento dos jogos em grupo, adquirindo ou desenvolvendo :

- a) Espírito de justiça, que se revela principalmente na aceitação da vitória do adversário e desenvolve sentimentos de tolerância, lealdade e solidariedade;
 - b) Espírito de renúncia e de cooperação;
 - c) Iniciativa, responsabilidade, confiança em si, capacidade para aceitar sugestões, coragem, etc.;
 - d) Respeito às leis, na prática das regras dos jogos, na obediência ao juiz e no acatamento a suas decisões. A criança aprende a se dominar, aceitando uma censura que tenha merecido, bem como penas combinadas nas regras dos jogos e que lhe são justamente aplicadas. O aluno aprende ainda a suportar o frio, o calor, a fadiga, e a ser corajoso, enfrentando o adversário nas competições.
- 3.º — As formaturas nas solenidades das grandes datas nacionais e as demonstrações de cultura física ensinam a criação da disciplina, do entusiasmo e da resistência.

VI — Canto :

Acha-se o programa de Canto intimamente correlacionado ao de Educação Cívica na parte relativa a canções, hinos patrióticos, músicas folclóricas, etc.

Precedendo cada comemoração, devem ser estudadas músicas e letra do canto referente ao episódio a ser comemorado.

Alguns fatos geográficos e históricos constantes do programa de Educação Cívica podem, igualmente, ser focalizados ou resumidos numa canção. Exemplo : A "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias (musicada) presta-se a completar o estudo e desenvolver o sentimento de terra natal ou de Pátria.

Deixam de ser mencionadas, por estarem já incluídas no programa de Canto, as canções que são especificamente de caráter cívico. Cumpre ao professor consultar os dois programas (Canto e Educação Cívica) e fazer a correlação necessária.

VII — Desenho, Modelagem e Trabalhos Manuais :

Em sua relação com a Educação Cívica, serão aproveitados os motivos das diversas disciplinas do curso que apresentam pontos de referência com o assunto focalizado. Dentre outras são lembradas as seguintes :

1 — estudo cuidadoso e sistematizado da Bandeira Nacional, iniciado no 1.º ano por meio de desenhos e modelagem, etc., e terminado no 4.º ano com sua confecção em pano próprio;

2 — o Escudo Nacional, igualmente, no 4.º ano, poderá ser desenhado para figurar em cartazes e outros trabalhos;

3 — fichas ressaltando normas e legendas cívicas ou assinalando fatos e datas nacionais;

4 — álbuns de trabalhos selecionados;

5 — quadros, livros, cartazes, retratos, etc., referentes a assuntos cívicos.

CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE

Uma boa compreensão do mundo real ajuda o homem a melhor adaptar-se às coisas, fenômenos e pessoas.

Esta compreensão restará dos cuidados com que a escola dirigir o espírito da criança para a realidade e na formação do hábito de considerar esta mesma realidade objetivamente.

Longe de tolher a curiosidade natural da criança para o mundo externo, cabe à escola aproveitar essa inclinação instintiva para organizar o ensino das Ciências Naturais. Cabe-lhe criar oportunidades múltiplas e variadas a fim de que os "que é que é", os "porque", os "para que" dos alunos se multipliquem cada vez mais. À medida que amadurece o seu espírito, o interesse pelos aspectos superficiais e imediatos das coisas se deslocará para os mais profundos e, principalmente, para as suas relações.

Alimentando a curiosidade da criança e aprofundando a sua ansia de saber, a escola lhe dará meios de se desenvolver, cada vez mais, pelo seu próprio esforço.

Libertar o espírito infantil das formas verbais, livrescas e, ao mesmo tempo, tornar mais ativo o pensamento, é próprio do método experimental. E, no ensino das ciências naturais, deve empregar-se este método de preferência aos outros.

Enriquecendo a observação espontânea da criança pela sua orientação em condições variadas, previamente determinadas, a escola conduzirá as novas gerações a uma visão mais penetrante e exata do mundo.

Mesmo na escola primária, é possível levar a efeito modestas experiências de Ciências Naturais, como o propósito de estimular o espírito de pesquisas.

O treino da observação, a discriminação das diferenças e semelhanças, a percepção das relações entre coisas ou fenômenos, a discussão sobre fatos observados e a exposição de julgamento próprio serão auxiliados por uma linguagem clara, pelo emprego de

têrmos cada vez mais apropriados e precisos, pela apresentação de desenhos, esquemas e gráficos, pela modelagem e construção, pela organização do material de experiência ("o cientista pensa com as mãos"), pelo emprego usual de operações numéricas, etc.

Até hoje o ensino das Ciências Naturais, na escola primária, esteve bastante descuidado. Limitava-se, geralmente, a algumas noções elementares que, de modo rígido, abstrato e puramente verbal, transmitia o mestre aos alunos.

Não é êsse o objetivo desta disciplina na escola. Para fazer o seu ensino de maneira mais eficiente, deveria o professor possuir uma boa cultura científica, adquirida através do método experimental. Mas com isto talvez não se possa contar ainda. Entretanto, não seria razoável suprimir as Ciências Naturais do ensino primário. Para resolver atualmente esta dificuldade, é preciso que o professor se instrua, à medida que ensina a matéria. Procurando conhecimentos em fontes diversas, observando, com os seus alunos, os fenômenos em estudo, e, em uma palavra, pesquisando ativamente, o professor empregará de fato o método preconizado nas ciências naturais. E, assim ensinando, aprenderá êle mesmo...

O mestre nada perderá de sua autoridade, quando a esta ou àquela pergunta ou questão do aluno, responder com um "não sei mais, vamos procurar saber". O seu prestígio, ao contrário, crescerá sobremaneira, se levar o aluno a elaborar ativamente a solução do problema. A escola primária de hoje precisa menos de mestres eruditos e de sua autoridade incondicional, do que de pessoas de espírito aberto e vivo, diligente, amigas das crianças e do progresso. No ensino de tôdas as matérias exigem-se do mestre estas virtudes, e o das Ciências Naturais, não constitue uma exceção, certamente.

Cumpra ao ensino das Ciências Naturais e de Geografia, nas nossas escolas primárias, abrir os olhos da criação para a natureza que a cerca, sobretudo a natureza brasileira, fazendo com que ela ame o solo pátrio e conheça cada vez mais a sua terra e seus recursos. Cumpra à escola voltar as vistas do futuro cidadão brasileiro para a vida e o trabalho no campo, mostrar-lhe que a vida rural poderá ser realizada com grande proveito para o individuo e para o País, quando o homem trabalhar em condições higiênicas melhores, conhecendo melhor os fenômenos naturais e servindo-se de meios técnicos mais aperfeiçoados.

A Escola Pública deve desde cedo aproveitar os motivos que a vida rural lhe oferece para desenvolver seus alunos. Isto porque

todo brasileiro, pela imensa extensão do país, pode possuir um lote de terreno para cultura, ter sua pequena horta, pomar ou criação. Esta cultura, além de lhe permitir eventualmente lucro material, virá beneficiar a sua saúde, introduzindo, na alimentação, elementos que concorrem para torná-la mais racional, como sejam: as verduras, as frutas, os ovos, etc.

Mais ainda: a agricultura, por mais reduzido que seja o seu campo, sempre dá ao homem, em contacto com a terra, sentimentos nobres, encantamento pelas coisas da natureza, alegria de ver o desenvolvimento da planta e, finalmente, o prêmio dos seus esforços, recompensados por uma boa colheita, desde que, entre outros fatores, êste esforço seja racional.

Por mais paradoxal que pareça, o individuo nas cidades aproveitadamente relativamente pouco das oportunidades que a vida lhe oferece para o uso da inteligência. A volta à terra sempre obriga o homem a pensar melhor, a usar mais a sua observação, raciocínio e esforço em torno de interesses mais estáveis, ocupações mais sérias e proveitosas. Assim, torna-se compreensível porque a escola pública deve inculcar nos seus alunos, o mais cedo possível, êste amor à natureza e à terra, e porque também lhes deve dar alguma orientação prática em torno dessa cultura.

O ensino das Ciências Naturais na escola primária, com suas aplicações práticas à vida, poderá ainda concorrer para impedir que os alunos deixem a escola, antes de alcançarem as classes mais adiantadas ou de chegar ao termo do curso. E, releva acrescentar que, neste sentido, são indispensáveis esforços múltiplos em torno de todo o trabalho escolar, pois as estatísticas nos mostram quanto são pouco freqüentados o terceiro ano e o quarto, em comparação com o primeiro e o segundo.

Uma vez que a criança aprendeu a ler e a escrever, muitos pais consideram a sua instrução suficiente e retiram-na da escola para entregá-la aos afazeres da casa ou do emprego.

Para segurar o aluno até o fim do curso primário, é mister fornecer-lhe conhecimentos práticos, úteis à vida, e que a família também os reconheça como tais.

Assim, a ligeira orientação no que diz respeito à jardinagem e à horta, de um lado, tratamento higiênico da criança, alguma iniciação à arte culinária e costura doméstica, de outro, que a menina também receberá desde o 3.º ano, servem precisamente a êste fim.

Nem sempre os pais compreenderão esta utilidade. Convém dar-lhes a necessária explicação sobre as vantagens dos trabalhos que se realizam nos últimos anos do curso, no sentido de conseguir que mantenham seus filhos na escola até a conclusão do mesmo. Deverá, portanto, esta parte do ensino primário ser particularmente cuidada, a fim de que, contribuindo para a permanência dos alu-

nos na escola, os beneficie com um preparo mais racional para a vida.

Higiene e alimentação

A saúde do povo é fator decisivo na prosperidade do País. Dela depende grandemente o caráter equilibrado e otimista do indivíduo e o rendimento do seu trabalho.

A escola pública cabe vigiar pela saúde da infância e esforçar-se por tornar os seus alunos mais resistentes e robustos. A Higiene e a Educação Física figuram no curso primário com esta finalidade. De um lado, elas têm por escopo a formação de hábitos hígidos nos alunos e, de outro, abrir-lhes os olhos para as fontes reais da saúde e da doença. Cabe também à escola "clarear" o espírito do povo, libertando-o dos inúmeros preconceitos, superstições e práticas nocivas, em matéria sanitária.

Sendo a criança bastante sensível à beleza, a motivação ética pode ser empregada com grande proveito no ensino da Higiene e Educação Física. Convém orientar este ensino de tal maneira que a criança, empolgada por este ideal de beleza pessoal e da força da raça brasileira, seja um colaborador ativo na formação dos hábitos hígidos, na escola como no seu próprio lar.

O medo, que tão facilmente domina o psíquico da criança, deve ser usado com muito critério. Não lhe mostrar a miséria e as doenças em suas cores negras e horrorosas, pois que isto seria francamente prejudicial à saúde e ao caráter do aluno nervoso e aprensivo em relação a doenças.

Inculca-se na criança a idéia clara de que é preciso prevenir o mal pela prática de hábitos rigorosos de higiene, antes que tratar da doença com drogas exageradas e dispendiosas.

Há muito que já se vem organizando esse mundo maravilhoso no espírito da criança, e esta sente, agora, depois de um demorado contacto com a natureza, a segurança que lhe inspiram as suas leis sempre infalíveis e certas. Não é a classificação dos quadros clássicos de Ciências que lhe vem ordenar e agrupar os fatos adquiridos, mas a proximidade das causas e dos efeitos dos fenômenos a que ela assistiu e das leis que ela provou e experimentou. A criança se sente mais à vontade agora. Vamos, pois, levá-la a verificar o aproveitamento que o homem tem feito das energias da natureza. Ela vai trocar o campo biológico pelo utilitário.

E é preciso pensar nas leis que regem a vida do homem.

Dar à criança conhecer as suas funções principais, e os rudimentos de alimentação racional, para que ela saiba que a sua vida, como as das plantas e dos animais que observou, está sujeita a certas condições a que é previsto ajustar-lhe para tornar-se forte e útil.

Para que tão bela e tão grandiosa natureza, se o homem que deve aproveitá-la é doente ou fraco?

Não é bastante dar o ideal, mas é preciso dar o hábito à criança de alimentar-se bem e de cuidar da sua saúde. É preciso também levá-la a cultivar a terra para produzir o que é tão indispensável à saúde — legumes e verduras. Todas as escolas do Estado podem ter sua horta. Se não é dentro da sua própria área, é na frente ou do lado, se não é de nenhuma dessas maneiras, é em caixotes e em latas. Ter um palmo de terra e plantá-lo é uma obra de civismo a que nenhuma professora deve fugir.

O programa de quarto ano pode resumir-se no seguinte: Estudo da vida de um determinado meio para levar a criança a compreender o equilíbrio da natureza: plantas e animais cooperando uns para o estabelecimento das condições de vida dos outros.

Estudo da vida dos insetos, para formar a atitude com relação a eles.

A água como o mais útil de todos os mineiras — Suas aplicações nos seus três estados.

Estudo do organismo humano. Envolve um estudo sumário dos aparelhos motor, nervoso, circulatório, respiratório e digestivo e suas respectivas funções.

Estudo de uma floresta e o que ela representa para a humanidade.

Movimento da terra — os dias e as noites — Estações.

Higiene: — Combate à tuberculose — sífilis — lepra — bebidas alcoólicas e fumo.

Alimentação e saúde.

FEVEREIRO E MARÇO

Objetivo especial: Estudar a vida em um meio líquido: rio ou poço.

Tópico de que faz parte este estudo: — Estudo da vida de um determinado meio para levar a criança a compreender o equilíbrio da natureza: plantas e animais de constituição adaptada ao meio, colaborando uns nas condições de vida dos outros.

Atividades:

1) proveniência das águas — Acompanhar o curso até onde fôr possível. Conhecer todos os aspectos físicos do rio, dentro da localidade:

- a) estudar as plantas aquáticas do poço;
- b) aspecto que apresentam durante as estações;
- c) suas características;

d) levar a classe a observá-las bem para conhecer as funções das folhas, raízes e caules com relação ao meio;

e) — comparar essas plantas com as da terra, principalmente as de lugares secos;

2 — Estudar os animais que vivem no poço :

a) procurar seus característicos determinados pela vida que levam;

b) examinar os peixes;

c) observar-lhes a cor, a forma;

a) como se alimentam; se à superfície, se no meio ou no fundo;

e) observar o efeito que cada uma dessas maneiras pode determinar na boca do peixe;

3 — Examinar as rãs :

a) procurar ovos e conhecer a época em que são encontrados;

b) observar-lhes a metamorfose;

c) procurar saber como o sapo se adapta à vida aérea;

4 — Conhecer a influência dos peixes e sapos na vida do poço e a deste nos arredores.

5 — Influência das plantas aquáticas como defesa da vida dos animais;

a) como as folhas contribuem para a respiração dos animais;

b) explicar a respiração animal;

c) explicar a respiração vegetal contrária à do animal;

6 — Por que motivo nos rios há vida animal sem plantas aquáticas;

7 — Procurar os insetos do poço :

— apanhar larvas e levá-las para a classe para observar sua metamorfose. . .

8 — Procurar os pássaros que freqüentam as imediações :

a) identificá-los;

b) procurar os motivos por que freqüentam esses lugares;

c) procurar observar-lhes os característicos físicos determinados pela vida que levam;

— observar-lhes o vôo;

— o bico, os pés, etc.;

9 — Procurar pedras e seixos do poço :

a) observar-lhes a forma;

b) a variedade e qualidade; explicar a diferença;

c) observar o limo e o lódo das pedras e das beiras;

d) procurar a função dessas plantas;

— de alimento para os animais;

— de oxigenação da água;

— de destruição de matérias indesejáveis na água, evitando que se infiltrem na terra;

10 — Procurar descobrir toda a influência da vida do poço ou do rio no lugar, estabelecendo a seguinte questão : “como seria esse lugar se não houvesse o poço ?”

11 — Levar as crianças a fazerem na escola um aquário, aplicando os conhecimentos adquiridos.

Estudo da horta

Objetivo especial: — Fazer a horta da escola.

Tópico de que faz parte este estudo: — Estudo das condições essenciais de um terreno e de seu preparo para uma boa horta.

Atividades :

a) estudar o terreno :

— procurar saber quais as plantas que devem ser cultivadas;

— qual o preparo que deve merecer;

— possibilidades de irrigação fácil;

b) condições essenciais de um bom terreno para horta;

c) os meios de tratá-la convenientemente nos pontos em que os casos exigem, como: drenagem, calagem, adubação;

d) preparo de sementeiras :

— seleção e desinfecção de sementes;

— condições do terreno para facilitar a germinação;

— sementeira e suas condições;

— repicagem;

— transplantação, etc.;

e) sementeira definitiva;

f) escolha das plantas — tratamento.

g) animais nocivos que freqüentam a horta;

h) animais que podem ajudar no combate aos animais nocivos;

i) outros meios de defesa contra os insetos nocivos;

j) cultura e trato para obtenção de bons produtos.

Bibliografia para o professor: Horticultura prática, 1.º Vol. — Professor Humberto Bruno.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Conhecer a vida dos insetos.

Tópico de que faz parte este estudo: — Insetos úteis e nocivos. A vida de uns em relação à de outros.

Atividades :

Resumir todas as experiências das crianças com relação aos estudos de insetos dos anos anteriores.

1) Levar a classe a formar uma noção da quantidade de insetos do mundo :

- na água;
- no ar;
- na terra;

- a) debaixo da terra;
- b) insetos nocivos;
- c) insetos úteis;
- d) insetos que não nos afetam;
- e) insetos que ignoramos se são ou não úteis;
- f) insetos que são inimigos dos homens e plantas;

- os que atacam diretamente;
- os que atacam indiretamente;

- g) insetos que são vítimas de outros insetos;
- h) insetos — grandes inimigos do homem — mosquitos — transmissores de febre amarela, etc.;

2 — Conhecer os meios de multiplicação e desenvolvimento desses insetos para combatê-los :

- drenagem de águas paradas;
- asfixiamento das larvas com óleos, nos poços, etc.;

3 — Estudar as mósca; perigosos transmissores de doenças;

a) apanhar mósca e examinar-lhes os pés e a boca e levar a observar como facilitam a transmissão de micróbios e ovos;

b) botam ovos em lugares imundos, onde a larva se desenvolve;

c) como combatê-las: matando suas larvas com substâncias próprias nos lugares onde habitualmente se desenvolvem;

- d) estudar a vida de Osvaldo Cruz;
- e) a Secretaria de Saúde e Assistência e o trabalho na extinção de mosquitos e focos — Serviço de Profilaxia da Febre Amarela;

f) insetos inimigos das plantas: Departamento de Agricultura, a sua função e a sua utilidade no combate aos insetos nocivos às plantas.

4 — Como a natureza determina o equilíbrio :

- a) insetos que combatem outros;
- b) insetos que põem ovos sobre a larva de outros; como a larva é devorada;

c) insetos que põem ovos no ninho de outros.

4) Explicar que quase todos os insetos nocivos são insetos que estão fora do seu ambiente e se desenvolvem porque se livram de seus inimigos naturais — como pássaros, outros insetos e outros animais;

a) mostrar o cuidado que o homem precisa ter em não combater pássaros e outros animais que eliminam os insetos nocivos.

A água

Objetivo especial: Conhecer a utilização da água nos seus três estados.

Tópico geral: — A água como o mineral mais útil e indispensável às plantas, aos animais e ao homem.

Os três estados da água.

1— Estudo líquido: Como da água neste estado se utilizam o homem, os animais e as plantas.

Atividades :

- a) conhecer a caixa d'água que serve à localidade ao ou Grupo;
- b) levar a conhecer a origem e o trajeto da água até a caixa;
- c) sistema de tratamento da água usado no lugar;
- d) distribuição da água: Porque as caixas são sempre no alto;

(Fazer demonstrações sobre os vasos comunicantes. Na falta de melhor aparelhamento demonstrar com o auxílio de um bule. Levar a criança a observar que a água se eleva igualmente dentro do bule e no bico);

e) fazer demonstrações sobre a água não filtrada e o perigo que pode acarretar para a saúde;

f) observar uma vela de filtro e as impurezas deixadas nela depois de alguns dias de filtração, etc.;

g) observar uma cisterna: de onde vem a água e porque;

h) relações entre a água da cisterna e a da torneira;

i) aproveitamento da água nas máquinas simples;

— rodízio de moinho;

— monjolo;

— água e força elétrica;

j) o sentido da unidade de força: cavalo-vapor;

k) excursão a represa de usina elétrica — maneira como a força d'água pode gerar energia elétrica.

2 — Água no estado gasoso :

- a) vapor d'água; sua existência na natureza; nuvens;

- b) vapor d'água como força;
 c) levar a criança a assistir ao funcionamento de uma locomotiva e de outras máquinas a vapor;
 d) relação entre a força elétrica e a do vapor;
 e) a vida de Watt e de Stephenson. "Tesouro da Juventude".

3 — Água no estado sólido :

— como existe naturalmente; geieira — geada e neve.
 O gelo fabricado na indústria e sua utilização.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

O homem — órgãos e funções

Objetivo especial : — Estudar os aparelhos : digestivo, circulatório, respiratório, aparelho motor e nervoso e respectivas funções.

1 — Aparelho motor :

- a) fazer a criança observar-se a si mesma para verificar :

— os ossos;
 — os músculos;

- b) Procurar conhecer o que a criança pensa sobre a função dos ossos:

— facilitar o movimento;
 — proteção aos órgãos mais delicados;
 — comparar os movimentos dos vários animais com seus hábitos de vida e necessidade de movimento;

- c) Mostrar praticamente a relação entre os músculos e os movimentos;

- d) Diante de um esqueleto ou de gravuras bem nítidas: mostrar as três partes do corpo

- e) Levar a criança a observar a maneira como os ossos formam caixas e canais para protegerem os órgãos mais delicados:

— a cabeça — a caixa craniana guardando o cérebro;
 — o tronco — para guardar pulmão, coração;
 — uma bacia para guardar outros órgãos;

- um canal — mostrar a coluna vertebral e mostrar os orifícios das vértebras — que formam, unidos uns aos outros, um canal onde está uma parte importante — a medula;

- levar a criança a fazer vários movimentos para verificar a influência da coluna vertebral na flexibilidade do corpo;

- f) Mostrar à classe uma cabeça e uma medula de galinha. Destacar os miólos;

- g) Explicar em linhas muito gerais o que é o sistema nervoso.

- h) Relacionar o sistema nervoso ao movimento dos músculos.
 i) Levar a criança a a açougue para mostrar-lhe o que são músculos:

— desfiar os músculos;
 — mostrar como os músculos se inserem no osso;
 — mostrar os tendões.

- j) Fazer a criança sentir a contração dos seus próprios músculos contraindo o biceps — o que chamam de "fazer muque" — e explicar;

— fazer a criança apoiar o punho fortemente sobre a mesa;
 — verificar que o biceps fica mole, mas outros músculos por traz do braço se contraem.

2 — Estudar a digestão:

- a) abrir uma galinha em toda a sua extensão e separar o aparelho digestivo desde o bico;

- b) verificar o papo e examinar o alimento contido nele;
 c) abrir a moela — deixar que percebam os alimentos triturados;

- d) contar fatos interessantes sobre objetos que são encontrados às vezes nas moelas das aves;

- e) levar a criança a verificar como o milho do papo aparece triturado na moela. Mostrar os músculos da moela e explicar que são assim desenvolvidos para trituração dos alimentos;

- f) mostrar o intestino;
 g) a diferença entre o grosso e o delgado;
 h) mostrar as curvas;
 i) distendê-lo e fazer a criança medi-lo, para mostrar a relação entre seu comprimento e o tamanho da galinha;

- j) mostrar as glândulas — o fígado;
 k) o pâncreas;

- l) comparar o aparelho digestivo humano ao da galinha, fazendo sobressair as diferenças principais;

- m) explicar os hábitos de higiene seguintes com relação à digestão:

— comer devagar, mastigando bem;
 — comer a horas certas;
 — comer o que faz bem à saúde;
 — observar o trabalho de seus intestinos;

— fazer dejeções uma vez por dia à hora certa;
 — saber que para manter a regularidade do intestino deve comer frutas e vegetais e fazer exercícios físicos;
 — saber que as dejeções irregulares ou deficientes podem produzir dores de cabeça, falta de apetite, cansaço.

3 — Estudar a respiração:

a) fazer a criança acompanhar seus movimentos respiratórios;
 b) fazer observar movimentos de inspiração acompanhando a dilatação do tórax;

c) explicar porque o ar dilata o tórax;
 d) mostrar um pulmão de galinha para que possam avaliar a sua consistência;

e) que acontece ao ar que entra pelo pulmões ?

— explicar o fenómeno da respiração;

f) estudar a tuberculose — como doença dos pulmões;

a) as crianças devem ter conhecimentos gerais sobre a transmissão da doença;

b) como se transmite — ensinar hábitos de higiene necessários para evitá-la;

c) levar as crianças a examinar os índices de tuberculose no lugar onde moram, nas grandes cidades, no Estado de Minas e no Brasil;

d) fazer a criança sentir que a tuberculose é curável;

— explicar os primeiros sintomas; e como combatê-la;

g) mostrar como cada criança deve desde a escola combater a tuberculose:

— através da alimentação;

— exercício ao ar livre;

— higiene em geral, etc.

h) levar a criança a fazer diariamente na classe — antes da ou na hora do recreio, independentemente da aula de Educação Física, — exercícios de respiração;

i) estudar o arejamento das casas e condições de higiene.

4 — Estudar a circulação.

A grande e a pequena circulação o mais praticamente possível. Mostrar o coração da galinha — algumas artérias veias. O sangue:

— procurar conhecer a noção que as crianças têm da pulsação.

— fazer a criança sentir o batimento do coração e do pulso.

Higiene: — Mostrar a relação entre a mortalidade causada pela tuberculose e pela sífilis. Formar a mentalidade da criança no sentido de combater a mortalidade.

Alimentação

Objetivo especial: — Por que nos alimentamos?

Tópico de que faz parte este estudo: — Ensinar a criança a alimentar-se bem para crescer forte e sadia.

Atividades:

a) fazer a criança conhecer os alimentos essencialmente formadores dos músculos e de outros tecidos — os proteicos — leite, ovos, carne, queijo, feijão etc.;

b) alimentos ricos em minerais — formadores dos ossos e dentes: os que contêm cálcio — o leite, a carne, o feijão, as frutas etc.;

c) alimentos ricos em ferro — para o sangue — encontrado principalmente na gema do ovo, no espinafre, nas vagens, etc.;

d) os alimentos que contêm vitaminas que protegem o corpo contra as moléstias, ajudando-o a desenvolver-se melhor: leite, manteiga, frutas frescas — laranja, tomate etc.; folhas — espinafre, alface repólio etc.;

e) chamar a atenção para a mortalidade infantil ocasionada pela alimentação imprópria;

f) comentar a alimentação das crianças, dando-lhes orientação prática sobre a maneira de cozer os vegetais de modo a preservá-los da perda de suas propriedades nutritivas, como a torná-los mais agradáveis ao paladar.

Outras atividades:

a) fazer o caderno de receitas culinárias;

b) visitar um lactário ou uma "creche";

c) comentar alimentação do homem em relação ao meio natural em que se acha;

d) como se alimenta o povo brasileiro em várias regiões do país (beira-mar, sertão);

e) como se alimentam alguns povos (italiano, espanhol, francês, japonês, português).

Outros hábitos de higiene:

1 — Manter os hábitos já formados.

2 — Combater a lepra. Dar os característicos da doença e meios de evitá-la.

3) Combater o uso das bebidas alcoólicas e do fumo.

OCTUBRO E NOVEMBRO

Estudo da floresta

Objetivo especial: — Estudar a floresta.

Tópico de que faz parte este estudo: — Estudo da floresta para formar a compreensão de que devemos protegê-la, e como.

Pontos que devem ser dados:

Nossas florestas:

- a) necessidade de conservá-las;
 - b) as florestas defendem-nos contra as grandes tempestades;
 - c) as florestas são indispensáveis à conservação da umidade;
 - d) desmoronamento dos terrenos — lembrar as plantas margeando estradas;
 - e) valor das árvores para o homem;
 - f) enumerar várias aplicações.
- Os guarda-florestas e sua atividade.

Ler para as crianças a descrição de uma floresta: "Saci" de Monteiro Lobato — "Guarani" de José de Alencar.

A floresta como *habitat* de muito pássaros e insetos: Alguns hábitos característicos dos animais (insetos, pássaros e outros) da floresta.

Aspectos da vida nas florestas. Vantagens dos decretos sobre "Caça e pesca":

- a) os animais mamíferos comuns nas nossas matas. Seus característicos, seus hábitos;
- b) répteis e batráquios mais interessantes e seus característicos, seus hábitos;
- c) plantas — as comuns — as mais interessantes;
- d) situação das nossas principais matas. Conhecimento, aproveitamento e defesa.

Bibliografia para a professora: "Sertões" de Euclides da Cunha; "Retirada da Laguna" de Taunay.

Dias e noites. Estações

Objetivo especial: — Explicar a formação dos dias e das noites.

Fazer demonstrações práticas com o telúrio, e na falta dêste, com um pão e uma vela acesa. Explicar a formação das estações.

No fim do 4.º ano os alunos devem apresentar o seguinte desenvolvimento:

- 1 — Revelam um grande amor pela natureza.
- 2 — Conhecem a influência do meio sobre os seres e os recursos de que estes dispõem para adaptarem-se.
- 3 — Têm a noção da luta pela vida entre os animais, na qual vence o mais adaptado e desenvolvido.
- 4 — Conhecem várias maneiras como certos animais e plantas se agrupam para se assegurarem as condições de subsistência.
- 5 — Conhecem os fenômenos principais da vida do homem, como digestão, circulação e respiração.

6 — Têm a noção do poder maravilhoso da natureza e das forças a pesquisar e a aproveitar.

7 — Sabem os fundamentos de uma boa alimentação e têm a atitude formada de alimentarem-se bem.

8 — Conhecem os elementos essenciais para o cultivo de uma boa horta e já assumiram, consigo mesmos, o compromisso de tê-la em sua casa.

Alguma bibliografia sobre assuntos do programa, para uso de professores

Instrução e programa do ensino primário do Estado de Minas Gerais, Decreto n. 8.094, de 22 de dezembro de 1937. — Páginas 69-146; 183-201 e 253-264.

Programas de ciências — Departamento de Educação do Distrito Federal.

Sécie C. *Programas e guias de ensino* n. VI-A, 1.º e 2.º volumes. — Companhia Editora Nacional. 1935.

Francisco Venâncio Filho e Edgard Sussekind Mendonça — Ciências físicas e naturais. Introdução geral às ciências experimentais — Companhia Editora Nacional, São Paulo. 1932 — 1.º volume — O Ar e a Água; 1934 — 2.º vol. — Terra. Energia. Vida. Civilização.

Mesmos autores — Leituras de ciências físicas e naturais.

Polsch (Waldemiro) — História Natural.

Prof. Melo Leilão — Curso elementar de História Natural.

Goué et Goué — Comment faire observer nos élèves.

Claude Bernard — Introduction à l'étude de la Médecine Expérimentale. Paris. 1900.

Faria de Vasconcelos — Didática das ciências naturais.

C. Wash Bruce — Common Science. World Book Company.

Edmundo Lozano — La enseñanza de las ciencias físico-químicas e naturales.

Editiones de la lectura.

Felitz Marti Apera — Nociones de ciencias físicas, químicas e naturales.

Publicaciones de la Revista de Pedagogia, etc.

Mme. Chantclair — Comment réaliser 250 expériences de physique et de chimie a peu de frais.

Paris Nathan.

Ren Leblanc — Les sciences physiques à l'école primaire (Libr. André Fils).

G. Scott — Nature study and child. Nova York. Appleton.

Vals, Vicente — Metodologia de las Ciencias Naturales.

Almeida, Júlia Lopes — Jardim Florido. Jardinagem.

- Brito, Souza* — Manual de Botânica Geral e Aplicada.
Martins Dias — A. B. C. da Natureza.
Comstok, Anna Rotsford — Hand-book of nature Study.
Sales P. — O Jardineiro Brasileiro.
Humberto Bruno — Olericultura — Horticultura Prática.
Schmeil Otto — Curso de Zoologia.
Cia. de Melhoramentos de S. Paulo — Coleção de Desenhos para Trabalho (Invertebrados).
 Quadros para o ensino intuitivo.
Fabre J. H.
Savassi — A sericultura no Brasil. Publicação do Ministério da Agricultura.
Publicação do Ministério da Agricultura — Monografia sobre diversas plantas brasileiras.
Saint Clair. Miranda Carvalho — A horta e a Pequena Lavoura. 1932.
Dalau Valera — Estudio Experimental de algunos de los animales que se encuentran en la casa, en el jardín e en el campo y en la granja.
Catro Nilo — Guia prático do Pequeno Lavrador — São Paulo.
Teschauer C. — A fauna e Flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas. 1925.
Rodolpho V. Ihering — Fauna do Brasil.
Irajá, Hernani — Feitiços e Crençices.
Miranda Ribeiro — Zoologia Brasileira.
Piza Júnior — As cobras venenosas.
Vital Brasil — A defesa contra o Ofidismo.
Lima e Silva. W. Potsch — Elementos de Mineralogia e Geologia.
Tom-Tit — La ciencia amusante.
Milano Miguel — O mestre de física.
Costa, J. Wilson — Os pequenos amigos da Agricultura.
Bondar Gregório — Insetos Daninhos da Agricultura.
Schenk Emilio — O apicultor Brasileiro.
Brehn — Les merveilles de la nature.
Afrânio Peixoto — Noções de Higiene.
Dr. Almeida Júnior — Higiene.
Belisário Pena — Obra diversas.
Erico Verissimo — Aventuras no mundo de Higiene (Edição Globo).
Zischka Anton — A ciência quebra monopólios. (Globo).
Tesouro da Juventude.
Enciclopédias.

Revistas:

- Journal des instituteurs et institutrices* (Paris, Nathan).
 "La science et la Vie" — Paris.
 "Magazin scientifique des instituteurs" — France.
 "Chácaras e quintais".
Publicações do Ministério da Agricultura — Publicações da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas, e outros Estados.
Fichier scolaire Coopératif (Editions de 1 (Imprimerie à l'Ecole. Vence Alpes maritimes. France).
 Boletim da Associação de Assistência aos tuberculosos proletários (Secção educacional pelo prof. Henrique Marques Lisboa).
Saraiva — Escola granja (ensino rural).

TRABALHOS MANUAIS

Introdução

Os Trabalhos Manuais, Modelagem e Desenho têm uma importância pedagógica que nunca é demais encarecer, em virtude da grande soma de valores que apresentam.

São eles, incontestavelmente, instrumentos indispensáveis para a fixação de fatos já compreendidos; meios valiosos para a concretização de idéias abstratas; motivos para novos estudos, novas indagações.

Com efeito, a simples construção de uma casinha de madeira ou de papelão permite à criança aprender, verificar, fixar uma série de noções estudadas em classe, enquanto desenha, mede, compara e constrói, observa planos inclinados, verticais, linhas, formas geométricas, ou resolve situações imprevistas, para o que se faz necessária a aquisição de novos conhecimentos.

Se uma noção, ao invés de ser dada ao aluno por informações, exigir que ele a concretize, realizando algo por suas próprias mãos, esta noção deixará um traço sensível no seu espírito. Incorporar-se-á à sua bagagem de experiências e contribuirá para o desenvolvimento de suas capacidades.

Uma vez que são meios tão poderosos de educação, os Trabalhos Manuais e o Desenho não podem ser considerados sobrecarga dos programas. Tão pouco podem ser considerados matéria independente. Como processo de expressão e material intuitivo, a sua grande finalidade é justamente estar ao lado das outras matérias, auxiliando-as, tornando-as mais interessantes e acessíveis à compreensão infantil, concretizando e completando conhecimentos.

Ressaltam daí as questões seguintes:

1) Os Trabalhos Manuais, o Desenho e a Modelagem não constituem uma disciplina a mais no curso primário. Atividades auxiliares da aprendizagem, devem ser correlacionadas às realizações da classe.

2) E' mister que haja perfeito entendimento entre a professora de classe e a professora de trabalhos manuais. Os planos desta se basearão, por força, nos planos daqueles projetos, excursões, dramatizações etc. Por exemplo, na confecção de mapas, albuns, quadros, nos trabalhos de marcenaria e nas atividades, dos clubes rurais (jardinagem, horta escolar, ensaios de avicultura, apicultura etc.), cabe à professora de trabalhos manuais atuar junto da professora da classe, colaborando com ela, acompanhando o desenvolvimento de seus planos de aula, aproveitando-se destes para esta representação gráfica ou aquela confecção manual, ou concorrendo com uma e outra para ilustração dos estudos que as crianças fazem.

3) Na realização dos trabalhos manuais, como na de quaisquer outros trabalhos, deve aproveitar-se ou estimular-se a iniciativa do aluno, inclusive a de compor o motivo para o bordado, a ilustração, o recorte, a idealização da peça etc. E mais, o trabalho deve ser tanto quanto possível o produto do esforço infantil — trabalho da inteligência imaginando o que fazer e das mãos realizando o que a inteligência imaginou.

As atividades sugeridas neste programa são baseadas nas prováveis necessidades e possibilidades da escola: jardinagem, horticultura, costura, trabalhos em madeira, fibra, taquara, tábua, arame; argila etc., tudo isto de grande alcance econômico e, ao mesmo tempo, incentivo ao desenvolvimento das artes populares.

Será de grande vantagem que se organize uma exposição permanente, dos melhores trabalhos manuais, não só para estimular o interesse por estas atividades, como também para tornar sugestivo o ambiente escolar, renovando os mostruários, à medida que outros trabalhos vão sendo concluídos.

O estudo sistematizado da Bandeira Nacional, previsto neste programa, pelos alunos de todos os anos do curso, e a sua confecção no 4.º ano é assunto merecedor de especial carinho das professoras, pois é necessário que a criança conheça desde cedo o símbolo da Pátria para melhor amá-la.

Trabalhos Manuais com Língua Pátria

1 — Arranjar e ornamentar a sala de aula (ver programa do 3.º ano).

2 — Desenhar:

a) cenas que ilustrem histórias, poesias, jornais da classe etc.;

- b) histórias mudas;
- c) enigmas figurados;
- d) cartas enigmáticas;
- e) fatos observados em excursões etc.

2 — Fazer:

- a) albuns ou livrinhos para cópia de histórias, poesias, livros etc.
- b) fantoches e cenários para as representações de fantoches;
- c) albuns de gravuras ou envelopes para guardar estas mesmas gravuras;

d) programas para os auditórios ou festas escolares, etc.

3 — Organizar material para os estudos de dramatizações e auxiliar às classes do 1.º ano e do 2.º na organização do mesmo material.

4 — Auxiliar a confecção de jogos de leitura para o 1.º ano.

Trabalhos Manuais com Aritmética e Geometria

- a) partes da unidade para concretizar o estudo sobre frações
- b) a Bandeira Nacional, atendendo às exigências quanto à largura, comprimento, raio de esfera, tamanho do losango, altura e largura da faixa;

c) frisos ou gregas, fazendo aplicação das figuras geométricas em estudo, etc.

2 — Fazer:

a) estantes (tomar as medidas exatas: comprimento, largura e altura; calcular a quantidade de madeira necessária, etc.);

b) guardanapos, molduras para quadros, vasos e porta-vasos, aplicando desenhos que tenham por motivo as figuras geométricas já estudadas;

c) gráficos, aproveitando diferentes dados estatísticos (matrícula escolar, frequência, notas de aproveitamento, peso e altura dos alunos, variações atmosféricas, produções, etc.)

3 — Auxiliar na confecção de fichas dos fatos aritméticos em estudo pelos alunos do 1.º ano e do 2.º.

Trabalhos Manuais com Geografia e História

1 — Desenhar:

a) mapa do Brasil, representando os fatos geográficos estudados;

b) o mapa da América do Sul para localização do Brasil;

c) cenas que ilustrem acontecimentos da história pátria.

2 — Ilustrar o mapa do Brasil, desenhando as principais produções de cada zona.

3 — Fazer:

a) a Bandeira Nacional, trabalho que poderá ser iniciado nos primeiros dias de aula, para que, no dia 19 de novembro, a bandeira possa ser oferecida a uma escola (distrital ou municipal) ou a uma repartição pública ou instituição patriótica;

b) albums de fotografias, gravuras, desenhos de homens e fatos da História do Brasil, desde o seu descobrimento;

c) cartazes contendo normas cívicas;

d) idem, sobre combustíveis e meios de transporte no Brasil, etc.
4 — Coleccionar gravuras que representem aspectos característicos dos países do mundo com os quais o Brasil mantém relações.

5 — Recortar bonecas em papelão e vesti-las de acôrdo com certas épocas ou países.

6 — Preparar uma ambientação sugestiva para a solene festa da Bandeira.

Para êsse dia poder-se-á organizar uma exposição dos trabalhos alusivos ao Pavilhão Nacional, feitos por tôdas as classes, tais como: desenhos, recortes, cartazes, albums, etc.

Trabalhos Manuais com Ciências Naturais e Higiene

1 — Desenhar:

a) aspectos da natureza, observados em excursões;

b) animais domésticos, peixes, pássaros, insetos;

c) frisos ou gregas, tendo por motivo os desenhos de pássaros, peixes insetos, para ornamentação da sala. Estes motivos servirão, também, para bordado em sacola de merenda, toalhas de rosto, guardanapos, panos de cozinha, de copa, etc.;

d) plantas — o todo e suas partes (raiz, caule, fôlha, flor, fruto, etc.).

2 — Desenhar e modelar as partes do corpo humano.

3 — Fazer:

a) cartazes sobre preceitos de higiene (alimentação, vestuário, etc.), ilustrados com gravuras ou desenhos;

b) cadernos ou cadernetas para as composições ou cópia de hinos, poesias, receitas úteis, etc.);

c) peças do vestuário (uniformes, combinações, calcinhas, camisolas), utilizando-se a máquina de costura, sempre que fôr necessário;

d) roupinhas para as crianças pobres, aproveitando retalhos doados pelas casas comerciais para serem distribuídas por ocasião do Natal;

e) cestas para costura, papel e pão; descanso para pratos; pe-neiras, samburás, sacolas, aproveitando o material existente na localidade;

f) empalhamento de cadeiras;

g) pequenos consertos de emergência, no prédio ou no mobiliário; por exemplo conserto de torneiras, de fechaduras, de cadeiras, etc.; ou preparar argamassa e cal para reparar estragos na parede;

h) aparelhos simples para pequenas experiências sobre fenômenos naturais.

C A N T O

Considerações

O Canto é uma disciplina rica em valores educativos pela influência que a música exerce no espirito infantil.

Desde a mais tenra idade, sente a criança em seu estado físico ou psíquico os efeitos desta arte maravilhosa, quando uma canção consegue acalmar-se os nervos ou trazer-lhe o sono.

A criança não experimenta satisfação apenas em ouvir canções. Gosta, ela própria, de cantá-las, pois que isso lhe proporciona alegria e lhe causa bom humor. Cantar é uma necessidade de seu organismo, assim como falar, rir e brincar. A escola aproveita essa influência da música como agente educativo de incontestável valor.

Finalidades e valores

Os valores educativos do Canto são de natureza cívica, social e estética.

Precioso fator da disciplina e da Educação Moral, pelos sentimentos nobres que desperta e realça, o Canto incentiva o amor à Pátria, unificando tôdas as almas em torno do mesmo ideal cívico, bem como imortaliza os heróis e os grandes feitos dos nossos antepassados.

Exalta nos corações os sentimentos de fraternidade humana e nivela os indivíduos, não considerando as desigualdades de condições, mas integrando todos nos mesmos sentimentos e ideais.

Fortalece a vontade, favorece a memória, descansa o espirito fatigado, traz alegria à vida e entusiasmo à escola.

Considerando em sua finalidade específica, o Canto educa o senso musical e a voz, beneficiando o aparelho respiratório, além de desenvolver o gosto artístico dos escolares.

A finalidade do canto na escola é conseguir a realização dos seus valores, para os quais deve atentar a professora, que mais facilmente executará o seu trabalho se o fizer com entusiasmo, alegria e devotamento, bem como procurando, cada vez mais, aprimorar as qualidades essenciais seguintes: o ritmo firme, senso auditivo, afinação

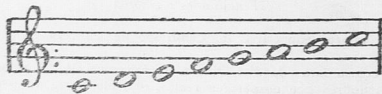
segura, gosto artístico, indispensável cultura musical e pedagógica, além de uma técnica regular de piano para o concurso às comemorações, festividades, marchas, auditórios, etc. A última observação não se estende às escolas onde não haja professora especializada de canto ou às que não possuam piano, sendo o canto, neste caso, lecionado por uma das professoras do estabelecimento que, segundo seus conhecimentos, melhor possa ministrar o ensino.

Condições do aluno

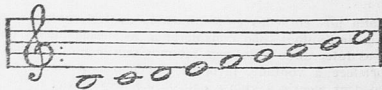
Ao despertar e desenvolver as qualidades do aluno, deve a professora lembrar-se de que o ritmo, além de ser o elemento básico da música, é disciplinador por excelência, e de que a voz, embora seja um dom natural, pode ser favorecida pela educação. Entretanto, para que o aparelho de fonação da criança, tão sensível e delicado, não seja prejudicado, é preciso que o educando cante sempre dentro da tessitura das vozes infantis, evite qualquer esforço e não adquira o mau hábito de cantar gritando tão desagradável aos ouvintes e prejudicial aos órgãos vocais.

A extensão da voz da criança é bem curta e pouco varia com a idade.

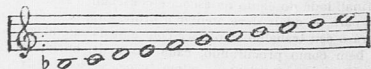
Aos sete anos não passa de uma oitava, como se vê :



Em geral, é este o melhor limite para as classes escolares :



Em côro, as crianças maiores de 9 ou 10 anos de idade e de vozes mais exercitadas podem atingir esta extensão :



Para bem ajustar as vozes à tonalidade e à extensão, é indispensável um instrumento como o piano, o harmônio ou o diapasão.

Em determinada época do crescimento verificar-se uma alteração na voz, geralmente dos 12 aos 14 anos para as meninas e dos 14 aos 16 para os meninos. Devem os educandos, nesse caso, ser afastados da prática do canto, porém, não privados da assistência às aulas, voltando ao exercício da disciplina assim que desaparecer o impedimento.

O ouvido merece também grande atenção. O aluno mal dotado de senso auditivo não deve ser excluído das aulas, mas sim colocado ao lado do côro, como ouvinte, até que possa fazer parte do mesmo.

As crianças afônicas, portadoras de amigdalite ou vegetações adenóides, serão primeiramente tratadas, iniciando depois o aprendizado do canto.

A constante vigilância à *califasia* (perfeita articulação e pronúncia das palavras) evitará as deturpações freqüentes nas letras dos hinos e canções escolares.

A educação do ritmo e do ouvido pode ser auxiliada por meio de marchas, exercícios fáceis de vocalização, jogos musicais em que a criança alia o gesto ao canto ou aos sons onomatopáicos, etc. Os movimentos ritmados concorrem para promover a ordem mental.

Estes processos dão, às vezes, resultados surpreendentes com as crianças que, a princípio, talvez por deficiência mental ou orgânica, bem como por falta de hábito, se apresentavam destituídas dessas qualidades, impossibilitadas de entoar ou acompanhar sequer qualquer música.

Respiração

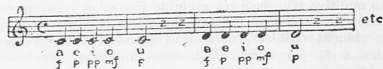
Não é necessário encarecer a importância da respiração no Canto. Deve ser feita sem a menor preocupação do aluno e ser guiada pelo próprio trecho musical. Um pequeno exercício respiratório precederá sempre à aula, bem como será dado um pouco de vocalização para as classes mais adiantadas. Dos exercícios seguintes, indicados por Vila Lobos, poderão ser dados alguns :

- 1 — Respiração imperceptível em atitude correta e natural.
- 2 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.
- 3 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, em ritmo binário, emitindo brandamente a vogal *a*: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º.
- 4 — O mesmo exercício, mais prolongado, em ritmo ternário.
- 5 — Repetir o mesmo exercício com interrupção repentina da voz.

6 — Inspiração pelo nariz e expiração pela bôca, ao emitir o *a*, como um suspiro profundo que recebe um *glissando*, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.

7 — Vocalização da mesma nota (com o auxílio do diapasão). Este exercício denuncia imediatamente os desafinados.

8 — O mesmo exercício em conjunto com tôdas as vogais, em ritmo quaternário, seguindo-se a escala e dentro da tessitura das vozes. Exemplo :



NOTA — Este exercício não precisa ir além do sol na 2.ª linha.

Ambiente

O Canto deve ser ministrado dentro da ordem e da disciplina, mas num ambiente de cordialidade e bem estar. Embora nem sempre disponham os estabelecimentos de local, apropriado, êste deve ser alegre, claro, ventilado e iluminado, tanto quanto possível, para corresponder às exigências pedagógicas e higiênicas, ambiente êsse que dê prazer às crianças.

Em algum lugar da casa (sala de música ou biblioteca, por exemplo) podem ser colocados quadros de cartolina com os rudimentos de teoria e manossolfa do curso primário, trabalhos biográficos de compositores brasileiros (Carlos Gomes, Francisco Manoel da Silva, Vila Lobos, etc.) feitos pelos alunos das classes mais adiantadas e expostos juntamente com os respectivos retratos, gráficos, discos coloridos, fotografias de compositores célebres, etc., constituindo um "ambiente musical" e sendo uma pequena fonte de cultura e de veneração das crianças pelos grandes músicos.

Horário

Para maior proveito do ensino, as aulas devem ser bissemanais, no mínimo, de 15 a 20 minutos, atendendo assim ao interesse e necessidade de cada classe. Em um dos dias da semana o canto deve ser feito em conjunto para as classes do 1.º ano e do 2.º e para as do 3.º e do 4.º. Se a sala não comportar muitos alunos, pode ser feito separadamente para as classes de um mesmo ano do curso, contanto que, ao menos uma vez por semana, seja feito um canto coletivo.

No horário dêsse dia, a professora de Canto pode destinar parte do tempo ao trabalho que deve realizar com a professora de Educação Física, no preparo de marchas, bailados, calistenia, etc., prestando o seu concurso em outros dias que se fizer necessário, sem, contudo, prejudicar o ensino da sua disciplina.

Quando as crianças se mostrarem fatigadas por maior esforço mental, deve ser feito em classe, fora do horário, um pouco de canto, bastando cantar baixinho, sem perturbar as outras classes, durante alguns minutos, uma canção já aprendida.

Se as condições do prédio o permitirem, o canto pode ser feito diariamente, à entrada das aulas, sendo entoados hinos, canções patrióticas e outras, acompanhadas ao piano, quando possível. Esta prática, além de habituar as crianças à execução do Canto em conjunto, incentiva o patriotismo e imprime mais alegria aos trabalhos escolares.

Seleção do repertório

O repertório a ser ensinado nos 4 anos do curso exige especial cuidado, não sômente na parte relativa à música, mas também à letra, que tanta influência exerce na educação moral e cívica.

A seleção dos hinos e canções deve subordinar-se ao interesse e ao desenvolvimento mental dos alunos, sendo necessário evitar-se a escolha de trechos difíceis para as crianças do 1.º ano ou canções demasiadamente infantis para as mais adiantadas.

O canto do principiante deve ser curto, simples, agradável e sensível, de maneira a bem impressionar-lhe o espírito. Todo o repertório musical visa a educação do sentimento e do gosto artístico. Compete à escola formar uma mentalidade musical que eleve o espírito e eduque o sentimento, e sômente a boa música, pura, bela e rica de expressões, pode despertar emoções sadias e exaltar o valor artístico de um povo. Cumpre, portanto, excluir os textos de canções que, destituídas de valor educativo, não se adaptem ao ambiente sadio que a escola deve constituir.

O canto popular, as canções folclóricas, que exprimem com tanta singularidade o sentir de cada região, sensibilizando a alma da criança, concorrem igualmente para a formação do sentimento pátrio. Os hinos e as canções patrióticas, despertando os mais elevados sentimentos de amor à Pátria, exercem prodigiosa influência na educação moral e cívica, principalmente quando relacionadas aos acontecimentos históricos.

As canções de ofício, dignificando o trabalho, concorrem para desenvolver o espírito de cooperação e excluir da escola os complexos e os preconceitos de classe e profissão.

E' também considerável o valor do canto religioso na escola, quer como fator de educação religiosa e moral, quer como pro-

pulsor de desenvolvimento artístico, visto constituir gênero de música bem diferente e especial.

*

Tendo de ensinar alguma música extra-programa, não deve a professora de Canto esquecer-se de colocá-la dentro da tessitura das vozes infantis, por meio da transposição, sempre que necessário.

Letra dos hinos e canções

Os alunos do 1.º ano, principalmente no 1.º semestre, podem aprender a letra dos hinos e canções por audição, isto é, repetindo a declamação rítmica das mesmas, feita pela professora. Do 2.º ano em diante podem ser escritas no quadro negro para serem copiadas em cadernos, pelos alunos, e decoradas, afim de que durante a execução do canto as crianças não desviem a atenção da regência.

Canto por audição

A predisposição do espírito infantil é uma condição indispensável à aprendizagem. Deve, portanto, a professora, motivar a aula, apresentando gravuras, conversando com os alunos em linguagem simples e expressiva. Depois de ler a poesia em voz clara, deve dar a significação dos termos desconhecidos, para que os alunos lhe aprendam o sentido. Em seguida, deve fazer o seguinte:

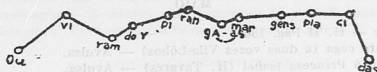
- 1.º — Interpretar a poesia com a classe.
- 2.º — Fazer com os alunos a declamação rítmica, que consiste em recitar os versos segundo o ritmo da música, dando a cada sílaba a duração da figura musical correspondente. Exemplo: Sal (3.º tempo) — vê (4.º) — lin (1.º) — do pen (2.º) — dão (3.º) — da espe (4.º) — ran (1.º) — ça (2.º) — Sal (3.º) — vê (4.º), etc..
- 3.º — Tocar a melodia, bem baixinho, ao piano, para ser apenas ouvida.

NOTA — Não sendo possível, por falta de piano, pode ser substituída a etapa acima, sem prejuízo para o ensino.

- 4.º — Cantar a melodia algumas vezes para os alunos, sôzinhos e sem piano.
- 5.º — Cantar com os alunos, sem piano, até conseguir bom resultado.
- 6.º — Fazer com que as crianças cantem sôzinhas e sem piano, desenvolvendo a educação do ouvido e da atenção, adquirindo hábito de responsabilidade e ganhando confiança em si, requisitos necessários a todos os componentes de um côro.

7.º — Fazer, ao piano o acompanhamento do canto dos alunos, que já devem saber a melodia perfeitamente bem.

Para facilitar a compreensão de certos trechos em que haja dificuldades ou vícios, o uso dos gráficos dá excelentes resultados. Exemplo de um gráfico:



Durante as aulas, a professora deve exigir uma articulação perfeita das palavras, uniformidade e atitude correta, a qual tanto auxilia a boa respiração e a melhor emissão da voz, bem como ensinar cuidadosamente a emitir as vogais *a* e *e*, que não devem soar abertamente. É indispensável estimular sempre os alunos desatentos ou inativos, para que não deixem de tomar parte na execução. O canto pode ser feito em uníssono ou a duas e mais vozes.

Correlação de matérias

As aulas de Canto podem ser correlacionadas ao ensino das demais matérias do programa, quando necessário e oportuno, concorrendo também para atividades como dramatizações, projetos, comemorações, auditórios, clubes etc. O estudo dos episódios marcantes da história do Brasil, principalmente, dá ao ensino do canto excelentes motivos e ensejos.

Teoria musical e manossolfa

No 3.º ano e no 4.º podem ser dados alguns rudimentos de teoria manossolfa. Uma vez por mês, uma das aulas de canto pode ser substituída por esta parte, que deve ser dada na própria sala de aula, podendo o ensino obedecer ao seguinte:

FEVEREIRO

Recapitulação de algumas músicas do ano anterior.

MARÇO

A maré encheu (a duas vozes, Vila-Lôbos) — Avulsas.
Na Bahia tem (a duas vozes Vila-Lôbos) Avulsas.
Meu Brasil (em uníssono, Vila-Lôbos) — Avulsas.

ABRIL

O Guarani (a duas vezes, arranjo de J. G. Júnior) — *Avulsa*.
Canto do Pagé (a 3 vezes, Vila-Lóbos) — *Avulsa*.
Hino da cultura de afeto às nações — H. II Pág. 218.

MAIO

Mãe — H. II Pág. 156.
Pobre cega (a duas vezes Vila-Lóbos) — *Avulsa*.
Hino à Princesa Isabel (H. Tavares) — *Avulsa*.

JUNHO

Você diz que sabe tudo (a duas vezes Vila-Lóbos) — *Avulsa*.
Sinos (Armando Lessa) — *Avulsa*.

JULHO

Barcarola (J. Otaviano) — *Avulsa*.
Canção patriótica (P. A. Guintini) — *Avulsa*.
Vespéral (Lourenço Fernandez) — *Avulsa*.

AGOSTO

Alvorada na roça (a duas vezes, Vila-Lóbos) — *Avulsa*.
Terra Natal (Vila-Lóbos) — *Avulsa*.
Canção da mocidade — C. II Pág. 184.

SETEMBRO

A praia (a duas vezes Vila-Lóbos) — *Avulsa*.
Sete de Setembro — H. I Pág. 41.
Hino às árvores — H. II Pág. 172.

OUTUBRO

Herança de nossa raça (Vila-Lóbos) — *Avulsa*.
Madrugada (H. Tavares) — *Avulsa*.
Canção do ferreiro (Vila-Lóbos) — *Avulsa*.

NOVEMBRO

Oração à Bandeira (Pedro de Melo) — *Avulsa*.
Nota — O 4.º ano deve cantar com os demais anos do curso primário as músicas já aprendidas, principalmente os hinos e canções patrióticas.

Convenção — C. cancionero; H. hinário; I ou II: 1.º ou 2.º volume.

Sugestões de outras músicas: Luar do sertão (Ernani Braga); Hino à noite (Conceição Barreto); Canção do operário brasileiro (Vilalba Filho); Hino à Paz (H. I, 120); Hino à República (H. I, 46); Terra de Santa Cruz (C. II, 240); Tiradentes (Vilalba Filho); etc., etc.
Observação — A mínima dos compassos 13 e 25 da música "Se- te de Setembro" deve ser substituída por duas semínimas.

Sugestões de músicas sacras

Ave Maria — Harpa de São, pág. 208.
Salve, ó Virgem — Harpa de São, pág. 250.
Salutaris — Harpa de São, pág. 58.
Senhor, eu não sou digno — Harpa de São, pág. 118.
Hóstia santa, imaculada — Harpa de São, pág. 134.
Eu vos adoro — Harpa de São, pág. 121.
Que doce maná — Harpa de São, pág. 116.
Coração santo, tu reinaras — Harpa de São, pág. 139.
Cor Jesus, miserere nobis — Harpa de São, pág. 147.
Hino dos adoradores — Harpa de São, pág. 44.
Súplica — Harpa de São, pág. 40.
Canto de entrada — Cancioneiro, 2.º volume.
Hino a Santa Cecília — Hinário, 2.º volume.

Indicação de música para diversos anos do curso.

Coleção de seis canções infantis — João Gomes Júnior.
Canções brasileiras — Hekel Tavares.
Nossa música — João Gomes Júnior.

Observações

Foram aproveitadas as músicas do Hinário e do Cancioneiro Escolar, para a maioria das indicações, por ser esse material encontrado em quase todos os estabelecimentos de ensino.

E D U C A Ç Ã O F Í S I C A

A vida atual exige a educação intelectual, moral e cívica do homem, porém o seu desenvolvimento requer alicerce: — a educação do corpo, a Educação Física.

A Educação Física disciplina os músculos e a vontade, dá ritmo ao esforço e constância nas lutas.

Sendo sua obrigação primordial cooperar na formação da raça brasileira, contribuindo para fixar e exaltar os bons predicados de uma personalidade, pela aquisição de hábitos, habilidades e atitudes recomendáveis ao aumento de resistência orgânica e moral, a Educação Física desempenha o único papel que lhe pode ser atribuído. E é na sua execução que vamos encontrar benéfica influência no âmbito da formação da mentalidade cívica de nosso povo.

Partindo d'êste princípio, o professor de Educação Física deverá orientar suas lições, os exercícios e as práticas de modo a despertar em seus alunos o sentimento de civismo.

Na ordem de um simples movimento, de marcha ou cadência de uma ginástica ritmada, podemos descobrir elementos preciosos de disciplina, de domínio da vontade, fatores indispensáveis na conquista de qualidades de real valor cívico.

Aperfeiçoando o corpo e robustecendo-o, a juventude crescerá sã e forte, beneficiando não apenas a si mesma, mas sobretudo à Pátria.

E lutando contra a inércia, o sentimentalismo e o servilismo que a criança poderá livrar-se dos obstáculos que se opõem à formação de seu caráter, à sua elevação até o cidadão útil até o patriota entusiástico. E essa luta só poderá ser iniciada se a criança possui força de vontade, destreza, saúde, vitalidade, qualidades que lhe serão aumentadas e aqui criadas pela Educação Física consciente. isto é, *continuada, alternada, graduada, sistematizada e atraente.*

O ritmo é aconselhável a qualquer método. Ao compasso e ao som da música, os exercícios físicos despertam maior interesse, porque a música atua, forte e profundamente, em todo o nosso ser, em a nossa alma, em o nosso cérebro.

—

“O corpo e o espírito devem ser objeto da mesma solicitude, e o ser humano precisa ser desenvolvido integralmente”.

Devemos reagir enérgicamente e combater as causas do enfraquecimento físico, que provocam o enfraquecimento moral e mental.

A Educação Física bem compreendida não é um meio de se conseguirem massas musculares fortes, vigorosas. E' a conservação da saúde, o desenvolvimento harmonioso do corpo, a formação de hábitos e aptidões mentais, que resultem em bem da educação moral e intelectual.

A Educação Física forma o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resolutivo, cõscio do seu valor e das suas responsabilidades, pois torna-o mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais capaz, mais hábil, mais veloz, mais dextro, mais ágil e predisposto a resistir às intempéries, às

variações dos climas, a suportar os revezes da vida, a vencer dificuldades, a triunfar nos perigos e obstáculos.

Um exame característico das atividades físicas mostrará quão ricas e valiosas elas são e quão importantes se tornam para a moral, na escola, treinando caracteres.

—

A Educação Física será corretiva, porque visa assegurar uma boa postura do corpo; porque combate e sedentariedade: porque corrige as constituições franzinas e defeituosas, pela respiração abundante, pelos movimentos coordenados; porque corrige os defeitos físicos adquiridos e minoras os que são congênitos; porque corrige, regularizando, as funções fisiológicas, fortalecendo e ampliando o tórax, ativando uniformemente a circulação, facilitando a eliminação residual.

Os exercícios devem ser conduzidos de tal forma que produzam os efeitos que deles se esperam: saudável atividade dos sistemas circulatórios, excretórios, muscular e nervoso.

A Educação Física será recreativo, porque recreia o espírito, dando o prazer e a alegria, tão necessários à vida como o pão. Para se auferirem dela todos êsses benefícios é mister que seja articulada com o ensino das demais disciplinas, com as quais deve formar um conjunto harmônico.

A prática, porém, deve ser orientada de tal modo que não sejam escolhidas atividades inadequadas à constituição dos educandos, evitando abusar-se das possibilidades de cada um, o que acarretará o esgotamento, a fadiga, em prejuízo do desenvolvimento normal do esqueleto, e concorrerá para o desequilíbrio das funções orgânicas. A diminuição da capacidade de estudo, a perda do peso e do apetite, a astenia geral são as conseqüências de abusos, que se devem evitar na escolha e na graduação metódica dos exercícios.

—

Tudo fará o professor para que se evite submeter ao mesmo exercício crianças que nunca foram examinadas, de coração deficiente, de órgãos cujo funcionamento se ignora e portadores de defeitos físicos. A fadiga não é a mesma para todos: os resultados não são idênticos.

Conhecer, pois, a marcha do desenvolvimento físico e o estado de saúde de seus alunos é indispensável ao professor. Constitui base em que se poderá firmar e orientar o ensino, para que seja feito racionalmente.

Com esses conhecimentos é que poderá o professor obter o agrupamento homogêneo das crianças para a prática da Educação Física, obedecendo não apenas à idade cronológica e escolar, mas essencialmente, tipos morfofisiológicos, diagnosticados previamente pelo exame médico e antropométrico.

O agrupamento homogêneo é executado pela comparação dos dados biométricos de cada aluno com os das escalas avaliadas para esse fim, obtidas por meio de dados estatísticos. Não existindo, entretanto, até agora, entre nós, as referidas escalas, as medições serão feitas, inicialmente, com o objetivo de colher os dados que futuramente servirão para a organização das escalas.

A classificação por grupos obedecerá à seguinte ordem :

1.º grupo — crianças cujas qualidades morfofisiológicas se grupam em torno do mínimo normal e do máximo;

2.º grupo — crianças cujas qualidades morfofisiológicas se encontram no mínimo da escala. Entre estas se incluem as crianças cuja desproporção entre o peso e a altura é excessiva, demonstrando desnutrição acentuada ou que são portadoras de estado doentio passageiro, não incompatível com a Educação Física;

3.º grupo — crianças que apresentam insuficiências notáveis, susceptíveis de correção, mediante exercícios especiais. Este grupo será decomposto em tantos subgrupos quantas forem as necessidades de exercícios especiais.

Esses três grupos podem ser reunidos em duas turmas básicas:

1.º — normais — constituídas pelas crianças do 1.º grupo;

2.º — deficientes — constituídas pelas crianças do 2.º grupo e do 3.º.

Será a maneira mais racional de se adaptarem os trabalhos às necessidades atuais da escola.

Assistência médica — Ao médico, como colaborador que é do professor de Educação Física, sempre se reserva um papel saliente na Escola.

O exame dos alunos, separando-os em grupos de normais e débeis orgânicos, fornecerá meios ao professor de selecionar as crianças de modo que se possa "pedir e dar a elas o que é adequado ao seu desenvolvimento".

O médico indicará os alunos que devam ser excluídos das atividades físicas ordinárias, mostrando deficiências e prescrevendo exercícios especiais apropriados às condições físicas desses alunos.

O médico escolar iniciará suas atividades após o começo do ano letivo.

Exame antropométrico — O exame antropométrico, determinando o valor físico do examinando, de modo a satisfazer, embora su-

marriamente, às necessidades da divisão em turmas homogêneas, fornece dados para a verificação dos resultados da Educação Física.

O exame antropométrico será feito pelo professor, com auxílio da enfermeira escolar, onde houver, limitando-se a número indispensável de medidas necessárias à classificação do estado físico das crianças, suas deficiências e excessos.

As medidas efetuar-se-ão pelo menos uma vez por ano e no princípio do ano letivo e o confronto entre elas deverá ser feito para que o professor assinale as diferenças de desenvolvimento, no lapso de tempo decorrido, e tenha base segura para avaliar os resultados dos exercícios.

A apuração das medidas será feita com o maior critério, a fim de que não haja prejuízo nos objetivos visados.

Ficha de educação física — Os resultados dos exames serão consignados em ficha iniciada quando a criança começa a sua educação física e a acompanhará, quando se transfira para outro estabelecimento.

As medidas indispensáveis são:

Estatura

Peso

Perímetro torácico

Envergadura (para os alunos do 4.º ano).

O material necessário à tomada dessas medidas resume-se no seguinte:

Uma balança

Uma toesa

Uma fita métrica, metálica sempre que possível.

O exame biométrico será feito, em igualdade de condições, quando as crianças estejam em repouso.

Peso — Com o mínimo de vestuário possível. O aluno ficará imóvel no centro do estrado da balança, que deve ter sido cuidadosamente aferida. Registrar-se-á o peso com precisão até 100 grs., evitando-se tomá-lo depois das refeições principais.

Estatura — Deve ser tomada com o aluno em posição ereta, descançado, de costas para a toesa, tocando a parede com os calcanhares unidos (ponta de pés abertas), com as nádegas e o dorso, a cabeça orientada segundo o plano horizontal. A medida da altura ou estatura pode ser feita por qualquer processo, inclusive por meio de uma fita métrica, em boas condições, esticada e colada convenientemente a uma parede vertical. O antropômetro ou uma boa toesa constituem os processos de manejo mais aproveitáveis.

Perímetro torácico — Meninos: na altura do apêndice xifóide; meninas: sob as axilas. Registrar-se-ão os dados em centímetros. Ter-se-á cuidado para que a fita não fique torcida e esteja em perfeita

horizontalidade. Tomar-se-ão três medidas: da criança em repouso, inspirando e expirando. Essas medidas devem ser tomadas diretamente sobre a pele.

Elasticidade torácica — Será obtida pela diferença entre as medidas tomadas em inspiração e expiração.

Envergadura — Em pé, de costas para o quadro mural, tocando a parede com as nádegas e o dorso: abrir os dois braços horizontalmente, as mãos espalmadas com o dorso voltado para a parede. Medir a distância entre as extremidades dos dedos médios. Registrar em centímetros.

Observações do professor — na ficha de Educação Física há espaço para as observações do professor, no qual será anotado o que no organismo do aluno houver de extraordinário, não previsto pelo exame biométrico ou clínico.

Por essas observações se orientará a correção de hábitos prejudiciais e serão prescritos hábitos de higiene que o aluno deve adquirir.

As seguintes regras e preceitos de higiene devem ser observados pelo professor em relação ao aluno:

Local — As aulas de educação física devem ser, de preferência, dadas ao ar livre.

Em caso de mau tempo, chuva ou sol excessivo, utilizar-se-á o professor de galpões ou pátios cobertos.

Os exercícios, partindo das posições de sentado ou deitado, nunca devem ser praticados em pátios úmidos, empoeirados ou cheios de gorgulhos. Devem ser preferidas as áreas gramadas, cimentadas, ladrilhadas ou assoalhadas, rigorosamente limpas. No caso de se dispôr de áreas cimentadas ou ladrilhadas, deve-se evitar que as crianças permaneçam longo tempo deitadas.

Não se deve colocar a classe frente para o sol ou para paredes claras.

Horas de trabalho — As horas de trabalho devem ser fixadas de maneira a não perturbar a digestão dos alunos.

Os exercícios físicos, não podendo ser feitos às primeiras horas da manhã ou às últimas da tarde, deverão começar duas horas pelo menos depois das principais refeições e terminar cerca de uma hora antes das mesmas.

Uniforme — Para a prática da Educação Física é necessário que as roupas sejam amplas, não comprimam o tórax, o abdômen, o pescoço, as pernas ou os braços. O uso de um uniforme apropriado, de acordo com a estação, é recomendável.

Temperatura e condições climáticas — Levar-se-á na maior

consideração a temperatura, ao se organizarem e ao se conduzirem os exercícios.

Terminada a aula, tomar-se-ão os cuidados necessários ao associo.

Fadiga — O trabalho físico nunca deve ser levado até o estafamento. Uma fadiga ligeira que desaparece depois de alguns minutos de repouso não deixa traços prejudiciais no organismo; não acontece o mesmo com a estafa que é acompanhada de inapetência e de insonia, lassitude geral e mesmo de febre.

O professor deverá conhecer os sinais gerais e particulares da fadiga, a fim de moderar o ardor dos alunos cuja resistência geral pareça um pouco forçada. Evitará adicionar uma fadiga física excessiva ao cansaço intelectual, casos possíveis nos últimos anos do curso primário.

Fará que executem exercícios fáceis, de caráter recreativo, que requeiram um mínimo de despesas nervosas.

A educação física elementar ou pré-pubertária

Interessa às crianças de 4 a 13 anos, mais ou menos

Neste período, a criança, em pleno crescimento, tem, antes de tudo, necessidade de uma saúde vigorosa. A E. F. que ela deve mento das grandes funções respiratórias e circulatória, bem como praticar será higiênica e corretiva, com tendência ao desenvolvimento articular, e educação do sistema nervoso, sem, contudo, visar desenvolver sistematicamente os músculos.

O ciclo elementar subdivide-se em 4 graus:

1.º grau — 4 a 6 anos;

2.º grau — 6 a 9 anos;

3.º grau — 9 a 11

4.º grau — 11 a 13 anos, sempre, porém, impondo-se a homogeneidade de seus componentes. A E. F. deverá ser objeto de vigilância constante do médico, sempre que se possa obter a colaboração deste. Para a classificação inicial nenhuma prova será exigida, além do exame médico.

JOGOS

O uso dos jogos tem profunda significação no concernente ao indivíduo e à coletividade, através dos seus efeitos de conservação da vitalidade física, moral e social. Os valores educacionais dos jogos só podem ser apreciados por quem tenha reparado de perto os seus efeitos. As crianças que são desanimadas, retardadas, indolentes; que observam pouco o que as cerca; que reagem vagarosa-

mente a um estímulo externo; que são numa palavra, lentas para ver, ouvir, pensar e fazer, podem ser completamente libertadas dessas deficiências, por meio de jogos inteligentemente ministrados. Os interesses naturais de uma criança normal levam-na a preferir jogos diferentes em diferentes períodos do seu desenvolvimento. Suas próprias forças na sua evolução natural procuram instintivamente elementos do jogo que contribuem para a satisfação das tendências próprias das fases do seu desenvolvimento. Os jogos constituem a forma de ginástica mais apropriada às indicações da vida escolar. *Adaptam-se às aptidões físicas da criança, como às suas necessidades morais.* São, ao mesmo tempo, higiênicos e recreativos. Os jogos, entretanto, não podem constituir, por si sós, um método completo de Educação Física. É necessário que sua ação seja continuada e completada por exercícios cuja técnica, sob o ponto de vista fisiológico e mecânico, influa com efeitos mais intensos e bem determinados sobre as grandes funções e as faculdades motoras. Os jogos devem ser praticados com liberdade, com entusiasmo e com a máxima alegria. Devem ser classificados pelos seus característicos com relação aos interesses da criança nas suas diversas fases de desenvolvimento. Na classificação baseada no interesse, observamos que a ordem dos grupos é a seguinte:

a) *Jogos de personificação* — São aqueles em que a criança se encarna numa personalidade humana, ou num animal, ou cousa, vivendo o papel que representa, apelando para o próprio senso dramático e imaginativo, como, por exemplo: — imitar um ratinho, um gato, um galo que canta, um gigante, um médico, etc. Está ela em um período de egocentrismo acentuado, em que, jogando sozinha, é, ao mesmo tempo, causa e efeito, isto é, realiza e sente a satisfação do jogo isolada do próprio ambiente, o qual não se acha relacionado com o cenário por ela idealizado.

b) *Jogos de ataque e defesa, de objetivação direta e concreta* — São jogos que conservam os mesmos característicos da personificação dos precedentes, aumentados com a introdução de um companheiro, e em que o atacante experimenta a emoção de domínio; e o atacado, a de defesa. Exemplos: — “O gato e o rato”, “O caçador e o veado”, etc.

Tanto os primeiros como estes são jogos de pouca duração e que atingem o objetivo rapidamente, envolvendo pouco poder de atenção e resistência física; requerem pouca agilidade e as suas regras são rudimentares. *São jogos que enfraquecem, na criança, a predominância da consciência do eu e estimulam, pouco a pouco, a aquisição do interesse pelo contacto com os companheiros.*

c) *Jogos em grupo* — São jogos constituídos de leis rudimentares (regras) às quais a criança se submete com extraordinária es-

pontaneidade, contribuindo com a sua justiça intuitiva para a boa prática dos mesmos (acordos momentâneos).

A criança continua exercitando-se nas tendências descritas nos jogos anteriores, aparecendo agora novos elementos, capazes de desenvolver as qualidades de associação. *Ela atua e sente com a alma do grupo, ensaiando, de tal maneira, o próprio espírito de cooperação, sacrifício, iniciativa própria e sugestão, e de coragem própria ou refletida do grupo.* Tais jogos aparecem no período de transição entre o sentimento egocêntrico e o gregário. Exemplos: — “Corra seu urso”, “Nunca três”).

d) *Jogos de grupo contra grupo, com participação individual por ordem* — São jogos em que dois lados se opõem, em que cada membro de cada grupo atua um contra o outro, de cada vez. Este grupo é uma progressão do anterior, com os seguintes característicos específicos: *a criança tem atuação própria, porém, controlada pela responsabilidade que assume para com o grupo de que faz parte; desenvolve a acuidade visual; acentua a própria destreza de movimentos; a própria iniciativa; a confiança em si; inicia o espírito de tática para resolver, com rapidez e eficiência, as situações do momento.* Exemplo: Apanhar o lenço.

e) *Jogos de grupo contra grupo, com participação coletiva* — São jogos em que todos os jogadores participam ao mesmo tempo de atividades coordenadas. Cada um trabalha de per si, concorrendo para a satisfação das suas emoções, e é, ao mesmo tempo, impellido pela responsabilidade na conquista do ideal coletivo do grupo de que faz parte. Na atuação, o jogador tem que atender não só aos ditames da sua consciência, dirigida pelos estímulos ambientes, como também à influência direta emanada dos companheiros.

As regras já são em si definidas e oferecem aos jogadores situações em que cada um ora as aplica, ora se submete a elas.

Há um treinamento da mútua subordinação entre o sistema nervoso e muscular, manifestada na rapidez quase instantânea entre a formação das imagens nos centros dos sentidos e a sua transformação em ação motora; rapidez essa imposta pelas circunstâncias em que se apresentam os estímulos indicando a ação. Exemplo: — Branco e preto.

f) *Jogos de “team”* — Entraremos agora a tratar dos jogos de “team”, que encerram em si todas as leis sociais, na sua mais alta expressão. Segue-se, até essa fase, passo a passo, a evolução do jogo associada ao desenvolvimento da criança e com os jogos de “team” entra-se em esfera de vasta extensão.

Em vista dos objetivos tão complexos dos jogos de “team”, necessário é um preparo prévio do educando, por meio de outros que

abram tôdas as válvulas de descongestionamento das tendências predominantes em cada fase de sua evolução.

Chegando a êsse ponto, nota-se que alguns característicos declinam e outros, igualmente pronunciados, tomam seus lugares. Todos trabalham juntos para um fim comum, imediato — a vitória.

O principal característico dos jogos de "team" é a cooperação de todos.

Os traços de caráter requeridos e cultivados por um trabalho em "team" são altamente valiosos na vida pública e social.

Essa classe de jogos requer o máximo de força de percepção, e habilidade para agir rápida e acertadamente, em uma situação de mudanças bruscas; requer raciocínio e julgamento rápido.

Alinhamentos

Em linha, em duas fileiras

Em linha, em três fileiras

Passar de coluna por um a coluna por dois

Passar de coluna por dois a coluna por quatro

Fora de forma e reunir

Maneiras de tomar e verificar distâncias

Direita (esquerda) — volver!

Um passo à frente (retaguarda)

Um passo à esquerda (direita)

Oitava à direita (esquerda) — volver!

Meia volta (a pé firme) — volver

Meia volta (em salto) — volver!

Meia volta (com passada à frente) — volver!

Meia volta (com passo cruzado) — volver!

2) Evoluções:

Marcha normal em diferentes cadências

Marcha batendo com os pés

Marcha com canto

Marcha em círculo

Marcha em serpentina

Marcha em espiral

Formar em oitô

Marcha dos ginastas

Formar os pequenos círculos interiores e exteriores

Formar as asas do moinho

Marcha em estrêla

Marcha para frente, para trás, para o lado

Marcha trocando o passo

Meia volta em marcha

Meia volta — volver! Alto!

Mudança de direção à esquerda (à direita) — volver!

3) Flexionamentos

a) Posições de partida:

Posição fundamental

Mãos nos quadris

Afastamento lateral

Grande afastamento lateral

Afastamento para a frente

Sentado: pernas afastadas

Deitado

b) Flexionamentos dos braços

Levar as espáduas para a frente e para trás

Flexão dos antebraços (difs. planos)

Elevação horizontal dos braços (difs. planos)

Elevação horizontal dos braços com flexão e extensão das mãos (difs. planos)

Sessão preparatória

1) Formações e exercícios de ordem

Em linha, em uma fileira

Em coluna por um

Elevação vertical dos braços (difs. planos)

Elevação vertical dos braços com flexão e extensão das mãos (difs. planos)

Elevação dos braços à frente e afastamento para trás

Elevação dos braços à frente, seguida de afastamento para trás com flexão e extensão das mãos

Flexão dos antebraços com extensão dos braços para a frente, vertical e lateral

Elevação lateral dos braços, com flexão dos antebraços no plano horizontal

Elevação lateral dos braços, com flexão dos antebraços no plano vertical

c) Flexionamentos das pernas:

Mãos nos quadris: elevação do joelho (difs. planos)

Mãos, nos quadris: elevação do joelho à frente e afastamento lateral

Mãos nos quadris: elevação da perna estendida (difs. planos)
Mãos nos quadris: elevação do joelho, extensão da perna (difs. planos)

Grande afastamento lateral, mãos nos quadris: flex. alt. das pernas

Mãos nos quadris: flexão e ext. das pernas (joelhos afastados)

Mãos nos quadris: flexão e ext. das pernas (joelho e pés unidos)

Mãos nos quadris: circundação da perna de frente para trás (de trás para a frente)

Mãos nos quadris: meia flexão das pernas, ext. lateral de uma perna

Deitado: elevação alternada das pernas

Deitado: elevação dos joelhos, ext. das pernas

Deitado: elevação das pernas estendidas

d) Flexionamentos do tronco:

Mãos nos quadris: abrir para a frente, oblíquo e lateral

Afastamento lateral, mãos nos quadris: inclinação lat. do tronco:

Mãos nos quadris: afastamento para a frente com rotação do tronco

Sentado, pernas afastadas, mãos nos quadris: rotação do tronco

Afastamento lateral: flexão e ext. do tronco

Afastamento lateral, mãos nos quadris: circunlação do tronco

Afastamento lateral, mãos nos quadris: rotação e flexão do tronco

Sentado, pernas afastadas, mãos nos quadris: rotação e flexão do tronco

Deitado: flexão do tronco

e) Flexionamentos combinados:

Afastamento para a frente com elevação vertical dos braços, seguida de elevação do joelho à frente e flexão dos antebraços no plano vertical

Abriu para a frente, oblíquo e lateral com elevação vertical dos braços

Flexão do tronco com elevação lateral dos braços e extensão da perna estendida para trás

Afastamento lateral com elevação vertical dos braços, seguida de flexão do tronco

f) Flexionamentos assimétricos:

Deslocamento vertical de um antebraço e horiz. de outro

Tocar o sino com um braço e girar a manivela com o outro

Círculo das mãos em sentidos opostos

Simultaneamente: elevação horiz. de um braço à frente e lateral do outro

Simultaneamente: elevação lateral de um braço e vertical do outro

Elevação lateral dos braços, flexão dos antebraços, um no plano horizontal e outro no plano vertical

Afastamento lateral, circundação dos braços em sentidos opostos

g) Flexionamentos da caixa torácica:

Levar alternadamente as espáduas para a frente e para trás com circundação das espáduas

Com elevação dos braços flexionados

Com elevação dos braços estendidos

Com circundação dos braços flexionados

Com flexão e extensão do tronco

Lição própria dita

1) Marchar

a) Exercícios educativos:

Marcha na ponta dos pés

Marcha com elevação dos joelhos

Marcha nos calcanhares

Marcha com extensão

Marcha alongada com grande balançamento dos braços

Marcha alongada com o tronco flexionado

b) Aplicações:

Marcha alongada rápida

Marcha em cadência viva

2) Trepar

a) Exercícios educativos — suspensões:

Suspensão inclinada

Suspensão inclinada: braços flexionados

Suspensão inclinada: elevação do joelho
 Suspensão inclinada: elevação da perna estendida
 Suspensão inclinada: flexão dos braços
 Suspensão inclinada: afastar e aproximar as mãos
 Suspensão alongada: elevação do joelho
 Suspensão alongada: elevação dos joelhos
 Suspensão alongada: elevação da perna estendida
 Suspensão alongada: elevação lateral das pernas
 Suspensão alongada: elevação dos joelhos e extensão das pernas

b) Exercícios educativos — apoios:

Apoio de frente em uma parede, numa barra ou no solo
 Apoio de frente em uma barra ou sobre o solo: passar ao apoio
 sobre um braço

Apoio de frente em uma parede, numa barra ou no solo: flexão
 dos braços

Marchar sobre a trave para a frente, para trás, e de lado

c) Aplicações:

Passagem da trave colocada a 1 metro de altura

3) Saltar

a) Exercícios educativos:

Balanceamento dos braços com flexão coordenada das pernas
 Lançar para a frente
 Saltitar: pernas estendidas
 Saltitar: com afastamento lateral das pernas
 Saltitar: com afastamento das pernas para a frente e para trás
 Saltitar: cruzando as pernas
 Saltos no mesmo lugar com elevação dos joelhos
 Salto no mesmo lugar: com extensão do tronco e elevação ver-
 tical dos braços

Saltos no mesmo lugar: lançando uma perna para a frente e
 outra para trás

Saltos no mesmo lugar: com elevação simultânea das pernas
 estendidas

Saltos no mesmo lugar: com elevação alternada das pernas
 estendidas

Pular na corda

Saltar em distância (altura) com um, dois, três ou quatro passos
 de impulso

Saltar em distância (altura) com impulso, determinando-se o
 pé que deve dar o impulso

Saltos sucessivos em altura
 Saltos sucessivos em distância

b) Aplicações:

Salto em distância sem impulso

Salto em altura, de frente, sem impulso

Salto em altura de lado, sem impulso

Salto de lado, com apoio de uma das mãos, à direita, à es-
 querda

4) Levantar e transportar

a) Exercícios educativos:

Transportar um objeto sobre a cabeça

Passar de lado objetos diversos

Passar por entre as pernas objetos diversos

Passar por cima da cabeça objetos diversos

Passar em uma escada objetos diversos

O cântaro ou o pote de manteiga

Levantar um camarada deitado, com o corpo retesado, seguran-
 do-o sob a nuca; pô-lo em pé

b) Aplicações:

Transporte de um camarada por dois outros (a cadeirinha)

5) Correr

a) Exercícios educativos:

Estudo da passada, no mesmo lugar

Elevação alternada dos joelhos

Estudo da passada correndo

Passadas intercaladas de dois ou três saltos

b) Aplicações:

Corrida com esquiva

Corrida por lance, deitando no fim de cada lance

Corrida em andadura moderada (passada longa)

Corrida com o tronco flexionado

Corrida de velocidade

Corrida de revezamento

6) Lançar

a) Exercícios educativos

Todos os do 3.º ano

b) Aplicações:

Lançamento de objetos leves com o braço flexionado

Lançamento de objetos leves com o braço estendido

Lançamento de objetos leves por balanceamento do braço, de trás para a frente

7) Atacar e defender-se

a) Exercícios de oposição — Os mesmos do 3.º ano

b) Lutas de tração e repulsão:

Empurrar pelas costas um camarada que resiste

Luta da resistência, pelo punho

Deslocar um adversário, segurando-o pelo punho

Luta de tração pelos braços

Luta de repulsão, dois a dois, de frente (braços flexionados)

Luta de bastão, com uma ou duas mãos

Luta de bastão, (sentado, dois a dois)

Luta de repulsão com vara (dois a dois)

Luta de tração com vara (dois a dois)

Luta de tração com corda, de frente (dois a dois)

Luta de tração, com corda, de dorso (dois a dois)

Luta de repulsa com vara (por turmas)

Luta de tração com vara (por turmas)

Luta de tração com corda de frente (por turma)

Luta de tração com corda, de dorso (por turma)

8) Jogos

(Dentro do espírito e da organização dos seguintes exs.)

Quebra-canela em coluna

Levar o porco à feira

Corrida de cangurú

Hand-ball

Bola ao triângulo

c) Volta à calma

1) Marcha lenta com exercícios respiratórios

2) Marcha com canto ou assobio

3) Alguns exercícios de ordem, curtos e variados.

*

EDUCAÇÃO SANITÁRIA

Preceitos sobre as imunizações — O crupe ou difteria é doença que pode ser evitada. Logo que a criança complete 6 ou 8 meses, deve ser vacinada contra a difteria. Procure a repartição sanitária mais próxima que faz a vacina gratuitamente. O crupe continua existindo em muitas das nossas cidades e matando todos os anos muitas crianças porque a vacina só é procurada quando aparecem casos de crupe. (Do S.P.E.S., de Minas Gerais).